

8
BUTT

L

27

2
24827

OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

I

(CAMÕES)

B.F.

5175

~~7490~~
F. S. V. G.
D. D.

~~3168~~

NA IMPRENSA NACIONAL

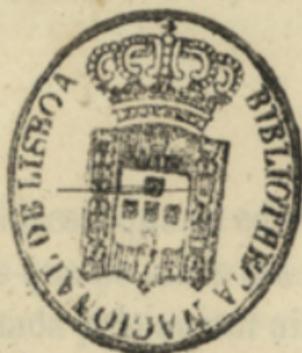
B 24827

CAMÕES

PELO

V. DE ALMEIDA-GARRETT.

QUINTA EDIÇÃO.



LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS.

1858.

CAMÕES

V. DE ALMEIDA-GARRETT.

QUINTA EDIÇÃO.



LISBOA

EM CASA DE VILTA N.º 112, RUA DE S. CARLOS, 112.

1858

NA QUARTA EDIÇÃO.

Concluimos emfim esta quarta edição authênica do poema Camões que ha tanto era desejada. Foi revista e augmentada pelo auctor ainda com mais escrupulo e esmêro do que as antecedentes, que nenhuma d'ellas, e ésta menos que nenhuma, se póde dizer reimpressão da antecedente: todas teem sido additadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegancia typographica da presente edição tambem é facil de ver quanto ex-

cede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo auctor á excessiva indulgencia e favor publico com que ésta obra tem sido universalmente accollhida.

Lisboa, 21 de Março

1854.

NA TERCEIRA EDIÇÃO.

Démos a segunda edição authênctica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no só consummo da Europa, pois que as contrafeições brazileiras impedem o da America. Vem tam demorada ésta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu-se emfim a satisfazer ao impinho do público: e hoje sai outra vez o poema Camões mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correccão, additamentos e melhorias que leva.

cede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo auctor á excessiva indulgencia e favor publico com que ésta obra tem sido universalmente acolhida.

Lisboa, 21 de Março

1854.

NA TERCEIRA EDIÇÃO.

Démos a segunda edição authênica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no só consummo da Europa, pois que as contrafeições brazileiras impedem o da America. Vem tam demorada ésta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu-se emfim a satisfazer ao impenho do público: e hoje sai outra vez o poema Camões mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correccão, additamentos e melhorias que leva.

VIII

Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar lugar aqui e para mais illustrar ésta nossa terceira edição, a elegantissima ode de M.^{lle} Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida collecção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris 1841). Aopé.d'ella achará o leitor, no lugar competente, a linda traducção que dedicou ao nosso illustre poeta um de seus mais distinctos admiradores, o Sr. J. M. do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

Lisboa, 8 de Julho

1844.

NA SEGUNDA EDIÇÃO.

A primeira edição d'este poema, que se concluiu em Paris em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dous annos pelo ingenuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escriptos a tanto por linha nas columnas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscripto: apenas se annunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um anno depois de publicada e mais de meia extrahida a edição, é que d'ella se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema Camões. Mas primeiro as vicissitudes politicas do reino e occupações graves do auctor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, aperfeiçoando e corrigindo em idade de mais reflexão o que elle sinceramente intendia que só lhe fôra descul-

pado por verdura juvenil, foram addiando indefinidamente a execução d'este que era commum desejo do auctor e do público.

No entretanto contrafeições brazileiras reproduziram as primeiras edições d'esta assim como de outras obras do auctor: estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar ás horas do descanso de suas occupações para corrigir a obra e a intregar de novo ao prelo.

Muitas publicações litterarias nacionaes e estrangeiras tinham, no intervallo, examinado, censurado e louvado o Poema Camões. Entre outros jornaes, o *Portuguez em Londres*, o *Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quarterly Review*, e ultimamente a *Revista do Porto*. Cada um a seu modo e gôsto notou o que lhe pareceu belleza ou defeito: todos porêem o fizeram com urbanidade e indulgencia tal, que não só pinhorou o auctor mas produziu em seu ânimo o que infallivelmente produz sempre a censura bem-criada—o contrário das invectivas grosseiras que hoje são moda—desejo e impenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si proprio descobrira e de que se accusava.

N'este intuito releu o seu juvenil insaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e tractaria inteiramente em novo plano. Resolveu porêem não o fazer,

porque embora ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não ja a mesma: e entendeu ser quasi um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e titulo, uma composição differente da que ja merecêra, ainda que por insigne indulgencia, a sua incontestada approvação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o stylo, a supprir algumas não poucas defficiencias no desenho de varios quadros, a aperfeiçoar as côres de todos, inriquecendo-o e augmentando-o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que n'esta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessarias á intelligencia do texto, ou uteis para illustrar alguns pontos de archeologia e historia litteraria, foram augmentadas. Repettimos que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmêro e cuidado: algumas pequenas incoherencias orthographicas são devidas á incerteza da medida legítima entre nós, que o auctor tanto tem forcejado por fixar, afferindo-a pelo seu unico typo verdadeiro e possivel, a etymologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Setembro

1839.

NA PRIMEIRA EDIÇÃO.

A indole d'este poema é absolutamente nova ; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras ; e que, se pelos principios classicos o quizerem julgar, não encontrarão ali senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde ja que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o stylo de Byron, que tam

ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os Francezes a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal ingenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, offusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico nem romantico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em cousa nenhuma); e porisso me deixo ir por onde me levam minhas ideas boas ou más, e nem procuro converter as dos outros nem inverter as minhas nas d'elles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu abhorreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos *Lusiadas*; os outros successos que occorrem são de facto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fábula ou inrêdo dos *Lusiadas* e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difficil ao leitor o distinguir no meu opusculo o historico do imaginado: mas não separará decerto muita cousa, porque das mesmas ficções que introduzi têm sua base verdadeira as mais d'ellas.

Sôbre orthographia (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, só os puz onde sem elles a palavra se confun-

diria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racional em Portuguez: o que tam facil e simples seria se a nossa academia e govêrno em tam importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de Fevereiro

1825.

AO ILL.^{NO} E EX.^{NO} SR.

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT.

Son nom suffi à sa gloire

J. J. ROUSSEAU.

Publicou-se ultimamente em Paris um opusculo que contém algumas poesias de M.^{llo} de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao auctor do poema Camões. Tentei traduzi-la, e eis-aqui a minha traducção tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadivas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro

1842.

José Maria do Amaral.

A M. DE ALMEIDA-GARRETT.

SUR SON POÈME DU CAMÕES.

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
 Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
 Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
 Consolé, radieux,
 Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
 Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
 Dans le temple désert as-tu porté des vœux?
 Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
 S'ouvrit-elle à tes yeux?
 Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
 Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
 Sur ton front pâllissant d'une terreur divine?
 As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
 Fuir ton genou tremblant?
 As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
 Vu des feux se croiser dans l'air étincelant:

AO SR. ALMEIDA-GARRET.

SÔBRE O SEU POEMA CAMÕES.

Cantor mavioso do Cantor do Gama,
 Estro sublime em lyra alti-sonante!
 Ao teu cantar se move e resuscita,
 Ovante e ja sem mágoas,
 D'ingrato sec'lo o bardo mal-prezado,
 Heroe que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou? — Fizeste votos
 No silencio da noite, em ermo templo?
 E em teu orar que viste? — Erguer-se a campa
 Do desprezado tumulto?

Ouviste ecoar pela calada nave
 Em graves sons cantar mysterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
 Sôpro ligeiro, qual corisco ardente?
 N'esse pavor faltaram-te, arquejante,
 Os tremulos joelhos?

Viste, como esse que em delirios arde,
 No ar coruscante scintilarem fogos?

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse !
 Sur le char embrasé qui porte le soleil ?
 Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
 Quand, fuyant le sommeil,
 Tu chantaï, attendant l'aurore au front vermeil,
 Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse ?

Plandez d'un vol égal aux séjours éthérés,
 Aigles ! allez de front sur vos ailes géantes !
 Dites vos fiers aïeux au noir cap des tourmentes ;
 Bardes, vos chants sacrés
 S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes,
 Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
 Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant ;
 Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles

 Brillent au firmament.
 Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
 Même encens vous est dû, même autel vous attend !

P. de Flaugergues.

B 24827

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Dêmos a segunda edição authênctica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no so consummo da Europa, pois que as contrafeições brazileiras impedem o da America. Vem tam demorada ésta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Fal-

tava-lhe vagar; mas resolveu-se emfim a satisfazer ao impenho do público: e hoje sai outra vez o poema Camões mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correcção, additamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar logar aqui e para mais illustrar ésta nossa terceira edição, a elegantissima ode de M.^{lle} Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida collecção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris 1844). Aopé d'ella achará o leitor, no logar competente, a linda traducção que dedicou ao nosso illustre poeta um de seus mais distinctos admiradores, o Sr. J. M. do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

Lisboa, 8 de Julho 1844.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição d'este poema, que se concluiu em Paris em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dous annos pelo ingenuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escriptos a tanto por linha nas columnas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscripto: apenas se annunciava entre os amigos, ao ouvido. So um anno depois de

publicada e mais de meia extrahida a edição, é que d'ella se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 ja se reclamava segunda edição do poema Camões. Mas primeiro as vicissitudes politicas do reino e occupações graves do auctor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, apperfeiçoando e corrigindo em idade de mais reflexão o que elle sinceramente intendia que so lhe fôra desculpado por verdura juvenil, foram addiando indefinidamente a execução d'este que era commum desejo do auctor e do público.

No entretanto contrafeições brazileiras reproduziram as primeiras edições d'êsta assim como de outras obras do auctor; estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar às horas do descanso de suas occupações para corrigir a obra e a intregar de novo ao prelo.

Muitas publicações litterarias nacionaes e es-

trangeiras tinham, no intervallo, examinado, censurado e louvado o Poema Camões. Entre outros jornaes, o *Portuguez em Londres*, o *Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quarterly Review*, e ultimamente a *Revista do Porto*. Cada um a seu modo e gôsto notou o que lhe pareceu belleza ou defeito; todos porêm o fizeram com urbanidade e indulgencia tal, que não so pinnhorou o auctor, mas produziu em seu ânimo o que infallivelmente produz sempre a censura bem-criada—o contrário das invectivas grosseiras que hoje são moda—desejo e impenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si proprio descobrira e de que se accusava.

N'este intuito releu o seu juvenil insaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e tractaria inteiramente em novo plano. Resolveu porêm não o fazer, porque embora

ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não ja a mesma: e intendeu ser quasi um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e titulo, uma composição differente da que ja merecêra, ainda que por insigne indulgencia, a sua incontestada approvaçãõ.

Sem alterar portanto a contêxtura original do poema, todo se deu a corrigir o stylo, a supprir algumas não poucas defficiencias no desenho de varios quadros, a apperfeição as côres de todos, inriquecendo-o e augmentando-o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que n'êsta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessarias á intelligencia do texto, ou uteis para illustrar alguns pontos de archeologia e historia litteraria, foram augmentadas. Repettimos

que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmêro e cuidado: algumas pequenas incoherencias orthographicas são devidas á incerteza da medida legitima entre nós, que o auctor tanto tem forcejado por fixar, afferindo-a pelo seu unico typo verdadeiro e possivel, a etymologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Septembro 1839.

NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A indole d'este poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arri-
masse, nem norte que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e
que, se pelos principios classicos o quizerem
julgar, não incontrarão ahi senão irregulari-
dades e defeitos. Porém declaro desde ja que
não olhei a regras nem a principios, que não
consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui in-

sensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o stylo de Byron, que tam ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os Francezes a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal ingenho e tal talento que, com um so lampejo de sua luz, offusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico nem romantico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em cousa nenhuma); e porisso me deixo ir por onde me levam minhas ideas boas ou más, e nem procuro converter as dos outros nem inverter as minhas nas d'elles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu abhorreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos *Lusiadas*; os outros successos

que occorrem são de facto episodicos, mas fiz por os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fábula ou inrêdo dos Lusíadas e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difficil ao leitor o distinguir no meu opusculo o historico do imaginado: mas não separará decerto muita cousa, porque das mesmas ficções que introduzi têm sua base verdadeira as mais d'ellas.

Sôbre orthographia (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi so que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, so os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racionavel em Portuguez: o que tam facil e simples seria se a nossa academia e govêrno em tam importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de Fevereiro 1825.

Ao ILL.^{MO} E EX.^{MO} SR.

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA-GARRETT

Son nom suffit à sa gloire.

J. J. ROUSSEAU.

Publicou-se ultimamente em Paris um opusculo que contém algumas poesias de M.^{lle} de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao auctor do poema Camões. Tentei traduzi-la, e eis-aqui a minha traducção tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro 1842.

José Maria do Amaral.

A M. DE ALMEIDA-GARRETT

SUR SON POÈME DU CAMÕES

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
 Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
 Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
 Consolé, radieux,
 Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
 Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
 Dans le temple désert as-tu porté des vœux?
 Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
 S'ouvrit-elle à tes yeux?
 Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
 Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
 Sur ton front pâissant d'une terreur divine?
 As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
 Fuir ton genou tremblant?
 As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
 Vu des feux se croiser dans l'air étincelant?

AO SR. ALMEIDA-GARRETT

SÓBRE O SEU POEMA CAMÕES

Cantor mavioso do Cantor do Gama,
 Estro sublime em lyra alti-sonante!
 Ao teu cantar se move e resuscita,
 Ovante e ja sem mágoas,
 D'ingrato sec'lo o bardo mal-prezado,
 Heroe que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou?—Fizeste votos
 No silencio da noite, em ermo templo?
 E em teu orar que viste?—Erguer-se a campa
 Do desprezado tumulo?
 Ouviste ecoar pela calada nave
 Em graves sons cantar mysterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
 Sópro ligeiro, qual corisco ardente?
 N'esse pavor faltaram-te, arquejante,
 Os tremulos joelhos?
 Viste, como esse que em delirios arde,
 No ar coruscante scintilarem fogos?

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!
 Sur le char embrasé qui porte le soleil ?
 Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
 Quand, fuyant le sommeil,
 Tu chantais, attendant l'aurore au front vermeil,
 Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse ?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,
 Aigles ! allez de front sur vos ailes géantes !
 Dites vos fiers aïeux au noir cap des tourmentes ;
 Bardes, vos chants sacrés
 S'envoleront plus loin que leurs nefes triomphantes,
 Ces nefes qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
 Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant ;
 Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles
 Brillent au firmament
 Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
 Même encens vous est dû, même autel vous attend !

P. de Flaugergues.

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
 Vinha do sol no carro flammejante?
 Ou nas da noite pavorosas sombras,
 Quando esquivado ao somno
 Cantavas aguardava^{vas} a rosea aurora,
 Ou seguindo co'a mente a estrella d'alva?

Correi, correi de par, aguias gigantes,
 Subi aos astros nas possantes azas!
 Cantae vossos avós, os feros nautas
 Do cabo das Tormentas:
 Longe Deus lhes guiou as naus ovantes...
 Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo ceo, são vossas harpas
 Faroes eternos que dão brilho á patria;
 Taes fulguram no Olympo essas, dos gemeos,
 Fabuladas estrellas.
 Co'as mesmas palmas inramais as fronteas,
 Reinais no mesmo altar, co'o mesmo culto.

J. M. do Amaral.

CAMÕES

CANTO PRIMEIRO

Esta he a ditosa patria minha amada
A qual se o ceo me dá que eu sem perigo
Torne com ésta empresa ja acabada,
Acabe-se ésta luz alli comigo.

LUSIAD.

I

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
—Mas dor que tem prazeres— Saudade!
Mysterioso numen que avientas
Corações que estalaram, e gottejam

Não ja sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lagrymas—Saudade!
Mavioso nome que tam meigo soas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bôccas dos Sycambros
D'estas alheias terras—Oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até ao triste, ao infeliz proscripto
—Dos entes o miserrimo na terra—
Ao regaço da patria em sonhos levas,
—Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar!—Celeste numen,
Se ja teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas, se piedoso
Em teus altares humidos de pranto
Depuz o coração que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsoffrido
Á foz do Tejo—ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Timido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres aguas d'este Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rôllas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies a acintosa mofa
D'esta voluvel, leviana gente:
Não te conhecem elles. — Eia, vamos!
Deixa o caminho da infeliz Pyrene:
Taes mágoas, como ahi vão, poupa a meus olhos;
Assaz tenho das minhas. — Largo! aos mares:
Livres corramos sôbre as ondas livres
Do Oceano indomado por tyrannos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não poderam inda
Avassallar, destruir. Ahi d'entre as vagas
Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Britannia, salve, flor dos mares,
Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
Se ora pousando em tuas ricas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos
Que pelas ribas d'esse nobre Thamesis
Vivem á sombra da árvore sagrada
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança

Indelevel, e a voz não morredoura
Da amizade gratissima e sincera.

III

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
Myrradores que a vida me intravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo que o gyro barbaro lhe impeça;
A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconfôrto, devo,
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repetem
Os ermos echos de estrangeiras gruttas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sôbre o escôlho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe
E fere os ventos que nas ondas folgam.
—‘Terra, terra!’ bradou gageiro áleria.

—‘Terra’ echoa confusa vozeria
Da marítima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gôso e de esperança
Ao coração do nauta infraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a espôsa, os filhos, ou talvez a amante,
N’essa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se ve pullando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Ja contentes,
Um se affigura surprehender o amigo,
Outro á espôsa fiel cahir nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,
Ir enxugar as lagrymas afflictas;
Aquelle, entre alvoroços e receios,
Não ousa de pensar se ao pae inférmo
Na descarnada mão rugosa e sêcca
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir,—ou se a ternura,
Se o amor de filho sôbre a lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulchro
Que em sua ausencia — tam longa—lh’o roubasse.
Qual da amada, que sempre foi constante,

— Ou sempre, ao menos, lh'a pintou de longe
 A namorada idea — perto agora
 Começa de temer que tal distancia,
 Separação tammanha e tam comprida,
 Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?
 Talvez... — E esse *talvez* é de esperança
 Sempre querida, sempre lisongeira.

VI

Um só no meio de alegrias tantas
 Quasi insensível jaz: callado e quêdo,
 Incostado á amurada, os olhos fitos
 Tem n'esse ponto que negreja ao longe
 Lá pela proa, e cresce a pouco e pouco.
 Era esse o extremo promontorio
 Que dos montes de Cynthia¹ se projecta
 Sôbre o fremente Oceano que na base
 Tremendo quebra as inroladas vagas.
 No gesto senhoril, mas annuviado
 De sombras melancholicas, impresso
 Tem o character da cordura ousada
 Que os filhos innobrece da victoria:
 Gesto onde o som da bellicosa tuba

¹ Os montes cu serra da lua, i. e. a de Cintra.

Jamais a côr mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que invergonhára
Adamados de côrte, dá realce
Às feições nobres do gentil guerreiro,
D'esses olhos que a luz ateou do ingenho,
Quem um dos lumes apagou? — A guerra
No campo das batalhas. Um que resta
Vivaz centelha, e avido se alonga
À recobrada patria. — 'Patria' disse
Em voz tam baixa, que a tomáras antes
Pelos echos do interno pensamento
Fallando ao coração sem vir aos labios,
'Patria, alfim torno a ver-te.' — E lacerando
Entre os labios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguia,
Recahiu na tristeza taciturna
De que a idea da patria o despertára

VII

Gallerno e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Ja na terra,
Que a ôlho se avisinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem; logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista

Dos arrelvados campos; depois vêem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo. Tal observas,
Sob os pinceis de artifice divino,
Primeiro a incerta côr de vagas tintas
Que aos toques mestres, n'esse cahos d'arte,
Se desinvolve claras, se aviventam;
Azula o ceo, altea-se a montanha,
Copa-se o bosque, escarpam-se rochedos,
De amenas flores se recamam prados
Que pisam nymphas bellas... Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

VIII

O sol descia rapido, e ja perto
De seu diurno termo, começava
A destingir no verde-mar das aguas
A açafroada côr de que se adorna
No occaso derradeiro. Leves gyram,
Do seguido baixel cruzando emtôrno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chamma,—as destemidas
De ferrea proa rapidas muletas.
Grosseiros parabens em brado rudo
Dos leves barcos soam: modulada

Ao rouco som das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como ellas.
—‘Piloto!’ gritam; e a um signal de bórdo
Do alteroso galeão, d’um salto pulla,
—Qual delphim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar—o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra fallador apito:
—‘Ala... amaina!’ Eis passada a estreita bôcca
Por onde seus tributos d’agua e d’ouro
Leva ao Oceano o rio d’Ulyssea.
Junto da tórre antiga e veneranda,
—Hoje¹ tam profanado monumento
Das glórias de Manoel—âncora desce;
E aos ingratos, inhospitos baloiços
Do longo velejar, succede o brando
Meneio da suavissima corrente,
Que no remanso de seguro pôrto
Tam doce é de sentir ao nauta exausto
Dos repellões irados de Neptuno.

IX

Á monotona grita compassada
Da festiva companhia se ala o esquife

¹ Em 1824. A tórre de Belem foi restaurada em 1843. Vej. nota no fim.

Ao bórdo erguido, d'onde desce ás aguas.
Alegres, — como a noiva que franqueia
O limiar da paternal morada
No risonho cortêjo que em triumpho
A leva ás casas do anciado espôso, —
Ao pintado escaler velozes saltam
Dos passageiros a avida caterva,
Desce último o guerreiro pensativo.

X

— 'Rema!' Da poppa, onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece á voz o remo;
E ao golpe certo resvallou d'um pullo
Pela corrente lisa o leve esquite.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Máchinalmente ao sitio donde veio.
Quem viram n'elle? Um pallido semblante,
Onde á malaia côr requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros,
N'essas faces tostadas do sol d'Asia,
Brilham por entre as nevoas d'uma lagryma,
E parecem dizer na muda súplica:
— 'Oh! não abandoneis o pobre escravo!'

XI

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só coisa á natureza deixam
Os habitos ruins que não pervertam;
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto afflicto do Indio supplicante
Dos remeiros contrai as mãos callosas,
E involuntaria a compaixão se pinta
No parecer de todos. — Mas não tarda
A suffocar a debil voz do instincto
O que chamaram *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reacção* dos habitos
Que um instante vergou a natureza.
— ‘Ávante!’ clama o torvo mestre ‘Ávante!’
Como que invergonhado do momento
Que involuntario ao coração cedêra.
— ‘Á fe que não’ gritou c’o accento austero
Que tam bem fica aos labios da virtude,
Quando ante a prepotencia ousam de abrir-se,
‘Á fe que não’ bradou, e em pé se erguia
O nobre, melancholico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista,
‘Incontrae a tomá-lo.’

— ‘O qué, amigo?

Por vida minha, o que quereis ao Indio?

N'este meu escaler d'essa fazenda
 Não levo a terra.'

— 'Tal fazenda é ella.

Que d'esse estôfo a não vereis a miude.'

— 'Gran' valor é o do escravo!'

— 'É meu amigo.'

— 'Amigo! amigos taes trazeis ao reino!

Ricco vindes da India.'

— 'Ricco!... certo:

De feridas aomenos...'

Suspendeu-se,

Corrido das palavras que soltára

Deante de tal gente: a côr do rosto

Claro lhe indica o pejo que invergonha

O homem honrado se indiscretos labios

No calor da disputa lhe cahiram

Em reprehensivel gabo de si proprio.

XII

No gesto do guerreiro se fixaram

Os olhos circumstantes; e o respeito

Que uma acção generosa inspira ao vulgo,

Por aquelles semblantes se pintava.

Mas o grosseiro mestre não se corre

Do feito descortez: e os signaes tantos

Da desapprovação geral o irritam.
Rudas imprecações, que rudas soam
Como os calabres que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitam.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo. — Um movimento
De involuntaria cholera e despeito
Leva a mão do guerreiro malsoffrido
Da espada ao punho. Olhou-o, e c'um sorriso
Que parece dizer: 'Quem sôbre as ondas
'Vida de p'rigos vive, não infia
'Aos lampejos da espada' — só responde
O carrancudo mestre. — N'esses tempos,
Que heroicos chama o entusiasta ardente,
Barbaros o philosopho, e que aocerto
Foram pasmosa mescla de virtudes
E atrocidades, — de honra e de crueza,
Era o sangue juiz de taes pendencias,
E ao defeito da lei suppria a espada.
Barbara usança!... pcrém nobre ao menos.
Hoje que hemos soffrido de covardes,
Sem pejo, que nos roube a prepotencia
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada...
Degenerados netos, ousaremos
Nossos livres avós taxar de barbaros?

XIII

Vira o Tejo suas aguas crystallinas
Roxas alli de sangue; e o breve espaço
Do curvo esquite não tivera as iras
Da mal-avença aos dous, se um podêr alto,
Tam forte quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
N'um canto do escaler, humilde e absorto
Em pensamentos que não são da terra,
Um velho, em que atelli não attentaram
Indifferentes olhos, se assentára.
Alvejavam-lhe as cans das longas barbas
No burel negro que lhe cobre o peito.
O tempo, que tam longe tem passado
Pela accurvada frente, lhe ceifára
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou: hoje o que resta,
—Raro respigô ao segador cahido—
Tira á côr baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se incovaram nas faces descahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
Á lampada que ardeu no tabernaculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Fallece á mingua d'oleo. A mão tremente

Em viageiro bordão arrima; e calçam
Nus os pés as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio.
Ricco de affrontamentos e trabalhos,
Vinha do longe oriente á occidua praia,
Não ao repouso placido á velhice,
Mas a solicitar novas fadigas
Em recompensa d'outras. D'estes eram,
—Antes de se inredar em vans disputas
De orgulho e presumpção mais que mundana—
Os que n'Asia opulenta, Africa adusta
Levavam depós si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais sancta,
Que —tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado—
Jamais na terra appregoaram homens.

XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fermento
De azedas iras verteu mel suave
Da branda persuasão que as amacia.
—'Cavalleiro, essa mão na cruz da espada'
Disse grave e solemne o missionario,
'Quer dizer inimigo, á frente, na aze¹
Da batalha, em pendencia generosa

¹ Ala.

Pelo rei, pela patria... Aqui amigos,
 Christãos, mercê de Deus, somos nós todos
 Quantos somos aqui. E ao ceo não praza
 Que um cavalleiro portuguez arranque
 Contra seu natural armas de sangue.
 Perdoae as lhanezas de um soldado
 Que cercos tambem viu, e jogou lanças
 Com mouros e gentios:—n'este velho
 Corpo nem sempre andou burel de monge;
 Malha tambem vestiu...—mas uma espada
 Ou na batalha em mãos de cavalleiros,
 Ou fóra d'ella a rufiões só cabe.'

—'Tam covarde não sou que a tal contrário...'

Balbuciou, serenando o cavalleiro:

'Mas'—e de novo a voz se lhe animava

'Mas o meu Jáo fiel, o meu amigo,

Unico amigo!'

—'Honra-vos dizê-lo,

Honra-vos, cavalleiro' torna o velho,

'Que andrajos e pobreza vos não pejam,

E ousais chamar amigo ao desgraçado.

Mas, filho... mas senhor, não ha bom feito

Que justifique um mau.'

Ao duro nauta

Voltando-se lhe diz:

—'Amigo, é justo

O que pede este nobre cavalleiro.
 Duros de coração Deus não ajuda.
 Que pésa o pobre escravo? Ir-me-hei a bórdo,
 E o meu iogar lhe cederei com gôsto.
 Que tem? Filho de Deus como nós somos.
 Mal inroupado? Corações bem nobres
 Incobre a miude o saio remendado.
 Sê o cavalleiro te offendeu, seguro
 Que não é elle de negar o justo
 A quem devido for.'

— 'Não sou por certo.'

O guerreiro accudiu; e mal pesada
 Tirou pequena bolsa:

— 'Ahi tendes, mestre;

Poucos pardaus contém... (Menos me ficam,
 Talvez nenhuns...' em tom mais baixo e trémulo,
 Quasi de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
 'Porém d'aqui á praia não vai muito,
 E a passagem do Jáo...'

— 'Guarda a tua bôlsa'

Ruda interpoz a rouca voz do nauta,
 'Cavalleiro orgulhoso; tanto quero
 Os teus pardaus, como a tua espada temo.
 Mas este padre falla como um anjo;
 E o que elle disse, é ditto. Atraca a bórdo;
 E abaixo o amigo Jáo. — Rema!'

D'um salto
O Indio na lancha; e a lancha em mores pullos
De oito nervosos braços compellida
Sobe do Tejo a limpida corrente.

XV

Após o disputar veio o silencio,
Que em finda altercação, mal repoisado
O ânimo pede, — e aos na contenda extranhos
Por sympathia natural se estende.

Era então noite: rapidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas e a luz vacillam curtos.

A natureza, prodiga em beldades
Por tam risonhas terras, lhe ha negado
A magica illusão que os veos estende
N'essa hora de saudosos pensamentos
Sôbre os campos boreaes: — hora tam triste,
Mas de tal suavidade melancholica!

— Não te hão formado o coração no peito
As maternaes intranhas, se não ouves,
N'essa hora mysteriosa do crepusculo,
Uma voz que te diz: *Estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitaria amante,

O pae longe, o filhinho em terra extranha,
Imagens são que do vapor das terras
Amigas fadas no crepuse'lo formam,
E ante os olhos volteiam d'alma absorta
N'hora sagrada ao genio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro,
Entre o nada das cinzas,— quando a noute,
Qualquer que seja o angulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que n'esse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Albion gosei nos campos,
Quando no berço teu, bardo¹ sublime,
Inimitavel, unico, espraiaua
Por infindas planicies d'alvo gélo
Os desleixados olhos, e topava,
Ao cabo lá da vastidão, co'as cimas
Das elevadas grympas que se aguçam
Sôbre as arcadas simples do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia;
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias acompanham.

¹ Shakspeare. —Veja as notas no fim.

XVI

Mas quam longe

Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis,
Cortado de memorias que o confundem,
O pensamento vago! — Escura a noute
Suas roupas de dô tinha estendido
Pelas torres da inclita Ulyssea.
N'aquelle puro ceo nem leve sombra:
Ausente era Diana e seu modesto,
Serenô brilho: mas, sem luz que as vexa
Com mais vivo fulgor, se esparze doce
O alvo lume das candidas estréllas,
Que em tremulos reflexos pelas aguas
Do crystallino rio se espelhavam;
D'onde consoladora se exhalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
A alma brisa da noute, refrescando
Os corpos então aridos das chammas
Com que o touro celeste em furia ardia.
Raras começam a brilhar nas trevas,
Pelas estreitas gothicas janellas,
As veladoras luzes: accalmava-se
O vivaz borborinho da cidade,
E no socêgo placido da noute,
Pouco a pouco, insensivel se perdia.

XVII

Ésta se abria magestosa scena
D'ante os olhos dos nautas que surcavam
Aureos caudaes do Tejo. Silenciosos
Se derramavam de olhos satisfeitos
Por quadro tam magnifico, e buscava
Cada qual, pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, alli acceso,
Descubrir o paterno, amigo tecto,
E o leve fummo que do ar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Apprompta a cara espôsa, mal cuidosa
Que hade aquinhoá-la o pae c'os tenros filhos.

XVIII

Tam vivas se pintavam nos semblantes
Éstas ideas aos callados nautas,
Que lh'as leu n'elles quem taes pensamentos
Triste não participa. — Quem é esse?
O filho melancholico da guerra.
Leu-lh'as; e um sentimento quasi inveja...
Não é tam baixo — e amarga, oh! mais do que ella!
Lhe trouxe do mais íntimo do peito
Um suspiro que morre á flor dos labios,

E suffocado ao coração reflecte.
 Aguda foi a dor, acerbo o espinho
 Que esse ai lhe pungiu d'alma. — Quem soubera
 Os mysterios d'esse ai! Quem revelára
 Os segredos do incognito guerreiro!
 Consume-o acaso a heiva da doença?
 De mal vingada affronta a injúria o rala?
 Injustiças dos homens o perseguem?
 Ou são penas d'amor? — Silencio! deixa
 Ao coração do triste o seu segredo.
 Espreitar indiffrente os pensamentos
 Que os labios do infeliz feixam no peito,
 Curiosidade é van, mal generosa
 E de ânimo insensível: não exijas,
 Se o pódes consolar, preço tam duro
 Por teus confortos. Pouco vale a dextra
 Que não inxuga as lagrymas do afflicto,
 Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
 Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX

O escaler abicou na praia amiga,
 E a suspirada terra emfim pisaram
 Os desaffeitos pés. Quantas penurias,
 Quantos perigos, desalentos, sustos

Em viageiras fadigas se hão penado,
Este momento só, ésta alegria,
Oh quam sobejo as paga! O sentimento
Quasi devoto com que beja o nauta
As areias da patria, é porventura,
Na peregrinação da nossa vida,
—Se exceptuas a morte—o mais solemne.

XX

Separaram-se; e foi caminho usado
Cadaum de seu lar. Ledos se foram.
Todos? — Não: tres diviso sôbre a areia,
A quem parecem vacillar na mente
As ideas penosas que accommettem
O viajante isolado em terra alheia.
São estrangeiros? — Dous. Que patria, longe
Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?
—Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
Um na infancia folgou: deu-lhe impia guerra,
Em trôco pela patria e liberdade,
Ferros de escravidão: —mas ha nos ferros
Vinculo ás vezes que té prende o ânimo.
Raro o caso verás; porém não chora
O Jáo pelos palmares do seu ninho:
Prende-o a amizade, não grillhões de escravo,

A seu senhor, amigo e companheiro.
—E ess'outro?— Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada: mas a frente,
Hoje de raras cans mal povoada,
Nem só das murtas se coroou da Alhambrá;
Capellas de magnolia em mundos novos
Lhe deram sangue e crimes... Crimes foram,
Que o socio de Cortez cobriu do sacco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da victoria descingida.
Pardo burel lhe roça a penitencia
Nos membros que luziram d' aço e d' oiro.
Voto solemne e zêlo d' outra glória.
O levou d' além cabo das tormentas
Da aurora aos roxos seios.—Estes eram
Os que juncio ao guerreiro silencioso
Mudos como elle e quedos o fitavam.

XXI

Longo o callar não foi: com passo trémulo
Do joven se approxima o ancião guerreiro:
N' esta grande cidade ambos extranhos.
Somos, ao que parece.
Extranho eu?... Quasi.

Sou e não sou extranho.'

— 'Não me é d'uso

O metter mão curiosa nos segredos

De quem os tem.'

— 'Segredos não n'os tenho;

Sou portuguez, e de ser tal me... prézo.'

— 'Mas de Lisboa não?'

— 'É minha patria.

Desejais saber mais?'

— 'Minhas perguntas,

Cavalleiro, não são de curioso;

Outra vez o repito: um pobre monge

Tem uma pobre cella e magra ceia,

Mas ambas offerece d'alma e gôsto.

É tarde; e se outro hospicio á mão não tendes,

Sereis bem vindo a um gasalhado humilde

De quem melhor, a tê-lo, o offerecêra.

Má noute passareis; mas um soldado

Não teme estrados maus nem leitos duros.

Soldado fui tambem: ser-me-há ventura

Em meus quartéis d'hynverno receber-vos.'

— 'A cortezia é de ânimo sincero;

Nem sou homem, senhor, que a desvalie.

Mas um desconhecido, e porventura

D'ella não mer'cedor, deve accelitá-la?'

— 'E porque não, se lhe é mister e a préza?'

—‘Conheço...’

—‘A noite passa. Horas são éstas
Improprias de ir buscar outra pousada.

Se vos não peja de acceitar a minha.

Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre

É, ja vos disse; mas senhores grandes

Em mais pobres mosteiros alvergaram.’

—‘Ancião venerando, sou comvosco;

Honra-me, não me peja a offerta amiga.

Uma só coisa... Nada. Eu ja vos sigo.’

XXII

Á parte chama o escravo, e da pequena

Bôlsa tirou porção pouco avultada

De seu modico haver. —‘Busca poisada

Para ésta noite; e ámanhan bem cedo...’

—‘Ó que fazeis, senhor!’ acode ansioso

O velho que os intentos lhe percebe,

—‘O que fazeis, senhor! Sou eu mais barbaro

Que o mestre do galeão? Pude com elle

Que de um servo fiel não separasse

O senhor generoso, e havia agora

De fazer eu peor! Invergonhais-me...

Offendeis-me talvez. Amigo, vinde,

Segui vosso bom amo: para todos

Em nossa humilde casa ha tecto e abrigo.’

XXIII

Ao Jão fiel cahiu de puro gosto
Uma furtiva lagrima que havia
Rebentado de timido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tammanhas ruas
A quem? . . . — Ninguem conhece o pobre escravo.

— Bonito

XVII

Ao lão lão cãlão hã pãro pãro hã pãro pãro
 Uma fãlãta lãtãra que fãlãta hã pãro pãro
 Hebãtãdo de tãndo tãndo hã pãro pãro
 Mãgo de se tão cã hãzãr seã tãndão tãndão
 E hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 A pãro? hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Uma hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro

XVIII

A pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Bãlã hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 De seã tãndão hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Para hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 O que hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 O vãlão que hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 O que hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Que o hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Que hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 De hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 O hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Segã hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro
 Eã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro hã pãro

CANTO SEGUNDO

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, a côr murchada,
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

LUSIAD.

I

Que sons descompassados troa o bronze
Nas tôrres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos huivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pallidas? Que funebres
Alas são essas de homens todos lucto,
De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hymnos de morte roucos murmurando

Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um atahude a fecha.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distincções queres pleitear ainda
Na egualdade terrível do sepulchro?
Desingano da morte, es tu acaso
Outro sonho dos miseros viventes?
Quem desinganas tu?—Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Infiar a porta maxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do psalmear monotono lhes trouxe
A gemedora viração da noite;
E o ar pelos ouvidos lh'estremece
Com o dobrar da campas desintoadas.

II

Ruin agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria! Não se pôde
Conter do involuntario pensamento
O portuguez viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece á vista

D'um gelido cadaver: costumados
A ver a face pallida da morte,
As agonias roxas, e o tranzido
Suor do passamento,— não se movem
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra
Não sei quê tam solemne e grave e augusto
De um funeral entrando a passo lento
As portas do jazigo, que essa pompa
Triumphal da morte, do mais duro peito,
Ao gesto mais tranquillo traz de fôrça
Contractão impossivel de incubrir-se.
Não lhe chamo terror, nome lhe assignem
Qual queiram mais, que o sentimento d'alma
A impressão natural é sempre a mesma.

III

D'esta commum fraqueza— se tal era—
Não foi isento o Luso;— e porventura
Um preságio de incognita desgraça,
Presentimento vago e mal distincto
De não sabido mal, se uniu áquella.
O Jáo supersticioso, como é de Indios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu á esquerda, e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo:

— ‘Á esquerda, á esquerda,
 Meu senhor, não incares um finado
 Em sua última viagem: ha mal em ve-lo
 Face por face.’

— ‘Deixa-me, ignorante,
 Com teus medos ridiculos.’

— ‘Embora,
 Embora: mas na India...’

— ‘Não prosigas.’
 — ‘E que ha’ disse, apontando para o feretro
 Que entrava a egreja então, o missionario,
 ‘Que ha tam medonho e mau n’esses despojos
 Da passageira vida? Um tronco sêcco,
 Pelos ventos do outomno despojado
 Do viço e folhas,—tenda abandonada
 Pelo viandante que voltou á patria.
 Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.’

IV

Chegavam aos cancellos do convento,
 E o missionario disse:— ‘Cavalleiro,
 Da casa do Senhor aberta a porta,
 Não passarei sem ir ante os altares
 Metu tributo de graças offrecer-lhe.
 Cuido me seguireis: o humilde canticó

De nossa gratidão irá junctar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lh'o impedem
Superstições e medo, fique embora
E nos aguarde o escravo.'—Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V

Fôsse terror, ou sentimento fôsse
De mais occulta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros.
Elle, que tantas vezes ha rompido
As cerradas fileiras,—que á guardada
Brecha se apresentou com rosto frio,
E a entrou sem vacillar!—Oh! que ente és, homem,
Incomprehensivel tu! — Do templo em meio,
Alto e funeréo estrado se levanta,
Negro da côr dos tumulos. Emcima
Poisava um atahude. Alva capella
De quasi murchas, desbotadas rosas
Indicava que a victima da morte
D'hymeneu illibada succumbira.
Pesados luttos e arrastrados fummos
Cubriam, perto, amigos e parentes
Funebre silenciosos. Arde emtôrno

Renque de brandões pallidos; e affummam
Do imbalado thuribulo os vapores
Da resina sabea. Echoa o templo
Co'as tremedoras notas d'esses hymnos
Que na solemne entrada do sepulchro,
Terrivel canta a egreja, — quasi um echo
Da profundez do abysmo, que reflecte
Pavoroso na terra. — A ponto entravam
Os viajantes no templo quando o côro :

— 'Tedio da vida concebeu minha alma;
E é força que desate a propria lingua
Contra mim mesmo, — e desabafe o peito,
A amargura fallando de minha alma.'
'Direi a Deus: não me condemnes, ouve-me.
Porque assim me julgaste? Acaso é digno
De ti calumniar-me, avexar-me,
A mim que sou das tuas mãos feitura?

'São teus olhos de carne como os d'homem?
Como elles ves e julgas? — Porque ao dia,
Do carcere materno, me has trazido?
Oxala que eu não visto phecêra
De ôlho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fôsse, — trasladado
Do ventre á sepultura!'

O escasso número
 Dos dias meus não será findo em breve?
 Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
 Gemer co'a minha dor antes que desça,
 Para mais não voltar, á tenebrosa
 Terra que a escuridão cobre da morte:
 Terra de mingua e trevas, habitada
 Pelas sombras da morte,— onde mais ordem
 Que o sempiterno horror ha hi nenhuma.¹

VI

As vibrações da musica, as palavras
 Não menos fortes, o logar, a hora,
 A grinalda de rosas sôbre o tumulo,
 Porventura ignoradas circunstâncias
 Que ás sombras d'este quadro dão relêvo
 Com mais fortidão n'alma, tudo a um tempo
 No predisposto cerebro, de embate,
 Violento abalo deu ao Lusitano.
 Os cabellos na frente se ouriçaram,
 Como selva de lanças se ergue subito
 Ao grito alarma em dia de batalha.
 O coração parou-lhe,— e o corpo turgido

¹ Job, cap. x.

Pesou sôbre os joelhos, que vergaram
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza invergonhado,
Baixa o rosto, e se incosta á balustrada
Do côro que por caso tem deante.

VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação que o espirito aliena
Ao companheiro seu, o missionario:
Juncto d'elle ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

VIII

Findava o canto lugubre das preces:
Quatro inluttados cavalleiros sobem
Os degraus do moimento; da eça tomam,
Levam nos braços o atahude, e descem.
Todo o cortêjo, murmurando os psalmos
Das rogações extremas, se incaminha
Em passo lento á lateral capella
Que ornam vasados, gothicos pilares
De marmore tam negro como as vestes
Dos inluttados vultos que os rodeiam.

Da procissão ao cabo, os anojados
Levam de uma das mãos o triste péso,
Co'a outra sôbre os olhos segurando
O usado emblema de dorido choro¹.

IX

Juncto ao guerreiro ajoelhado, passa
O insensível objecto d'essa pompa.
Fôsse caso ou tenção, n'este momento
Alevantando a face descahida,
Co'a vista no visinho cavalleiro
Deu... estremece... ao atahude os volve:
Ja longe o levam;—mas viu ainda escudo
De conhecido emblema no arremate.
Ceos! que viu!...—A coroa d'alvas rosas,
N'esse instante um baloiço descontrado
Dos cavalleiros, a desprende,—rólla
Por terra, e juncto d'elle pára...

Ávante

Foram: ninguém n'essa grinalda attenta
Que desprendeu do feretro o acaso.
Acaso foi?—Mysterios ha na campá
Que em tradições de seculos fundados

¹ Choradeiras: uso que inda prevalece na côrte.

Me travam da razão: cre-los não ousou,
Mas desprezá-los... também não:—pensava
O atribulado, incognito guerreiro...

X

O cortêjo passou... — e a c'roa funebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
E olhos, que desvairados a contemplam,
Parecem perguntar-lhe: — 'Flor de morte,
Em que pallida frente has tu pousado?'
Quem lhe hade responder? Em breve a loisa
Se fechará,— como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lagrymas de afflictos,
Nem suspiros de tristes lhes aventam
Luz de esperança minima. — Segui-lo,
Antes que o cerre a campá, esse atahude
Em que talvez... Ó bárbara incerteza,
Terrível, cruelissima! E terrível
A verdade será... Mas antes ella.
Corre ao sitio onde viu incaminhar-se
O funeral; o som das vozes segue,
Entra a capella escura.— Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lampada que ardia
Longe no mor altar, só lá reflecte

Tanto de claridade quanto as trevas
D'esse recinto funebre amostrasse.

XI

Foi sonho quanto viu! visão phantástica
Toda a funerea pompa, o canto, o feretro.
E essa fatal grinalda!... Ei-la, na dextra
Segura ainda a tem. — Escuta: uns echos
Sotterraneos, — como hymnos de finados
Por noute aziaga em cemiterios, se ouvem.
Inclina attento a orelha; um passo ávante.
Tropeça... Em quê? — N'uma revôlta loisa.
Aberta está a porta do sepulchro.
Um tenue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abysmo; os degraus ultimos
De humida escada ve: descerá? — Desce:
Na estancia entrou das gerações extinetas.

XII

Terra esquecida ahi jaz, ahi moram cinzas
Porque em vão fallam epitaphios, lettrás.
Sôbre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude ou de heroismo
Tua passagem n'ella assignalaram?

Nenhum? Inteiro ao tumulo desceste.
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pyramides; — embalde!
Livra o marmore só do esquecimento:
É a memoria do prestante feito
Que as edades lembradas vão guardando
De geração em geração na terra.

XIII

Ei-lo vai, entre as tacitas phalanges
De infleirados ossos caminhando
O attonito guerreiro; — ao cabo extremo
D'esse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortêjo de dó que hóspede novo
Traz á morada eterna. A ponto o feretro
Ia baixar ao perennal incérro
D'onde o não moverá senão a tuba
Terrível, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave
Laçada em fummo negro, um cavalleiro
Tinha na mão: o mais illustre esse era
Ou o mais anojado: — uso sabido,
E venerada prática dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos

Verão a face livida do morto
Que ao final poiso desce. Despedida
Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus incerra!

XIV

Ja vacillante mão abre o atahude...
Amortalhavam candidos vestidos
O corpo ainda airoso d'uma dama
Não morta no botão d'annos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tam delicada não, porém mais bella.
Velada a face tinha; mas conhece-a...
Quem? o guerreiro... quem? o seu amante.

XV

Ceos! elle mesmo, elle! — Precipita-se
Sôbre o cadaver... ergue o veo... — 'Natercia!'
— 'Natercia' d'echo em echo repetiram
Os echos dos moimentos, acordados
Do somno sepulchral. Estremeceram
Os do cortêjo, e atonitos contemplam

O incognito.—‘É elle’ uma voz disse ;
—‘É elle’ emtôrno remurmuram todos.

XVI

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funcções todas ao guerreiro; —em terra
De mortos semimorto fica. Emtanto
Deu a volta fatal e derradeira
A chave do atahude; cai a lagem
Sôbre a bôcca do tumulo.—A existencia
Se esvaeceu... começa a eternidade.

CANTO TERCEIRO

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores
Alcanção os que são da fama amigos
As honras immortaes e graus maiores.

LUSIAD.

I

—‘Ah! meu senhor... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos.’

—‘Socegae, amigo;

Deixae-o repouso: somno propicio

Ja lhe accalmou o sangue; e mais tranquillo

D’ânimo acordará.’—Submissas vozes

Murmuravam assim em baixo accento

Juncto do leito em que prostrado e placido
Por benigno Morpheu jaz o guerreiro.
De rouxas violetas se toucava
No horizonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade tenue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando,
Á morredoura luz de exhausta lampada
Vinha junctar sua luz na humilde cella
Onde este curto dialogo passava.

II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do apposento as paredes guarneciam.
Sôbre uma banca de igual custo e obra
Poisava antiga cruz d'onde pendia
Agonizante o Christo: lavor fino
Que no indico dente a mão devota
D'um neophyto d'Asia executára,
E fôra dom do grato cathecumeno
Ao que nas aguas mysticas do Ganges,
Por novo rito e lei, lhe consagrára
Antigas abluções. Unico um livro
De pesado volume aopé do lenho,
O livro dos christãos: dois ferreos broches
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado

Da parede, infummado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, á infancia da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tinctas fieis d'essa virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão.—Dispute em nomes
Quem de palavras cura: o homem sincero
Sem vaidades de lingua, obra e não falla.
Pintado estava alli um nobre velho
Que a angelica belleza de sua alma
Toda tinha no rosto retrattada.
Alvo-negro saial o ancião vestia;
Juncto d'elle, de pennas variegadas
Cingido a frente e rins, imberbe um homem
De bronzea tez, jazia malferido.
Convulsa a dor em contracções se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lagryma essa nuve' imperceptivel
Que rara os cobre,— não lh'a choram dores,
Mas de sensivel gratidão desliza.
Letra o painel não tem; mas claro amostra
Novo Tobias¹ no hemispherio novo.

¹ Las-Casas.

III

Do habitador da cella amigo e mestre
 Las-Casas fôra, quando guerra injusta
 Seu braço d'impio ferro outrora armado,
 Levou cruel aos povos mal defesos
 Que ajoelhavam pavidos, devotos
 Ante homens nunes, dos trovões senhores¹.
 De tal amigo o commoveu o exemplo.
 Pensada reflexão, não voto incauto,
 Extorquido á fraqueza ou cega infancia,
 Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV

Mas ja no leito o adormecido acorda.
 Seus mal abertos olhos se descerram
 Ao primeiro luzir do sol, que é nado
 N'este momento, agora: froixamente,
 Mas não turbados, derredor os volve
 Pelo apposento. Como quem se affirma,
 Um e outro dos dous que o acompanham
 Fita admirado, e a modo que procura

¹ Verso de Filinto Elysio.

Reconhecer feições que ha visto algures :
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o involto cerebro
A désligar ideas mal distinctas.

V

Assim ao que tomou gelado spasmó
Toda a apparente vida, os membros rijos,
Sem côr os labios, préso o sangue... é morto:
Ergue-se o carpir d'orphams, da viuva...
Ja no sudario involto, ja nas andas
Os doridos amigos o conduzem
Á morada dos findos... Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, ás veias;
Longes de esvaecida côr lhe tingem
Os beiços... pestaneja froixa a palpebra...
Abre os olhos... que atonitos duvidam
Se inda é mundo o que vêem.—Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI

Risôhno e com socêgo appropriado
A socêgo inspirar, lhe disse o monge:

—‘Bons dias, cavalleiro; em pobre cama
 Riccos somnos se dormem — diz o adagio,
 E hoje o provastes bem. O sol ja nado
 Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço
 Às preces matinaes me chama ao côro.
 De refeição tereis mister; sadia,
 Se não mui exquisita, vou buscar-vos.
 No emtanto levantae-vos; pouco tempo
 Do vosso Jáo fiel na companhia
 Vos deixarei: não tardo.’

—‘E aonde... estamos?’

Não me recordo...’

—‘Estais em casa amiga.

A nossa cella é esta: socegae-vos.

Atribulado ha sido vosso espirito:

Inseparavel condicção da vida

Padecimentos são; todos penâmos.

Mas a constancia é a virtude do homem,

E a paciencia a do christão. Mais largo

Conversaremos logo: a dor do peito

Quer-se desabafada em peito amigo.

Porora conservae tranquillo o ânimo:

Breve aqui sou.’

VII

E cobre o manto, e parte.

O silencio o seguiu; e o tardo piso

Apenas se escutava das sandalias
No longo dormitório resoando.

VIII

—‘Devo’ dizia o incognito guerreiro,
Quando á volta do côro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhan tomavam:
‘Devo a tam bondadoso e terno amigo
Ás sollicitas penas e cuidados
Que vos hei dado, confissão sincera...
Quero explicar-vos o successo estranho
Que hontem presenciastes;— e do escandalo,
Se a meu pezar o dei, perdão vos peço.’
—‘Demasiado avaliais fracos serviços.
O segredo é a ricca joia d’alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais intimo. Guardae-vos
De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança intendo)
A qualquer que surrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Embarda os achareis...—oh! perdoae-me,
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos

É minha idade — se prestar-vos póde
Este nada que valho, se ajudar-vos
De obra ou de aviso imaginais que posso,
Ouvir-vos-hei de gôsto e de vontade.
Sou vosso amigo, sou: próvas nenhuma
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisível *quê*, essa lei mystica
Que attrái o coração d'um ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Mossambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me: — 'Segue esse homem,
Deves amá-lo, é infeliz e honrado.'

IX

Do Lusitano ao descorado gesto
Esvaecido rubor assoma, — e foge,
Qual foge aos olhos o lampejo rapido
Da trovoada longinqua. — Um tanto a face
Descahiu sôbre o peito amargurado,
E com voz, firme não, porém serena,
Disse: — 'Luíz de Camões tinha um amigo
Unico só na terra. — Não te escondas,
Meu fiel companheiro: um feito honrado,
Generoso te peja? — O pobre Antonio

Foi atequi, senhor, o unico vivo,
 Unico ser na face do universo
 Em quem meu coração achou abrigo.'

X

Pelas faces do escravo, baga a baga,
 Internecidas lagrymas cahiam,
 E o peito suffocado comprimia
 A custo grande o soluçar que o arfava.
 Não póde mais: aos pés se deita do amo,
 E sem conter o chôro:

—'Oh! não me digas,

Não me digas, senhor, que sou amigo.'

—'Não o diga! Porquê?'

—'Porque isso parte

O coração do escravo. *Amigo* é falso.

Os de Macáo, de Goa e Mossambique,

Todos faltaram; e eu fui sempre...'

Corta-lhe

Um mar de pranto a voz.

—'Tu foste sempre

O meu fiel Antonio.'

Humedeceram-se

Os olhos do guerreiro; e como a effeitos

De sympathico influxo, ao velho austero

Pelas rugas das faces deslizaram
Gottas de suave, internecido pranto.

XI

Serena a reflexão commoções d'alma.

O Lusitano continúa:—'Certo

Que has ditto bem: tam profanado e abjecto

De amigo o sancto nome hão pôsto os homens,

Que mal sei eu se injúria ou honra é elle.'

Parou aqui, como assombrado n'alma

Da amarga observação. Depois, volvendo-se

Menos afflicto ao missionario, disse:

—'Embora! pois que enfim tenho incontrado

Consolação tam doce a minhas mágoas.

O meu nome—inda mal! bem conhecido

Por esse novo imperio do oriente—

É Luiz de Camões. Em tenros annos

Ância ardente de glória e de renome,

Porventura outra causa mais violenta,

Mais nobre... e mais funesta—me levaram

Às africanas praias, dura eschola

Da portugueza mocidade. Alegre,

Que me surria então verde esperança

No inganoso porvir,—entrei os muros

Da veneranda Ceuta, insigne preço

De sangue regio e d'um martyrio illustre.
Paternas mãos as armas me cingiram.
Oh! pae tinha eu ainda... Honrado velho,
Na vereda da honra me puzeste;
Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII

'Ah! se um filho que ha visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquella voz que o acariciou na infancia,
Bradar-lhe: 'Ávante!'—aquelle braço amigo
Que o imbalou nos dias da innocencia,
A appontar para a estrada da victoria;
Oh! se a tal homem covardia pôde
Entrar no peito vil... Não é possível.
Eu apprendi a combater com elle,
Lembra-me o dia—porventura o maximo
De minha vida, se hontem, se outro ainda
Nos de minha existencia não contára—
Quando no Estreito ¹ a barbaresca frota
Nossas naus victoriosas derrotaram.
Era a minha primeira lição d'armas,
Foi a primeira vez que o mauro alfange

¹ De Gibraltar.

Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
 Juncto a meu pae—à frente o viram sempre...
 Sôbre o imigo baixel a panno cheio
 Cahia a nau de seu commando...¹ Um silvo
 De peloiro soou.—Mirado a elle
 Certoiro mouro tinha.—Estendo o escudo...
 Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
 A balla resvalou,—e ja sem fôrça,
 Leve aqui me feriu na sestra face,
 E fria aos pés me cai.'

—'Leve ferida

Que um dos olhos!...'

—'Oh! dous nos ha dado

Liberal natureza.—Que vale isso!

Salvei meu pae.'

XIII

—'Voltei por fim á patria

Outra vez de esperanças illudido.

Alguns serviços, por benignos chefes

Exagerados sim, mas não mentidos,

Nada obtiveram,—nem o esquecimento

D'um inimigo cru, jurado, injusto,

Que jamais o offendi, jamais.—Se é offensa

¹ Historico.

Ter olhos para ver a formosura,
Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faíscas d'esse amor; se o dom da lyra
—Di-lo-hei funesto ou chamar-lhe-hei ditoso?—
Que me outorgára o ceo, votei ás aras
D'esse amor que foi unica ventura
De minha vida,— unica, innocente
Causa de meus acerbos infortunios,
E agora...'

Sòbre o peito a dextra apperta,
Como em chaga dorida a mão do infêrmo
Para accalmar a dor; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteiam.

XIV

—'Se é crime' continuou 'ter alma e vista,
Foi essa a unica offensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde¹. Por má sorte,
Laços fataes de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento igual, a igual fortuna,

¹ O Conde da Castanheira: veja nota no fim.

Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça impederniu seu duro peito :
E o soldado só de honra herdeiro rico
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se invileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

«Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pae. — Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingua o resto d'elle,
Meu pae, de pura mágoa e de despeito,
Fenecêra em meus braços. — Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

XVI

«De taes ideas combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbos dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia

Por essa majestade de suas aguas
Coalhadas de baixéis que as ricas páreas,
Que os tributos do oriente vêem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se inlevava nas glórias, nos prodigios
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassallaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges invergados
De tropheos portuguezes; via o nauta
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros, as muralhas protram
Do ricco Ormuz, da próspera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os reis de Siam e de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões, — dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho

Por quem não correm lagrymas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII

‘D’esse pae venerando—esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma!—
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflamavam n’um extasi de raptó
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d’heroismo e d’honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
D’homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpor, veredas novas
A descobrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humillrá-los,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles.—E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado?—A fome
N’um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;

Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava.

XVIII

‘Ingrata... ingrata patria! — Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do templo¹
Que a piedade e fortunas appregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmêro d’artes
Protegidas d’um rei que soube o preço
—Alguna vez ao menos— ao talento,
Á lealdade, ao valor, ao patriotismo.
—Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n’um rei para esquecer-lhe os crimes!’

XIX

‘Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. N’aquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas

¹ Igreja do convento de Belem.

Columnas, as abobedas altivas,
As palmas, as cordagens inlaçadas,
E o signal sancto que as remata e une,
E que por toda a parte está marcando
As victorias do Lenhe triumphante,
O vexilo da glória portugueza,
Nunca, nunca tam alto me clamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esfôrço humano
Não fariam jamais os portuguezes
O que hão feito no mundo... Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do monarcha affortunado.
Affortunado em vida;— a morte, fecha-lhe
Sello do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sôbre os degraus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente, inclino,
E descahi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos, porventura

Mui credulo serei... mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

XX

‘Oh! sonho não foi esse. — Affigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal imbaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceos: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fôrma irregular — qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fôrmas,
Qual molle cera em mãos d’habil artifice,
Tomandó foi. Ja claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sôbre o peito c’o indice appontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettei: *Amor da patria.*

XXI

‘Da maravilha como por incanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi: ‘Joven ousado,
‘Grande imprêsa te coube, — acerba glória,
‘De que não gozarás! Desgraças cruas
‘Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.
‘A patria, que foi minha, que amei sempre,
‘Que amo inda agora, gran’ serviço aguarda
‘De ti. Um monumento mais duravel
‘Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.
‘Pyramide será por onde os seculos
‘Hãode passar de longe e respeitosos.
‘Galardão, não o esperes. — Fui ingrato
‘Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
‘E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
‘Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
‘É teu destino celebrar seu nome.
‘Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
‘As queixas do infeliz. Segue ao oriente,
‘Salva do esquecimento essas ruínas
‘Que ja meus netos de amontoar começam

‘Nos campos, nos alcaceres de glória,
‘Preço de tanto sangue generoso.
‘Um dia!... Emvão perante o excelso throno
‘Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
‘A sentença fatal tem de cumprir-se—
‘Um dia inda virá que, invillecido,
‘Esquecido na terra, invergonhado
‘O nome portuguez...—Oppróbrio, mágoa,
‘Dura pena de crimes!—tábua unica
‘Lhe daras tu para salvar-lhe a fama
‘Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
‘Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
‘Como o incerado rôllo sôbre as aguas
‘Unico leva á praia o nome e a fama
‘Do perdido baixel¹.—Parte. Salvá-lo!
‘Salvá-lo, em quanto é tempo!—Extincto... Infamia!
‘Extincto Portugal... Oh dor!...’—Rompeu-lhe
O derradeiro accento d’estas vozes
Em som de pena tal e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei; ja nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fôra.

¹ Veja nota a este verso, no fim.

XXII

‘Dir-vos-hei que serena a mente e placida,
Que as ideas distinctas conservava,
Não como é d’uso ao despertar d’um sonho?
Fe me não prestareis: mas em minha alma
Tam claramente li comó um reflexo
De inspiração maior que humana coisa,
Que, sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presupposto de seguir meu fado,
E ás descobertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória promettida
De ingrandecer o ninho meu paterno.
Uma só coisa,—confessá-lo é fôrça,
Mas que dizê-lo peje—accobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras lá tam longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp’ranças, nem aomenos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura e ferida n’alma se travavam
Batalha, amor e patria. Amor vencia
Quasi... não triumphou...’

XXIII

Aqui chegava

O contar de sua historia, quando á porta
Da cella redobrados golpes batem.
O missionario abriu; um pagem moço
E de custoso dó ataviado
Uma carta fechada a fio negro
De seda traz.

—‘Um cavalleiro busco
Hontem da India vindo.’

—‘Hontem chegaram
Os galeões da frota: cavalleiros
Muitos viriam.’

—‘Sancta-Fe se chama
O galeão; e o cavalleiro... Lede.’
Do pagem se approxima o Lusitano
Da inesp’rada mensagem curioso.
No sobrescripto leu que assim dizia:
A Luiz de Camões—logo Escudeiro;
Mais abaixo—*Em mão propria.*

—‘Intregae, pagem:
Sou esse. De quem vem?’

—‘De quem não manda
Mais palavra que as lettras vos não digam.’
Corteja e parte logo.—Que será?

CANTO QUARTO

Ja a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavão :
.....
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas la deixavão ;
E ja, depois que toda se escondeo,
Não vimos mais emfim que mar, e ceo.

LUSIAD.

I

—‘Quem não teme ir de incontro a seu destino,
‘E provar-sé homem... nas desertas rocas
‘Do castello mourisco, sôbre a serra
‘Da Lua, achará premio, o maior premio!
‘E castigo tambem de sua audacia.
‘Ámanhan no expirar da luz.’—A carta
Mais não dizia.—‘Qual estranho enigma!

Premio, castigo a mim!... A mim! Duvidam
 Se tenho coração!... Exigem próvas!
 Quem? Para qué?... Irei? Porque não?... Vamos.
 Espera-me talvez a hora querida
 Da vingança... Amanhan?... Amanhan!... hoje.'

II

— 'Irei, sim' rompe o vate, continuando,
 Alto, o discurso que atélli na mente
 Comsigo meditando revolvêra,
 'Irei, sim. Não achais que devo, amigo?'

— 'Deveis o qué?'

— 'Ir.'

— 'Onde?'

— 'Onde é meu fado.'

— 'Quereis dizer á côrte? Ouvi que a Cintra
 Se fôra elrei com o conselho e cabos
 Principaes do exército. É voz pública
 Que hãode ahi resolver graves projectos
 D'alta valia: mas...'

— 'E que me importa

A mim côrte e conselho? Outros motivos
 Tenho, outras razões...'

— 'Tenhais embora.

Mas, ja que estais na côrte, ou perto d'ella,

Avisado seria aproveitar-vos
Da occasião. Por bôcca anda de todos
Que do joven monarcha se prepara —
Nova jornada ás costas africanas.
Em bem a fade o ceo!

— ‘Dizem-no? É certo?’

Um maicebo inexperto, unica esp’rança
Do reino, que, inda mal! ja tanto inclina
Da primeira grandeza! — Ah! confiança
Tenho que inda haverà n’esse conselho
Um portuguez que portuguez lhe falle,
E com a respeitosa liberdade
Que é nossa natural e um bom rei préza...
Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho
Dara sempre o que, ao da-lo, se arreceia
Da verdade que diz. — É tarde, é tarde;
Fomos, não somos ja.’ Continuaram
Em prácticas eguaes os dous amigos;
Mas o Luso, a quem n’alma se alevantam
Ideas que as da patria suspenderam,
D’est’arte diz: — ‘Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei: cobre-o mysterio
Com veo impenetravel. Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras.
Quem sabe? — acabará por ésta agora.
É de fracos temer, mas de prudentes

Acautelar-se é lei. Meu haver unico,
Todos os meus thesouros são um livro.
Pouco valor,—nenhum tem por ventura;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fructo. Escripto em partes
Com lagrymas ha sido, e bem podéra
Com sangue em muitas. Sôbre os calvos serros
Das montanhas, nos valles deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruido das procellas,
Ao dos grilhões nos carcerees,—contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a imprêsa ardida
D'este livro que tanto me ha custado.
Ja náufrago nas aguas d'esse rio
Onde tudo perdi, de um braço a vida,
Nadando, ás ondas confiei revoltas,
Para no outro o salvar.—Este depósito
Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim... quem sabe? acaso
Util poderá ser á minha patria.
Ella, e o seu amor, todo o inspiraram,
Á sua glória inteiro é consagrado.
—‘Tam longa viagem, tam p'rigosa é essa?’
—‘Longa não; perigosa... Eu sei? Não, certo.’
—‘Quando intendeis partir?’

—‘Eu? ésta noute.’

—‘Assim que, em nada mais servir-vos posso...

Nem ja de vossa historia interessante

Ataremos o fio?’

—‘Oh! sim; nem longo

Será elle.’

Suspensos alguns momentos,

Como buscando, entre outras, uma idea

No tumulto confusa, assim prosegue :

III

—‘Fallei-vos, se a turbada phantasia

Me não ingana, da tenção tomada

Por quasi inspiração — vão sonho acaso.

Com pensamentos taes sahi do templo :

Escondia-se o sol d’além dos montes

Da outra margem do Tejo : alva e sem lume

Parecia no azul dos ceos tranquillos

Infante a lua, como o arco eburneo

Que ao numen que n’esse astro affiguraram,

Deram antigos vates. Mais sereno,

Mais bello pôr de sol jamais o hei visto

Nos desvairados climas decorridos

Em minha incerta vida. Ao longo vinha

Da solitaria praia respirando

A fresca viração que mal das aguas
 Leve increspava a superficie apenas;
 Uma voz me chamou, — voz que em meu peito
 Ouve inda o coração — voz doce e meiga,
 Que nunca mais... oh! nunca mais na terra
 Escutarei dos vivos... volvo o rosto:
 De baixa gelosia me acenava
 Com um candido veo, mais nivea e candida,
 Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento
 O veo cahiu, e a dextra desaparece.

IV

‘Ergui-o palpitando: um nó o atava.
 Trémulo o desabrocho — era oiro puro,
 Oiro d’aquellas tranças tam queridas,
 Ricca joia d’amor. Co’a doce prenda
 Vinha um bilhete: abri-o, li: — ‘Roubado
 ‘Foi este instante a barbaros tutores.
 ‘Insensatos! vigia mais do que elles
 ‘Amor, que póde tudo. A minha glória,
 ‘Pu-la em teu coração; minha ventura,
 ‘Minha vida, o meu ser de ti confio.
 ‘Parte — é fôrça partir... — Ausencia dura,
 ‘Separação cruel só póde unir-nos.
 = ‘Sai a frota ámanhan; vai allistar-te.

‘Campo no oriente a grandes feitos se abre.
‘Volta com nome tal que tudo vença.
‘Eu viverei de lagrymas... — Embora.
‘Matar-me-hão saudades... — Não, não hãode.
‘Ver-me-has ainda; um anjo hontem m’o disse
‘N’um sonho tam feliz! — Era eu vestida
‘De riquissimas gallas... e alva c’roa
‘De rosas me toucava... tu a um lado,
‘Triste — não sei por quê, outros de lutto :
‘Não me admirou, que nosso amor não querem.
‘E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
‘Tammanho se fara teu nome e glória,
‘Que encha o universo. — Vai : adeus!... Terrível,
‘Amargo adeus é este... Não importa.
‘Parte... e jamais te esqueças...’

V

‘Uma lagryma

Delíra o mais das letras; — quente ainda

A senti no papel... — Mudo e sem vida

Horas longas fiquei parado, extatico,

No coração a carta, os olhos fitos

Na avara gelosia. Alta ia a noute;

Agua acima passava uma falua:

Bradei, accodem, a Lisboa volto,

E ao outro dia, na maré da tarde,

Da poppa d'um galeão via fugindo
 O Tejo, as suas ribas deliciosas,
 Depois a terra; — alfim o ceo e as aguas
 Sos com minhas tristezas me ficaram.

VI

‘ Próspero o vento foi. Por esses máres ¹
 Que humana geração jamais abrira,
 Seguindo fomos o atrevido esteiro
 Do grande Vasco. Á sestra nos ficavam
 As mauritanas varzeas tam regadas
 De sangue luso. Vimos a frondosa,
 Vecejante Madeira, a primogenita
 De nossas descubertas, e a mais bella
 De quantas pelo Atlantico dispersas
 O generoso Henrique adivinhára.
 Massylia esteril, e os queimados serros
 D’onde o Sanagá negro se despenha,
 Passámos, o Arsinario cabo vendo,
 Que Verde em seu extremo appellidâmos.
 Vimos tambem as Fortunadas ² ilhas,
 E entrando as que d’Hesperio o nome tomam ³,

¹ Lus., canto v, desde a est. 3, até 10.

² Canarias.

³ As de Caboverde.

As orientaes costas africanas
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As ricas páreas do caudal luzente.
As Dorcadas ¹ passámos, que dos silvos ²
Das viboras na areia inda retinem:
Crespas tranças outrora que inflammavam
O cerulo Neptuno. Ao austro a proa,
No immenso golpho entrámos, transcorrendo
A Leoa serra asperrima, e o cabo
Que dissemos das Palmas, e a frondente
Ilha que do incredulo discipulo
O appellido tomou ³. Alli a fertil,
Vastissima região que lava o Zayre ⁴,
Ganha por nós á fe, e conquistada
Por armas so de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
Á dextra nos ficava a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram:
Que ousar e perfazer tammanho feito

¹ Ilha do Principe, etc.

² Lus., canto v, desde a est. 11, até 14.

³ Ilha de S. Thomé.

⁴ Reinos de Angolla e Congo.

Fôra a humanos esforços impossivel
Se o braço portuguez não ajudasse.

VII

‘O astro novo, não visto d’outra gente
Antes que o luso nauta lh’o amostrasse,
Ja no hemispherio opposto nos brilhava.
Viamos-lhe essa parte menos bella
Onde raras estrellas pasce o polo :
Alli, pezar de Juno e de seus zelos ¹,
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
As inflammadas Ursas. Pelos topes
Dos mastos, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chamma
Do sancto, vivo lume. Oh ! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodigios
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas
Serão ellas de vós que os largos máres,
Que as vastissimas plagas descubertas
Pela nobre ardideza lusitana
Corrido haveis tambem. D’estas paragens
Velas démos ao noto que soprava
Rijo, em vão, contra a fôrça descontrada

¹ Lus., canto v, desde a est. 15, até 25.

Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha e feia ¹
Nos fecha o claro ceo; amaina o vento,
E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, á pavorosa scena
Dobram tremendo horror.—O mar ao longe
Dá longos, oucos brados que rebramam,
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.

VIII

'Eramos cêrca do famoso cabo
A que mudou boa esperança o nome
Que primeiro lhe dêmos, das tormentas.
Ao pensar em tão asperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufragio cru, desgraças tantas
Que a dobrar esse cabo nos custaram
Para ir edificar sublime imperio,
Novo reino entre gentes tam remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me portuguez. E é pois tal feito
Feito d'homens?...—O vento repentino

¹ Lus., canto v, desde a est. 37, até 38.

Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
E retremeu nos mares o estampido
D'um trovão temeroso. Alheada a mente
Na majestade da procella horrisona,
E em tammanhas ideas confundida,
No ar se me affigurou troar de irada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancellos do oriente alli guardasse;
Cuidei ver a grandissima estatura
De disforme gigante a quem as chaves
Confiára d'Asia o árbitro do mundo,
E que de tanta audacia portugueza
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu passo tam defeso,
Da bôcca negra, e pallido de cholera,
Fatidico dicesse ¹: — 'Ó gente ousada,
'Mais que quantas no mundo hão commettido
'Imprésas grandes, não te basta o mundo
'D'homens sabido para tantas guerras,
'Taes e tam cruas, com que, tam pequenos,
'Fatigais o universo? De tam longe
'Vindes quebrar meus terminos vedados,
'A demandar em regiões ignotas
'Onde cevar essa ambição de glória,

¹ Lus., canto v, est. 41, até 48.

- ‘Essa implacavel sêde de conquistas
‘Que no inquieto peito vos referve?
‘Acabareis porfim co’ a imprêsa ardida;
‘Sim, vencereis; mas a victoria cara
‘Tem de custar-vos. Inimigo eterno,
‘Aqui em meu tremendo promontorio
‘Vos espero; aqui aspera vingança
‘De quem me descubriu tomarei.—Morte,
‘Morte é o menor dos males que vos guardo.
‘Nem da beldade as lagrymas formosas,
‘Nem suspiros d’amor, nem ais carpidos
‘De maternal ternura hãode amolgar-me...
‘E não se acabará só n’isto o damno;
‘Antes por vossas mãos o mor castigo
‘Recebereis: do imperio cimentado
‘Com tanto sangue e com virtudes tantas,
‘(Breve as heisde perder) medonhos crimes,
‘Devassa tyrannia, infandos vicios,
‘Superstição cruel minarão cedo
‘Os nobres fundamentos. Aluido
‘Baqueará por terra o solio altivo
‘Que sôbre as ruinas erguereis dos povos.
‘Vis descereis pelos degraus do vício
‘Do throno a que a virtude vos alçara.’

IX

—‘Assim na extasiada phantasia
 Um echo mysterioso me soava :
 Di-lo-hei preságio triste em ja gran’ parte
 De seu fadar cumprido!...

‘Emfim dobrado ¹

O immenso, procelloso promontorio,
 Vogámos, longo, os máres interpostos,
 Que do indico lago áquem separam
 As requeimadas costas africanas.
 Saudámos a dura Mossambique,
 Porta do Oriente que a Asia lusitana
 Parece unir aos africanos dominios,
 Por onde, desde a Europa, ás partes quatro
 Se dilatou o portuguez imperio.

X

‘Do longo navegar alfim ao termo
 Desejado chegámos; da suberba
 Cidade d’Albuquerque os muros entro.
 De sobresalto o coração batia-me
 Ao pisar essas praias que o triumpho

¹ Lus., canto v, desde est. 62 até o fim.

Viram do forte Castro.—Aqui da guerra
No duro tratto, ora ao Gentio rudo,
Ora ao perfido Mouro combatendô,
Longo continuei; porém do marte
Portuguez quam diversa é hoje a sorte!
Não glória ja, mas frivolas contendas,
Injustas oppressões nos arrancavam
A priguiçosa espada da bainha.

XI

‘Cheia a imaginação do mysterioso
Sonho ou visão que, no moimento sacro
De Manuel, me incendiára a phantasia,
Embalde aos p’rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
Odios, perseguições.—Ja malferido
De heiva de morte arqueja o imperio d’Asia.
Os devassos costumes, a impiedosa
Sêde de mando, a sordida cubiça
Dos ministros da lei, e até—sincero,
Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo...
Dos que, indignos do altar, o altar profanam
Com sacrificios barbaros de sangue,

A um Deus só de paz e de bondade.
Em vez de puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pallidos cadaveres,
Suspiros da viuva, ais do orpham triste,
Lagrymas, sangue e morte offerecendo . . .
Tudo, a golpes continuos, redobrados,
Vai prostrando o glorioso monumento
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerque.
Qu'é d'esse esp'rito que animava os fortes ?
Qu'é d'esse vivo ardor de fama honrada
Que faiscava em lusitanos peitos,
E arriscadas acções, a imprêsas grandes,
A mais que humanos feitos os levava ?
Extinguiu-se, acabou. Ja fomos Lusos ;
Fomos — de nossa glória o brado ingente
Breve será clamor que geme longe.
Como voz de sepulchros esquecidos
Balda soando no porvir que a ignora.

XII

‘ Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descahimento, em tal baixaza,
Commetter, perpetrar ? — Inuteis p'rigos
Em guerras mais inuteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora

Do sangue desparzido em prol da patria,
Que podiam valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heroes fundadores d'um imperio
Que tão bastardos netos destruiam.
Em vão clamei; minhas verdades duras
Molle ouvido os tyrannos offenderam:
Puniu destêrro injusto a minha audacia¹.

XIII

‘Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas² escaldadas
Do eterno fogo que as consumme e anima,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula.—Um repouso
Placido quanto o gosam desgraçados,
Incontrei na escalvada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macáo, fertil agora das riquezas
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Alli só com meus tristes pensamentos,

¹ Historico.

² Philippinas.

Livre ao menos dos homens, só commigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades
Que lá me tinham coração e vida,
Se não vivi feliz, siquer tranquillo.

XIV

'Nas penhas d'essa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria grutta ¹,
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: á entrada lhe vecejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe intalharam
Mysteriosas mãos ignotas lettras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
N'essa caverna as eternaes verdades
Do grande *Tien*, do deus da natureza,
Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chônicas,
Que ao amante de Phedon ².—Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli de soledade amarga e doce

¹ Chamada ainda hoje a Grutta de Camões.

² Socrates. Veja nota no fim.

Esquecidas passei horas ditosas :
Ditosas — se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas que taes se chamem. — N'esse poiso
De suave tristeza me accudiam
Á memoria as lembranças do passado,
Magoadas co'as ideas do presente,
De involta com receios do futuro ;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

XV

'Patria, oh patria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Natereia
As gerações pasmadas me acclamassem!...
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fummo que se ergue da choupana
Para subir aos ceos, — que Euros dispersam,
Quasi punindo-o de tenções tã altas!
Que póde em pro da patria um desgraçado,
Perseguido, no exilio immerecido?...

XVI

‘Uma voz ca do íntimo do peito
 Cuidei ouvir que assim me respondia :
 —Póde mais do que a espada, a voz e a penna ;
 Feitos de glória immortaliza o canto,
 Salvam do olvido as musas. Vive a fama
 Que em versos divulgaram numerosos
 Vates de Grecia e Roma. É menos digno
 De eterno carme o peito lusitano ¹,
 A quem Neptuno e Marte obedeceram ?
 Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
 Não excedem os sonhos mal fingidos
 De Orlandos falsos e de vãos Rugeiros ?
 Do incerto Enéas para si não toma
 Fama e renome aquelle Gama illustre
 Que ousado em p’rigos, firme e duro d’alma
 Mais do que permittia esforço humano,
 Commetteu e perfez acção tammanha ?

XVII

‘Na mente, como um impeto invencivel,
 Me dava abalo o altivo pensamento.

¹ Lus., canto 1, est. 3, até 12.

Grande é o arrôjo, desmedida a altura
Onde me affoita de subir a idea.
Embora, embora! seguirei meu fado.
As nymphas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim creassem novo ingenho ardente
Que a tam subida imprêsa se elevasse.
Commetti, persev'rei no ousado intento;
Trabalho d'annos foi: e emfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo
Que em meus versos cantei.—Mais doce ainda?
De mais subido premio outra esperança
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existencia ha sido.—E pois que nada,
Nada ja'gora me ficou na terra...
Ei-lo, senhor, o livro: appresentá-lo
Cuidei outrora á esperançosa prole
Do grande Manuel; cuidei depo-lo
Aos pés d'outro monarcha mais potente,
Que melhor galardão podêra dar-me
Por quanto hei merecido...—Hoje...?

XVIII

Suspenso

N'esta voz, som confuso e mal formado
Que vinha depós ella, se disperde
Em longo e cortadissimo suspiro.

CANTO QUINTO

Repousa lá no ceo eternamente
E viva eu ca na terra sempre triste.

CAM., SONET.

I

Correi sôbre estas flores desbotadas,
Lagrymas tristes, minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa ?

II

O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;

Extranhas praias, ignoradas gentes,
 Barbaros cultos vi; gemi n'angústia,
 Penei ao desamparo, em soledade;
 Vaguei sosinho á mingua e sem confôrto
 Pelos palmares onde ruge o tygre:
 Tudo soffri no alento d'uma esp'rança
 Que, no instante de vê-la, me ha fugido...
 Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
 Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

III

'Longe, por esse azul dos vastos máres,
 Na soidão melancholica das aguas
 Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
 E com ella gemeu minha saudade.
 Alta a noite, escutei o carpir funebre
 Do nauta que suspira por um tumulo
 Na terra de seus paes¹; e aos longos pios
 Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
 Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
 Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

IV

'Os ventos pelas gaveas sibilaram;
 Duras rajadas d'escarceo tremendo

¹ Veja nota a este verso, no fim.

As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou co'as roixas agonias
Maldittas da esperanza... — E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade.
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o veo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrilegio
Com que os segredos seus vulguei na lyra.
As iras lhe arrotei, ouvi sem medo
Os amarelllos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vi-o a esqualida barba, de despeito,
Arrepellar-se, e a côr terrena e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
Da sanguinosa cholera inflammada.
Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me allumiava o farol de luz amiga...
Lume consolador, fanal d'esp'rança,
Quando na praia ja, sem luz me deixas!
Ingano lisongeiro da existencia,
Que verdade cruel te ha dissipado?

Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella?

V

'Os echos das soidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo,
No sussurro das folhas recedentes
A filha de Cyniras murmurava;
Seus perfumados troncos, intalhados
Por minhas mãos, imbalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam:
A criminosa Myrrha parecia
De tam virtuoso amor invergonhar-se...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campá?

VI

'Oh grutta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza,
De saudade passei! grutta benigna
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas,

Oh fresquidão amena, oh grato asylo
Onde me ía acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terriveis
Que hãode affrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, além d'ella e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Patria, patria, rival tu foste d'*Ella*!
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ella* e por ti soffreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo
Tenue conserva da existencia afflicta...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VII

'Desamparou-me!—Triste e sem confôrto
Fiquei só, n'este valle de amargura.
Linda, mimosa flor, á sombra tua,

Rasteira gramma vegetava apenas
Minha tímida esp'rança. Amarelleço,
Desabrigada planta, ao sôpro ardente
Do norte queimador. — Quem te ha cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas,
Te decepou sem dó — que faz, que espera,
Que não leva tambem, que não arranca
A humilde hervinha que sem ti fallece?
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Oh! leva-me contigo á campã fria.'

VIII

Canção, canção de morte era ésta sua,
Que em som carpido os montes repetiam
Da umbrosa Cintra. Sôbre um calvo sérro
Na pedregosa incosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam,
Assim cantava aos socegados ventos,
Qual moribundo cysne gorgעיando
Pelas ribas do Eurotas. Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A internecida Ignez, vendo o seu vate,
Seu immortal cantor gemer como ella.
Elle uma sêcca, immurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava

No anciado peito: a fio e fio as lagrymas
—Embalde!— sôbre as flores ressequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
Flor que poisou na loisa do sepulchro.

IX

Nascia o sol: a névoa que rebuça
De humido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em veo ligeiro
Rara se adelgacava; resplendiam
No socegado mar os doces raios
Da recém-nada luz. A amena veiga¹,
Delicioso valle a quem de Tempe
Cede beldade e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Arvores d'aureos pomos reluzentes
Que á veloz Athalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiveram,
E o tam ligado cinto desataram;
As verde-escuras, espinhosas plantas
D'onde, virgineas tetas imitando,
Pende o cereo limão,—pendor não grato
No lindo pomo a que o semelha o vate—

¹ Collares.

Sôbre a relva, inda fresco-rociada
Das lagrymas da aurora, se avistavam
Pela immensa campina, recolhendo
A aura creadora nas lustrosas folhas
D'onde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
Á vinda alegre d'essa luz benefica,
Remoçadora eterna da existencia,
Cujas são alma e vida do universo.

X

Em toda a pompa e luxo de suas galas
Cintra, a formosa Cintra se amostrava
Ao monarcha das luzes, — qual princeza
Do Oriente ao regio noivo se appresenta,
Voluptuosos perfumes exhalando
Das longas sedas com que brinca o zephyro.

XI

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamentos que imbala adormecido
O sussurro das folhas, e'o murmurio

Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descansado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceos, por máres, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sôbre esquecidas penas, amarguras,
Âncias, lavor da vida?—Oh gruttas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos, onde eu cortei queridos nomes
D'amizade e d'amor, não heide um dia
Perguntar-vos por elles? Solettrando
Não irei pelas árvores crescidas
'Os characteres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lh'intalhára?
Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,
Se me guardam fieis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer—tam breves foram!
Dias de glória, ternas mãos gravaram!

XII

Ha corações ainda que o conservam
Esse ignorado, — mal sabido nome.
Oh! sim que os ha! Salvae, salvae, ó musas,
De meus escuros versos éstas linhas,
Não para a glória — sonho vão de nescios!
Mas em memoria, doce de guardar-se
N'algum sensível peito. — Onde não gyra
Meu sangue... — E o sangue quam diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleaes! co'a memoria, mas que rara
Do infeliz, cujo seio infraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gyra
Meu sangue — e o sangue quam diverso corre!
Peitos achei sacrarior de amizade,
Corações de anjos...

XIII

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome soa
Eterno ja nos hymnos inramados
De immorredouras flores. — Impotente

Ahi quebra a furia do fremente oceano
Á raiz de teu firme promontorio...
Mas que infrenes um dia as altas aguas
Sôltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te,*
Teu limite é ahi—galgá-lo ousassem,
E levar os delphins inamorados
Folgar nos sitios em que geme a rôlla,
E philomela modulou queixumes,
Suavissimo incanto, da espessura;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrrha,—inda o teu nome
Não o esquecêra transmudado o mundo.
Leva-t'o além das passadouras eras
Do bardo mysterioso¹ o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso,—onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutheria divina lhe affinára—
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos acordados
De Leonidas que dorme... Não, não dorme;

¹ Byron's Child Harold's Pilgrim.

Véla, c'o escudo e lança emtôrno roda
Da arvorezinha tenra que plantaram
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá? —ou do consorcio adúltero,
Impia, liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis? —Morrei ao menos,
Filhos d'Hellêno, perecei com ella.

XIV

A vós ja volvo, ó solidões de Cintra,
E ao vate que suspira melancholico
Entre esses que parecem dispersados
Tumulos de gigantes —ou ruinas
D'algun primeiro templo cujos mythos
Esquecidos ahi jazem, desprezados
N'esses brutos lascões. — Últimas notas
De sua triste canção inda zumbiam
Pelas azas dos placidos favonios,
Quando uma voz: — 'Não é de ânimo grande
Succumbir aos revezes: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão ás lagrymas. Segui-me.'
— 'Onde? a quem? ... Ah! sois vós?'

—‘Sou eu, amigo;

Cavalleiro, sou eu. Vinde; á justiça
Porta abrimos emfim: ver-vos deseja
E ouvir-vos o monarcha.’

—‘A mim!’

—‘Poderam

Chegar ao throno as vozes da verdade.
Sabe quem sois elrei; louvou com emphase
O amor da patria glória que a alta imprêsa
De perpetuar seu nome há commettido,
Dando aos heroes de Lysia eterna fama.
Vinde, que á hora nona vos aguarda
Impaciente.’

—‘Mas o livro?...’

—‘Á côrte

Vim por elle e por vós; commigo o trouxe.
Ha muito o conhecia: amigos vossos
D'elle com grande preço me fallaram
Em Goa e Mossambique.’

—‘E como ao ouvido

Chegou d’elrei meu ignorado nome?’

—‘Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo
De preparar-vos á solemne audiencia
Que havereis do monarcha.’



XV

Ambos desciam

A ingreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado toseco, lhe dobrava
Tremulos passos caridoso impenho
Do officioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflammado peito
Do guerreiro acordado do lethargo
De que o desperta esperançosa a glória.

CANTO SEXTO

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandre na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.

LUSIAD.

I

O sceptro de Manuel, nas mãos ja debeis
De Joanne¹ começado a desdourar-se
Do esmalte das victorias e triumphos
Com que tanta virtude o adereçara,
O sceptro que, nas mãos d'outro Joanne²

¹ D. João III.

² D. João II.

Que insinou a ser reis os reis do mundo,
Fôra vara de lei e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança da pública ventura,
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a maus conselhos, vacillante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua glória descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso,
Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando.

II

Reinava Sebastião.—Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e d'honra
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
Mas... — Sebastião reinava. Mal dormido
Sôbre os avitos louros, ja corrêra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura.
Do primeiro triumpho imbrigliado

Cuidou ja da fortuna a vária roda
Ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, peijas e victorias sonha ;
E emtanto sôbre as ondas mal seguras
Voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Ávidas mãos, do abandonado leme
Valídos travam, não a indereçá-lo
Para o rumo perdido ; mas cubiça
Treda, que os move, a syrthes, a naufragios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Em suas iras de flagello aos povos
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III

Do Escurial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia
Que, por mãos de vendidos conselheiros,
Em labyrintho escuro invezavam
Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal-soffrido
Da nobreza leal o escasso resto
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Impera o fanatismo, a hypocrisia :
No profanado altar, fogueiras, victimas,

Do oriente ao occidente lhes affummam
O incenso da cubiça, e o vapor negro
De sangue e morte que regala os monstros.
Em taças de ouro, com prazer de tygres,
De lagrymas de viuvras se imbriagam;
E os suspiros dos orphãos desvalidos,
Como deleite de suave musica,
Os damnados ouvidos lhes affagam.

IV

Echo antigo do nome lusitano,
Memorias de Pachecos e Albuquerque
Sos continham ainda os inimigos
Do vacillante imperio. Hallucinado,
Ignorante dos males que lhe incobrem,
Crê reinar sôbre um povo affortunado
Do Tejo ao Zayre, e do Amazona ao Ganges,
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,
Que não governa, dilatar pœcura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triumphos, que glórias, que esperanças,
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!
Sorvei, areias d'Africa, essas cinzas,
Bebei todo esse sangue. — As azas mortas

Exanime inrolou, cahiu por terra
O temeroso Drago que amparára
As Quinas tanto sec'lo: então primeiro
O leão de Pyrene o olhou sem medo.

V

Um só de honrada fama, inda virtuoso
E portuguez ainda, conservava
No ânimo real leve influencia.
Aio dera o avô ao joven principe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes e lettras illustrados
Cavalheiros da côrte. Não se atreve,
Comquanto o desejára, o rei mancebo
A affastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doira,
Nem de lisonja vil impanna o lustre
Que em suas rectas palavras pôs justiça.
Erros fataes, iniquos procederes,
Feios labeos da purpura—oh! e quantos
Tem prevenido o velho! Quantas vezes
Deante d'essa honrada singeleza
Tem recuado a intriga,—e despeitosa
Curvado a prepotencia a cerviz dura!
Os validos, que o temem, que o detestam,

Arteiramente vão minando surdos
O favor do monarcha mal experto:
Mas não poderam inda. Pura, ingenua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo
A religião sincera; detestava
A hypocrisia, o orgulho dos ministros
De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão¹. Poucos amigos,
Como é de ver, contava o honrado velho,
Mas dignos d'elle todos. D'esse número
Era—e não muitos mais de seu estado,
O castelhano ancião a quem o acaso
Hóspede e confidente ao vate dera.

VI

Sancto fervor que á lusitana côrte
Trouxera o venerando missionario,
Do aio real na protecção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões onde deixára
C'os neophytos seus alma e cuidados.
Versado nos antigos exemplares

¹ Veja nota a este verso, no fim.

De Grecia e Roma, aos canticos sublimes
De Job e de Isaiás se apprazia
De comparar, em horas mais folgadas,
Canções de Smyrna e Mantua: a miudo o viram
Sôbre os prantos de Dido verter lagrymas,
Talvez sem o remorso esculpulozo
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depósito um poema de que ouvira
Fallar ja tanto, e de homem tam famoso
Por seu grande saber, talento e arte,
Ávido o livro abriu, leu. Admirado
De ver trajar alfaias lusitanas
Ás homereas bellezas, aos appuros
Das virgilianas graças,—mais ainda
De originaes, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas,
—Cantores que jamais cuidou possivel
Egualar, exceder por arte humana—
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflammou de nobre enthusiasmo:
—‘E obra tal, (exclamou) tammanho ingenho,
Tam nobre amor de patria, tam sublime,
Ardua imprêsa, trabalho tam difficil
Não tera galardão? Quem ha mer’cido
Tanto da patria por espada e penna,
Ingrata a patria o deixará sem premio?

Irá mendigo, e supplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro,
O humildoso favor de que-lhe acceite
Tal obra e tanta, por mesquinho preço
Que, porventura, nem lhe matte a fome
Nem lhe cubra a nudez?—Oh!...’ Resoluto
Toma o bordão, caminho vai de Cintra,
A Aleixo falla, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas que leu conta, e as virtudes
E assignalados feitos do homem grande
Que em vão appouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude e nobres sentimentos,
Facil se intendem, facil communicam
De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

VII

Menezes disse ao rei:—‘Senhor, um velho
E fiel servidor de tantos annos
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor pequeno e unico
Da bondade real—talvez justiça!—
Poderia esperar?’

—‘Tudo: explicae-vos.

Tudo: que pretendeis?’

—‘Pouco vos peço:

Que ouçais um infeliz.'

—Onde está elle?

Venha, mas seja breve; o tempo é curto:

E meus impenhos...'

—'Praza a Deus que sejam

Aos portuguezes e ao seu rei proficuos!'

—'Certo o serão: a glória nos aguarda

Nas africanas praias impaciente.

A mim me tarda ja de ir incontrá-la,

E... Porém dom Aleixo não approva

As tenções do seu rei.'

—'Quando em conselho,

Franco ouvireis o meu; mas fóra d'elle,

Real senhor, respeito e obediencia

São os devêres unicos d'um subdito.'

—'O homem que sois, Menezes, bem conheço:

Amei-vos desde a infancia, e inda vos amo.

Sois meu amigo, sei-o, e tam sincero,

Tam leal o não tenho.'

—'O ceo permitta

Que o cuideis sempre, e que infieis não sejam...

Senhor, o desgraçado por quem rôgo,

Nada vos pede; é portuguez e altivo,

Como o são portuguezes: mas tal feito,

Tam gloriosa imprêsa em prol da pátria

Commetteu e per fez, que ja desaire

Real seria de a deixar sem premio.'

— 'Quem é esse homem? Que fez elle? O Gama,
O Albuquerque egualou?'

— 'Fez mais do que elles;

Que os tornou immortaes. Podem um dia

Erros nossos, baloiços da fortuna

Dar cabo d'essas glórias do oriente,

D'essas conquistas d'Albuquerque e Vasco:

Mas a fama das lettras não perece,

Nem a domina o fado. Tanta glória

De Portugal padrão eterno exige

Que lhe assegure dos vaivens da sorte

O porvir sempre incerto. Que souberamos

Das façanhas de Achilles, da piedade

Do fundador primeiro d'essa gente

Romana cujo nome inda enche a terra,

Se de Virgilio e Homero não ficassem

Mais duraveis, seguros monumentos,

Que as vencidas nações, que os altos muros

Das erguidas cidades? Confessá-lo

Nos é fôrça a nós outros cavalleiros:

Renome e glória, bem o ganha a espada;

Mas conservá-lo, só o póde a penna.'

— 'Assim m'ó heis insinado e o tenho certo.'

— 'Dos mais famosos principes o exemplo

Vo-lo dirá melhor. Vêde Alexandre

Chorar de inveja, não pelos triumphos
 Do filho de Peleu, mas pelos cantos
 Que immortal o fizeram: vêde Augusto
 Premios, favores, honras dispensando
 A quem de Roma as glórias celebrava.
 Valem mais do que os feitos portuguezes
 Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,
 Mais tropheus, mais virtudes nos reconta
 Sua fallada historia?’

—‘Não, amigo,

Não; e eu farei que inda maior se exalte
 O nome portuguez pelo universo.’

—‘Assim appraza aos ceos!’

—‘Praz, sim. Ou morte

Honrada, ou glória igual a meus passados
 Ganharei eu.’

—‘A glória d’um monarcha,

Nem sempre armas a dão. Diniz pacífico,
 Joanne¹ o justo...’

—‘Assás m’o tendes ditto.

Fallemos, dom Aleixo, d’esse livro...’

VIII

E Aleixo quanto ouvira ao missionario
 Breve lhe expõe: o merito da obra,

¹D. João II.

O glorioso renome que lhe fica
De protector das lettras; emfim tudo
Quanto para inflamar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.
—‘Ouvi-lo quero’ disse o rei, ‘chamae-o
Da minha parte: premio tera digno
D’elle e de mim, se o que dizeis é certo.’

IX

O virtuoso Aleixo corre alegre
Com a resposta ao impenhado amigo,
Que de taes esperanças inlevado
Por devesas e gruttas, por montanhas,
Da fresca Cintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim encontra.
Junctos desceram a escabrosa serra,
E de gratos futuros imbalados
A hora apprazada para a audiencia aguardam.

CANTO SEPTIMO

..... Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos...
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

LUSIAD.

I

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
D'Albion suberba as tôrres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Brittões semibárbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio, fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,

A conversar co'as pedras solitarias,
 E a perguntar ás obras da mão do homem
 Pelo homem que as ergueu. A alma inlevada
 Nos românticos sonhos, procurava
 Aureas ficções realizar dos bardos;
 Murmurei os tremendos esconjuros
 Do Scaldo sabedor, — fallei aos echos
 Das ruinas a lingua consagrada
 Dos menestreis; — perfiz solemnemente
 Todo o rito; invoquei firme e sem medo
 Os genios mysteriosos, as aerias
 Vagas fórmãs da virgem d'alvas roupas¹
 Que, as tranças d'ouro penteando ao vento,
 Canta as canções dos tempos que passaram
 Ao som da harpa invisivel que lhe tangem
 Os domados espiritos que a servem,
 Como o subtil Ariel², por invencivel,
 Incantado feitiço...

II

—Ou mal ouvido

Foi o invocar do menestrel extranho,
 Ou triste realidade dissipava
 Phantasias de vates. Nem setteiras

¹ Scott's poet. romanc.

² Shakspeare.

Me bruxuleavam namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro
Que aventuras correr se vai ao oriente
E a ganhar do infiel a Terra-sancta.
Nem, d'além vallos, nos corceis armados
Vi descidas viseiras, peitos d' aço
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardam que da ameia sõe
Corno de anão que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, per mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

III

Nada!... Só pelos fossos intupidos
Do desfolhar do outomno, e bronco intulho
Dos muros derrocados,—sôltas pedras
E immunda terra á vista affiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cubertos d' aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho

Do castellão superbe. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo—certo amigo dos tyrannos,
Que regalado o trazem. Tristes victimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor que a seus vassallos
Villões de sua terra—seus como ella—
Quiz do podêr que tem mostrar a alçada!

IV

Aopé d'essas janellas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquicios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados:
Como se a edade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade e crimes,— e escrevesse,
Ao passar, com a fouce inferrujada,
No limiar d'essas portas: *Escarmento*
Ás gerações por vir.— Doía-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças

Mais grataş me fugia o pensamento,
Para os vergeis da patria esvoaçando.

V

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla, — que memorias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem setteiras
Nem torreões nem barbacans nem fossos.
E que havia mister d'esse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vai por debeis cannas,
Symbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos? — Sanctas eras!
Se podesseis voltar, dias ditosos!

VI

Alto o dia, horas oito: ja nos atrios
Gyrava do palacio a vária turba
Que a audiencia do rei, ou do valido,
— Quantos do mais escuro sevandija

Que taes mansões infesta!—alli aguardam
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Timido se conchega a pobre capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortezão soberbo. Altivo o grande
Com gesto protector alli corteja
O artifice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dividas antigas
De tammanho senhor, tam dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,
Que ingordou nas fadigas evangelicas,
Sem olhar, vai passando o triste cura
A quem a escassa congrua tanto abaixo
Na hierarchia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola tenue
Para uma caridosa albergaria
Que em seu pobre passal instituirá.
E o que pretende aquelle?—O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos d'um pingue beneficio
Disfructado na côrte.

VII

—N'esta scena

Tam variada em actores e interêsses,

Dous novos, que no gesto e ad'man bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem ¹,
Entravam; curioso alvo das vistas
Da turba pretendente: um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,
Mas de vaidade alheio.—‘Vem da India
A requerer: — não trazem d’outra gente
Éstas frotas de Goa.’— Abriu-se a porta:
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delphos
Devotos peregrinos, quando os quicios
Do mysterioso limiar se movem,
E o oraculo — terrível ou propicio?—
Vai por obscuros carmes explicar-se.

VIII

É dom Aleixo: no tropel confuso,
Que se apinha d’emtôrno, alguém procura.
Quem será o invejado aventureiro?
O aio real aos dous desconhecidos
Cordial saúda; e conversando junctos
Poucos momentos,— eis dão os porteiros
O devido signal, menestreis tangem;
Elrei chega, no throno toma assento.

¹ Expressão do elegantissimo D. Franc. Man. de Mello, Guia de casados.

Breve a audiência foi; não sobra o tempo
 Para as sanctas funcções de magistrado
 A militares reis: ás armas cede
 A toga mal prezada. — Audiencia é finda.

IX

E elrei, como inquieto, ao aio antigo:

— ‘Dom Aleixo, entre tantos pretendentes

O vosso protegido não n’o vejo.’

— ‘Ei-lo, senhor, o nobre cavalleiro

Que desejais ouvir.’

— ‘Sim, quero ouvi-ló,

Quero e desejo: não ignoro o preço

Das boas lettras, nem d’um raro ingenho

A estima desvalio: em prol da patria

Uns obramos co’a espada; cumpre a outros

Co’a penna honrá-la.’

— ‘Se honra a minha penna,

Real senhor, a minha amada patria,

Di-lo-hão sabedores e lettrados.

Para servi-la... espada e braço tenho

Que por si fallarão.’

— ‘Digna resposta

De portuguez! Honrado sois, amigo.

Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo

Em vosso rosto que voltar não usa
 Da face do inimigo.—É este (disse,
 Fallando aos cortezãos) de quantos d'Asia
 Aqui véem, o primeiro que não falla
 Em suas cicatrizes.'

—'Bastas eram,

Senhor, as de Pacheco, e...'

—'Eu não ignoro'

Asperamente elrei o interrompia

'Os feitos de Pacheco.'

X

Olhos pasmados

Os cortezãos cravaram no soldado

Que tam crua verdade se affoitava

A proferir alli: algum ja cuida

Que de escuro castello a tôrre o aguarda,

Ou que ao menos...—Compondo um tanto o vulto

Tornou elrei:

—'Iremos, para ouvir-vos,

Da Penha-verde á fresquidão sentar-nos.

Calmoso vai o tempo; e ademais, prazem

Dobrado entre a verdura os dons das musas.'

XI

Seguem todos o rei; a incosta sobem

Do monte; e pelos bosques onde o louro

Inda as glórias de Castro está c'roando,
 Inda veveja co'as memorias d'elle¹,
 A real companhia vai entrando.

XII

Estavam d'altas árvores á sombra,
 De avelludada relva em fresco assento.
 Attento o joven rei fitava ancioso
 O guerreiro cantor que o nobre aspecto
 Tinha como de glória resplendente,
 E na divina inspiração acceso.
 Qual devéras o imita, qual fingindo;
 Mas todos se compõe do rej a exemplo.
 O vate começou: pausado accento,
 Respeitoso não tímido, lhe allonga
 Solememente o cadencear medido
 Do metro numeroso. O heroico assumpto²
 Primeiro expõe do canto: armas e glória
 Dos barões lusitanos que fundaram
 Do Oriente o imperio novo; os grandes feitos
 Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
 Que se hão da lei da morte libertado.
 Logo as Tagides musas invocando

¹ Célebre quinta de D. João de Castro.

² Lus., canto 1.

Porque alto som lhe dem e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente:
—‘Dae-me— com voz mais elevada clama—
Dae-me uma furia sonora e grande,
E não de agreste avena ou ruda frauta,
Mas da tuba canora e bellicosa
Que o peito accendê, e a côr ao gesto muda,
Um canto egual a meu erguido assumpto,
Se tam sublime preço cabe em verso.’

XIII

Depois ao joven rei, segura esp’rança
Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos d’amor patrio scintillantes,
A ouvir cantar dos feitos portuguezes
Convida ; pinta-lhe em vivazes côres
A grandeza do povo a que preside,
A lealdade, o valor ; e recordando
De seus avós famosos as virtudes,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV

Ja da tuba a Calliope travando,
Em terso stylo, e não de inchada pompa,

Mas— qual fluente e majestoso rio
Por suas ribas magnífico se espria —
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

XV

No largo oceano, em próspera bonança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos ceos o álto podêr sublime e dino
A conselho as menores potestades
Sôbre tammanha imprêsa convocava.
Cuidas ver, lá n'um throno de diamante,
Sentado o pae dos numes; por seus labios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo e terror do mundo. É seu proposito
De mor glória lhe dar no ignoto Oriente.
De Nysa o vencedor cioso impugna
A sentença do numen. Quem sustenta
A heroica Lysia? É Venus, Venus bella,
Affeioada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja lingua
Com pouca corrupção cré que é latina;
Um povo tam zeloso de seu culto,
Tam devoto amator de seus altares!
O fado o decretou, Jove o confirma;
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI

Ja surgindo na treda Mossambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia. Eis lá Mombaça¹,
Onde falsos Sinons a ingano o levam,
Cru exicio lhe estava preparando,
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Erycina linda,
Que a assignalada gente andas guardando,
Tu, do velho Nereu co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste.—Aqui do vate
O stylo se imbrandece, spira o canto
Suavísimos perfumes de Amathunta;
Rosas de Paphos e jasmins de Gnido
A namorada lyra lhe coroam,
Quando a bella Dione á sexta esphera
Segue inlevado.—Está pelos semblantes
Dos que o escutam debuxado o gôsto
Que o deleitoso quadro accende n'alma.
O mimo dos pinceis tam delicados,
Não lho deu natureza, que o não tinha;

¹Lus., canto 1.

Deu-lh'o amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano, tam querido,
Tam gran' privado seu jamais abríra.

XVII

Marmores de Praxiteles, esmeros
De Phidias, de Canova, oh! que beldades
Retratais imperfeitas! — Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pygmalion obtida,
Quando hade o apuro do cinzel mais destro
Taes mimos egualar? Aquelle gesto
Que as estrellas, o ceo e o ar namora,
Aquelle affrontamento do caminho
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,
Os espiritos vivos que inspiravam
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?
Ve-la diante do padre omnipotente
Como na selva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troiano!... que, se a víra
Tal o que ja por vista menos bella
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
Barbara lei! — o houveram devorado,
Que primeiro desejos o acabaram.

XVIII

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo collo que a neve escurecia;
Lacteas tetas que andando lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via;
As flammæ que lhe saem d'alva petrina;
Desejos que como heras inrolados
Pelas lisas columnas lhe trepavam...
Quem tal expressará, quem taes bellezas,
Na silice ou painel ou brandos versos,
Pintar ja soube?—Não a viu tam bella
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo.— Escondidos
Por delgado sendal outros incantos...
Escondidos só quanto mais accenda
E redobre o desejo que penetra
O veo dos roxos lirios pouco avaro.

XIX

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angelico semblante,
Áquella doce nuvem de tristeza
Com riso misturada:—qual a dama
Em amorosos brincos maltrattada

Do incauto amante—que se ri, se aqueixa
 E se mostra entre alegre magoada.
 Jove não resistiu—quem tal podéra?
 Beijo accendido á súppllica responde.

XX

Propício o fado aos fortes navegantes
 De sorrir-lhes começa. Já Melinde
 Amigos braços lh'abre: já do Gama
 Os lusitanos feitos recontados,
 Terra e costumes são. Pasma o rei barbaro
 De ouvir dos povos da suberba Europa
 As remotas regiões, ignotos nomes.
 Pinta-lhe, quasi cume da cabeça ¹
 Da Europa toda, o portuguez imperio,
 Patria do esfôrço outrora e liberdade.
 Diz o pastor que do ferrado conto
 De seu cajado abate aguias romanas;
 Henrique ² o mauro jugo espedaçando,
 E abrindo com sua espada triumphante
 De Lysia o fundamento. Ao filho illustre ³
 Cabe glória maior: de c'roas cinco

¹ Lus., canto III.

² Conde D. Henrique.

³ D. Affonso Henriques.

No Ourique derrubadas, nova c'roa
A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,
Por eterno brazão, dos ceos recebe.
De Egas Moniz a lealdade e a honra
Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalços
A offerecer as innocentes vidas
Pela dada palavra.—Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves¹.
Vem outro Affonso², o vencedor d'Alcacer,
Do mouro pertinaz exicio extremo.
Mas do segundo Sancho a molle inercia,
De privados regida, não tolera
Nação ativa que outro rei não soffre
Que não for mais que todos excellente³.
Das impotentes mãos as redeas toma
O conde bolonhez⁴: á glória, volvem
As armas portuguezas. Melhor sorte
Coube a Diniz, pacifico monarcha:
Ás conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e innobreceu co'as lettras;

¹ Veja nota a este verso, no fim.

² D. Affonso II.

³ Lus., cant. III, est. 93.

⁴ D. Affonso III.

E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Hélicon descer as aureas musas.
Clarôs lumes da terra, sãos costumes,
Constituições e leis co'elle florecem.

XXI

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das suberbas castelhanas,
Do venerando pae impunha o sceptro :
Affonso¹, que nos campos do Salado
As hostes granadís prostrou tremendas
Com pequeno podêr.—Viçosos louros
De tammanha e tam próspera victoria
Caso triste murchou, crueza barbara
Que á bellissima Iñez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrymas tristes se mitiga,
Inda ás soidosas margens do Mondego,
Juncto á fonte que lagrymas formaram,
Verte sôbre elle desusado pranto.
As nações do universo, que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando ;
E do barbaro Neva ao culto Sena,

¹ D. Affonso IV.

Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repete a lyra.

XXII

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva
Que incubriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente d'aquelle por quem vive,
So, gemedora rôlla, vai carpindo
A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas insinuando
O nome que no peito escripto tinha;
Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystallinas
So lagrymas formosas derramastes,
E, por memoria, em fonte convertidas,
O nome lhe puzestes, que inãda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram;
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro.—A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,

Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

XXIII

Ausente é o 'spôso: solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos inganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisongeira esperança do futuro.
Oh! quando ella outra vez n'aquelles braços
O tornar a apertar, quando... Armás soam
De cavalleiros, e corseis nitrindo
Nos atrios do palacio... escuta... É elle,
O seu Pedro, oh ventura! — 'Espôso, espôso!'
Mas pelo ausente espôso o pae responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

XXIV

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,
Supplice implora os barbaros. O ferro
Imbebem crus no peito crystallino;

E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem.
C'os innocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retrattam.
Ja pelos labios derradeira foge
A última vida, o último sôpro em osculos
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Ja da formosa luz se extinguem... Trémula;
Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternas. — 'Espôso,
Espôso... Espôso!' balbuciando, expira.

CANTO OITAVO

Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a fôrça humana
Entre gente remota edificárão
Novo reino, que tanto sublimárão
LUSIAD.

I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que inrugou Mavorte,
E onde afflicção, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colheram lagryma, houve d'ellas
Mal inchutas do pranto involuntario
Que ais d'amor, que enthusiasmo de virtude,
Patriotismo ou glória destillaram
De olhos torvos por centos de batalhas.

Mas d'alma ao rosto vai canal aberto
Que so intupem vicios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma? Ja suspensas
As segures estão... Tam firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva... Mas elles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, tambem é homem.

II

Louvor ao vate insigne! — Pouco dizem,
Que sentem mais. O joven rei applaude
Com franco enthusiasmo, e entre si pensa:
—‘Um dia offuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assumpto.’

III

Trazem no emtanto moços de pellote,
Em ricas salvas d'ouro alto-lavradas,
—Páreas de avassallados reis do Oriente—
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçan, transparente porçolana,
Raro producto do Chinez longinquo,

—Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas.—Alli se enchem
Ao limpido jorrar de fresca fonte
Da fria agua de Cintra, e saborosa
Mais que o liquor do Rheno, ou que as sulphureas
Lagrymas de Parthénope¹. Tomaram
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate proseguiu.

IV

Está contando

O Gama ao rei amigo os mais famosos
Feitos dos nossos.—Diz-lhe de Fernando²
Os amores adulteros, e o tibio,
Froixo govêrno que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo Castelhana,
E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

V

Mas do lethargo vil em que o prostraram³,
Á voz de Nuno⁴ o portuguez acorda.

¹ Lachrymachristi.

² Lus., cant. iii.

³ Lus., cant. iv.

⁴ Nun'alvares Pereira.

Com palavras mais duras que elegantes
 Glória bradou e liberdade e patria,
 Nomes que outrora em peitos lusitanos
 Eram de chamma electrica scintillas
 Que os corações briosos lh'inflammavam.
 Embalde o poder todo de Castella,
 Por sustentar Beatriz, feroz se ajuncta.
 Joanne ¹ por seu rei levanta o povo;
 E o eleito do povo é digno d'elle.
 Não curva a jugo extranho o collo altivo
 A nação, indomavel quando livre.

VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
 O echo da trombeta castelhana
 Horrendo, fero, ingente e temeroso.
 Guadiana, tuas aguas, de assustadas,
 Vejo-as atrás volver.—Que anjo de morte
 É esse que discorre d'ala em ala
 Co'a fulminante espada? Jorra o sangue,
 Treme a terra debaixo dos pés duros
 Dos ardentes cavallos, soa o valle,
 Lanças escallam, os broqueis sonoros

¹ D. João I.

Estalando retinem.—‘San’Tiago!’
—‘San’Jorge e ávante!’ cada qual rebrama.
—‘Victoria! A quem?’—‘Ao Lusitano, a Nuno.’

VII

Ja não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portuguezes: treme Africa adusta,
E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos.—Mas cara
Custa a victoria: ves, o novo Regulo
So pelo amor da patria está passando
A vida, de senhora, feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos carcerees;
Vive porém seu nome e claro brilha
Para glória da patria, e eterno oppróbrio
De principes covardes que não descido
A ignorado sepulchro em leitos d’ouro.

VIII

Glorioso João, foi teu reinado
Alto comêço á lusitana glória
Que, do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, máres não sabidos
Triumphante correu.—Jamais no mundo.

Se viu throno real assim rodear-se
 De generosa prole. Não se accoitam
 Mollemente na purpura paterna
 Os filhos de João, nem se crem grandes
 Em torpe ociosidade vegetando
 Á sombra do diadema que em suas frentes
 Descuidadas não pésa: — Henrique o grande,
 O sabio Henrique, o protector philosopho.
 Das sciencias que honrou; Fernando, o sancto
 Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,
 Legislador e justo; João, o austero,
 Alma romana em coração de Luso;
 E Duarte, o pacífico, o piedoso
 Que tam breve reinou.

IX

Tenro innocente

Vestiu manto real o quinto Affonso:
 Nas virtudes de Pedro achou tutela
 Sua idade inexperta. Ingrato e feio
 Caso, digno das tôrres de Byzancio,
 Viram de Alfarrobeira infames plainos
 Roxos do sangue das civis discordias.
 Toda a tua glória, victorioso Affonso,
 Esse appellido insigne que has tomado
 Ao destruidor da desleal Carthago,

Nódoa tam negra á fama te não lavam.
Teu nome, e o de teus perfidos validos,
Todo o bom portuguez detesta.—Esconde,
Esconde, Affonso, a purpura sanguenta
Tras a glória immortal que resplandece
D'emtôrno ao filho teu. Se ha hi rei justo,
Rei cidadão, monarcha magistrado ¹,
Rei que obedeça á lei, que a guarde ao povo,
Que o sceptro, vara augusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna oppressores, opprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o merito,
Busque a virtude em sotãos de humildade
Para a exaltar sôbre arrasados paços
Do crime audaz e da suberba inutil;
Rei que o officio ² de rei preencha e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados máres,
Por descubertos cabos,—esperanças
Dê futuras riquezas e conquistas:
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha inmarcessivel

¹ Rei cidadão, rei homem, pae, e amigo.—*Ferreira*.

² Mon métier de roi; dizia Frederico o grande.

Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
Que o louro dos heroes. Sanguineas gottas
Mancham sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orpham
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as benções d'um povo agradecido
São melodia de suaves notas
Que por eras e eras se prolonga
Às gerações por vir. Um rei como este,
Dae-lhes um rei como João segundo;
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao sceptro.
—Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos,—que essa dita
Ao feliz Manuel o ceo guardava.

X

Então reconta o sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada appareceram.
Diz a intentada, perigosa imprêsa¹
Que ousou de commetter; trabalhos, riscos

¹ Lus., canto v.

Na longa e lassa via supportados :
Mossambique, a traidora, castigada
Para escarmento a pena; e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado
De Thetys formosissima que amava;
Thetys que ja cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, unica, despida,
Quando se achou c'um arido rochedo
De horrido mato e de espessura brava.

XI

Emfim chegado com ditoso auspicio
Às melindanas praias, aqui finda
O illustre Gama a narração pedida.
Ja pazes firma e alliança amiga¹
Com o africano rei; e alfim nos máres
Indicos voga, demandando a terra
Que desejada ja de tantos fôra².

XII

Consummou-se a alta imprêsa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem

¹ Lus., canto vi.

² Lus., canto vii.

Na trega Calecut traidores ferros
 Ao Gama invicto os denodados pulsos¹:
 Tudo vence a constancia e nobre audacia
 Do forte capitão. Co'a alegre nova
 Do descuberto Oriente, á meta austrina,
 Outra vez commettendo os duros medos
 Do mar incerto, põe a aguda proa.

XIII

Agora os sons do canto imbrandecidos²
 Co'as delicias de Paphos e Amathunta,
 Por namorados bosques, aguas limpidas,
 Fresquidões deleitosas vão soando.
 —Eis ves a filha das ceruleas ondas,
 A bella Venus, que rëpoiso amigo,
 Delicioso lhes traz; ilha divina,
 Onde quanto espalhou a natureza
 Por máres, ceos e terra em formosura,
 Tudo ajunctou alli: copados bosques,
 Coutos d'amena sombra; vecejantes
 Relvas em que o primor de seus matizes
 Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas
 Que o proprio leito onde com doces beijos

¹ Lus., canto viii.

² Lus., canto ix.

Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;
Murmurantes arroyos, mansamente
Em seu correr, de amores conversando
Co'as dryades do bosque; os rubicundos
E dourados thesouros de Pomona...
Oh! que scena de languidos prazeres,
Que paraizo de deleite, ó Venus!
Pelo travesso filho assetteadas
As esquivas nereidas suspirando,
Seguem a bella deusa, que promette
A suspirar tam doce um doce premio.

XIV

Mas em mar leite navegando alegres,
Os esforçados nautas ja descobrem
Entre a alva espuma das ambientes aguas
Viçar a ilha formosa: — qual no seio
Lacteo-treme da modesta noiva
Puro verdeija o sponsalicio ramo.
Ja proa e rumo para alli appontam;
Eis chegam, eis do incanto e maravilha
Absortos pasmam... pela sombra amena
Se imbrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lh'a tinhas, Erycina,
Menos aspera ja, mais doce e linda.

Correndo vão após as nymphas bellas,
 Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
 Nem tudo escondem; fogem, mas tam leve
 Não corre o lindo pé que não tropece...
 E cahem... Certa amor canta a victoria,
 Se lhe cai sobre a relva o fugitivo.
 Oh! que famintos beijos na floresta!
 E que mimoso chôro que soava!
 Que affagos tam macios!... Breve e rapido
 No seio do prazer se esvai o dia.

XV

Harpa sublime que n'altura soas
 Das cumiadas da glória, harpa que os hymnos
 Fatidicos, nos echos alongados
 Do porvir innublado, obscura tanges,
 D'onde só vagos sons confusos coam
 Na terra, espediçados por vulgares
 Orelhas d'homens,—harpa mysteriosa!
 Clara te ouvia o vate sublimado
 Quando as notas propheticas repete
 Na remontada lyra.—Etherea nymph¹

¹ Lus., canto x.

Os porvindouros feitos e virtudes
Dos heroes Lusos no domado Oriente
Ao ceo com doce voz está subindo.

XVI

Ja voadores lenhos povoando
O vasto oceano que lhe abriu o Gama,
O senhorio dos frementes mares
Victoriosos occupam. Reis que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão que, forte e duro,
Os faz render-se a elle ou logo á morte.
O gran' Pacheco, o lusitano Achilles,
No passo Cambalão suberbos nayres
Do Çamorim potente desbarata:
Por vezes sette em aspera batalha
Triumpho em terra e mar. Eia, as coroas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que á patria volve com despojos cento
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
A purpura que o cinge! é esse o templo
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!
N'um hospital, de andrajos vis cuberto
Morre Pacheco do seu rei na côrte....

XVII

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do indico oceano as aguas tinge
De sangue imigo e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pae: Dabul, Cambaia,
Inseadas de Diu, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz exicio e morte.
Inveja vil de perfidos validos,
Não é tua ésta victima; seus ossos,
Não lh'os possuirás, ingrata patria.
Seu fado negro foi, mas antes elle;
Antes perder a vida ás mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho

XVIII

Mas oh! que luz tammanha que abrir sinto!
Luz é do fogo e das luzentes armas
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
Rende-te Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
Lá no gremio da Aurora onde nasceste;
Em vão imbebes venenosas settas
No arco certoiro, e os crizes refalsados

Com peçonhas mortíferas tempéras:
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos ao luso vencedor succumbem.

XIX

Medina abominavel, Meca tremem
C'o nome de Soares; as extremas
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas tórres de Columbo.

XX

Sequeira, os dous Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas arabias. Baçaim se intrega
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu; Castro o forte,
O honrado, o vencedor, o triumphante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza e amor de patria
Jamais pronunciarão homens na terra.

XXI

Tagides bellas, que em meu verso humilde
Os echos reflectis da voz celeste,
Das immortaes canções que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me fallece o alento.
Na extenuada lyra os sons se quebram,
Como suspiros de opprimido peito.
Diga Urania bella aos seus validos
Que segredos lhe disse das espheras,
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da criação inteira: eu vate humilde,
Que so de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ousou a tanto.

XXII

Da ilha namorada o Gama invieto
Singrando vem para o seu patrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributario feudo.

CANTO NONO

Mas quem pôde livrar-se porventura
Dos laços que amor arma brandamente?

LUSIAD.

I

Não sabia em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O entusiasmo, o vivo prazer d'alma
Que lhe inspiraram as canções divinas.
Louva a escolha do assumpto, a arte engenhosa
Que n'um só quadro majestoso e grande
Todos uniu da portugueza historia
Os memorandos feitos, varões dignos

De eternidade e fama: louva o stylo
 Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
 Qual o pede a materia; o sacro fogo
 Do patrio amor, de glória, de heroismo,
 Que, d'um por um, nos versos lhe scintilla.
 De cortezãos, applaudem c'o monarcha
 Alguns; outros sinceros congratulam
 O trovador moderno que descanta
 Na doce lyra o que perfaz c'o a espada.
 Trasborda em júbilo a alma generosa
 Do honrado Menezes. Mas não faltam
 Aopé do solio nunca — inda mal! nunca —
 Peitos vis, corações á glória alheios.
 Por esses lavrou logo a inveja, o odio
 Ao cantor dos Lusíadas: não soffre
 Vicio e ignorancia que virtude e merito
 Appréciados sejam, conhecidos.
 Fingem no intanto, que fingir é a arte
 Maxima de palacios...

II

— 'Folguei muito'

Dizia o rei, e o gesto abrazeado
 A verdade do dito affiançava,
 'Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
 Em versos cri para exaltar o ânimo

Ao sublime entusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma tera pequena e bem mesquinha
O portuguez que não mover tal canto.
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real: —‘Voltae a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido.’
Entrou a côrte pelos atrios regios.

III

Rapido ia o sol no ceo descendo:
O guerreiro cantor volve a imbrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp’ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor proprio, mais doces quando ouvidas
De labios de monarchas: não promessas
De merecido premio, — nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideas taes despontam, brevè as sorve
Remoinho de incontrados pensamentos
Que do anciado espirito lhe travam.
A mensagem, a carta mysteriosa
Revolve, e as circumstancias; as palavras,

Interpretá-las quer. — Em vão; não podem
As conjecturas mais: fôrça é do dia
Aguardar impaciente o lento occaso.

IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castello hoje em ruínas derrocado.
Escassa ameia ves empé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos seculos depois vaivem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outrora d'essas rocas, para alçá-las
Em torreões de morte: — impia fadiga,
Trabalho improbo e duro! A aza do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sôbre a face da esquecida terra.

V

E disseras que de homens como os de hoje
Não poderam ser obra esses vestígios

Do immenso Babel que ves prostrado.
A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descahiram — e fixada
No incantado equilibrio, desafia
Fôrças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que ves, e a doble cêrca
Do castello, e a cisterna que ás devotas
Abluções, alli perto da mesquita,
Suas aguas philtradas ministrava.
E essa que, de tam longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces
Que ao surdo Allah mandava afflicto crente
Quando ja sôbre as azas da victoria
Cruz inimiga remontava á altura,
As humilhadas Luas arrojando
De precipicio em precipicio ao abysmo;
Essa inda em pé, no meio das ruinas
Desmantelladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fe, guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrellas do Yaman e os inlaçados
Characteres do Hydjaz!...

VI

Arabe é todo
 O aspecto que estás vendo. Mas attenta
 Ahi n'essas quebradas menos duras
 Como a pique se tem negro, inteiriço
 Celtico dolmin recordando o culto
 Do sanguento Endovelico, o terrivel
 Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

VII

Talvez permite AQUELLE que de tudo
 É norma eterna e lei, assim durarem
 Quaesquer memorias que o respeito, a crença,
 Errada embora, dos mortaes levante
 Em Seu nome... Das fábricas dos homens
 Morredouras como elle—éstar resistem
 Mais que nenhuma ao minar do tempo.

VIII

Alli, no mais solemne das ruinas
 E no mais alto, alli n'um canto ainda
 Solido da muralha fabricára
 Solitario habitante d'esses ermos

Mansão tranquilla e so. Musgosas plantas
 Crescem nas fisgas do cimento antigo.
 Tapeçaria de heras verdejantes
 Fôrra a cortina da parede bronca,
 E em cahidos festões se balancea
 Sôbre a entrada do lobrego retiro.

IX

Tradição é que nomeado vate,
 D'alta beldade mysterioso amante,
 Entre as fragas erguêra a mansão triste,
 Onde cevou de tristes pensamentos
 O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras intalhada
 Se lia em characteres bem distinctos;
 E o nome de *Beatriz*, tambem gravado
 Na silice do monte, lhe responde,
 Como echo das endeixas namoradas
 Do cantor da soidão. Sentado viram
 O genio da montanha, alvas trajando
 Roupas de nuvem, dar ouvido attento
 Às canções magoadas e suavissimas
 De Bernardim saudoso e namorado¹.

¹ Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim.

Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que — em seu mal — romantico alaúde
Ingrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princeza, — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Extasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda ¹ vivem que deve-lo
Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando.

X

Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado ²
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.

¹ No tempo da visita de Camões á serra.

² Veja nota no fim.

Ve-lo-ha, o objecto de suspiros tantos,
De saudade tam longa, da romage
Devota; mas so ve-lo, — e adeus eterno,
E para sempre adeus!... Cruéis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

XI

Este foi da poisada solitaria
O fundador, e unico vivente
Que desde então as frias cumiadas
E ruínas habitou da antiga tôrre.
E este era o sitio que apprazava a carta
De incognita mensagem ao guerreiro.

XII

Alfim no oceano se mergulha a lampada
Do firmamento maxima. Descia,
Como um veo, a nebrina sôbre a serra;
Ja lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensivel devolvendo,
Té lhe poisar as orlas na planicie.
No meditar profundo imbevecido,
O guerreiro, que aguarda ha muito a hora
Lenta da noite, não deu fe da névoa
Que humida todo em derredor o fecha.

Despertou-o a frieza inesperada
 Que no alto das montanhas vem co'a noite.
 Como no seio involto de uma nuvem
 Misteriosa se cuida; — olha d'entôrno,
 Nada ve, tudo incobre a névoa espessa;
 Nada ve, mas distincta uma voz ouve:
 — 'Cumprido é o sonho, mas quebrado o incanto:
 Ainda a viste, — unica vez na terra!
 Nunca mais a verás. O veo, qu' é d'elle?
 E a trança que, ao sepulchro sonogada,
 Prenda foi de ternura?'

— 'Ei-la commigo,

Sempre commigo. Restitui-la á campa,
 Quando á campa descer, a mim so cabe.
 Mas quem de meus segredos sabe tanto?
 Quem d'amor os mysterios e os da morte
 Penetra assim? Do número dos vivos
 Es tu, ou do moimento ha suscitado
 Podêr fatal as cinzas dos finados
 Para me interrogar?'

— 'Vivo eu, sou vivo:

Conhece-me, sou eu, teu inimigo.
 Teu inimigo hei sido; e eterna a vida,
 Se crus, para tormento, os ceos m'a dessem,
 Toda a odiar-te, inteira a abhorrecer-te
 Pouca seria. Tu so me roubaste

Aquelle coração : tu sim, tu foste.
 Tu m'o roubaste, que, sem ti, meu fôra.
 Em vida te adorou; na morte... A morte,
 Quem, senão tu, á ingrata lh'a ha causado?
 Saudades a privaram da existencia.
 Consola-mè que ao menos não gosaste
 Tanto amor, tanta fe, tanta belleza,
 Que não mer'cias, não. Sé digno d'ella
 Houve mortal, a mim, que não a um...'

—'Conde!'

Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
 O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo
 O rival lhe tornou : —'Sois offendido?
 Desaffrontae-vos; ferro e braço tendes.
 Nem vos fujó eu: porém a minha espada
 Jamais demandará um peito que ella...
 Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma;
 Bebêra o sangue que essas veias gyra,
 Que n'esse coração bate co'a vida:
 Mas veda-o juramento sacrosancto;
 Guarda-lo-hei. — Maior é o sacrificio
 Que prometti, maior.'

XIII

Tira um retratto
 Do seio: olhos sanguineos, arrasados

De despeitosas lagrymas, cravava
 Na pintura;— com impeto os affasta
 Logo, e diz: — ‘Cumprirei o que hei jurado.
 Houve-o de suas mãos este depósito
 Nas derradeiras horas: confiada
 A um rival generoso foi a extrema
 Vontade sua; fôrça é dar-lhe inteira
 Execução, qual á minha honra cumpre.
 Ei-lo aqui, o legado precioso;
 Pela mão do inimigo amor t’o intrega.’

XIV

Commovido do intimo do peito,
 Magoada vista punha no retratto
 O guerreiro, em cuja alma combatiam
 Paixões tam desvairadas, tam confusos
 Sentimentos e affectos, que expressá-los
 Não saberia o coração que os sente.
 — ‘Prenda cruel d’amor, dadiva infausta...
 Antes querida!...’ Aqui parou cortado,
 Co’as ideas, o fio das palavras.
 Mas continuou depois:

— ‘Forçais-me, conde,
 Mais que a admirar-vos: o odio que me tendes,
 Generoso rival, não me é possível

Abrir-lhe o peito, não. Odiae-me embora,
Que vos amarei eu, maugrado vosso.
O retratto... Oh! jamais não será ditto
Que em pontos de honra e generoso brio
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso;
A um inimigo tal amor o cede.'

XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
Os dous rivaes briosos que alta próva
Assim do nobre peito heroica davam
Em magnanimo duello de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavam
Que ciosos rancores lhe frangéram';
E bem se via que os jurados odios
Ao generoso feito se rendiam.
Luctaram todavia; mas victoria
Em peito bem nascido ha sempre o brio.
—'Vencestes, cavalleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nullo,
Por vencido me dou em leal batalha:
De mim disponde.'

Avaliar o preço

De taes momentos, corações so podem
Grandes como esses dous tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços.—Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disseram: onde ha lingua
Com proprios termos para instantes d'esses?

XVI

Como inimigos foram, são amigos.
Junctos choraram; junctos, esse objecto
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separaram-se alfim.—‘Não deis ouvidos’
Disse o conde ao guerreiro, á despedida:
‘A louvainhas tredas de palacios,
E a promessas de côrte. Hoje estivestes
Com elrei; grande fama heis alcançado
E favor do monarcha: mas dobradas
Serão as malquerenças d'inimigos,
Os odios da ignorancia, e vis colluios
Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
Entrast' a elrei;—mal acertada porta.
Contaes c'o desfavor dos precatados
Validos que governam. Por honrado
Vos terão e virtuoso: abonos tendes
Em qualidades taes para seu odio.’

XVII

Proximo o dia não tardou no oriente ;
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a côrte. Na poisada,
Cuidoso da delonga, o missionario
Com ância o aguardava: ambos caminho
Da lusitana capital se foram.

XVIII

Corrêra a fama do louvor, do preço
Que dera o rei ao sublimado canto.
Prompto se offerece quem germanas artes¹
Em dar-lhe vida e propagá-lo impregue.
Doutos e indoutos com geral applauso
Viram do novo Homero o canto insigne
Que á patria glória monumento augusto
Sublime erguia. Soa o brado ingente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

¹ Imprensa.

CANTO DÉCIMO

Que exemplos a futuros escriptores

LUSIAD.

I

O Tejo o ouviu no algozo de suas gruttas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as nymphas que o lidado canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, négras côres debuxaram
A injúria, o crime, a ingratiidão tam feia
Que indelevel nos fastos portuguezes
É mancha horrenda e vil...

II

Arqueja exangue,
 Definha á mingua, so, desamparado
 Dos amigos, do rei, da patria indigna,
 O cantor dos Lusíadas.—Ah! como!
 Qu'ê das gratas promessas do monarcha?
 Qu'ê de tanta esperança lisongeira?
 Perfidia baixa e crua, ondê has pousado?
 No coração da inveja e da ignorancia,
 Do fanatismo barbaro. Soaram
 Tremendos, nos ouvidos criminosos
 Dos cortezãos hypocritas e astutos
 Os livres sons do nobre patriotismo
 Com que a treda impostura d'impíos bonzos¹,
 E a tyrannia infame de validos
 O guerreiro cantor assetteára.
 Nas cavernas do peito refalsado
 Odio cego lh'entrou; os beiços roxos,
 Aridos com a sêde da vingança,
 Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,
 Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
 Como na bôcca d'esse vate ousado.

¹ Veja Lus., canto ix, est. 27 a 29, e canto x, est. 150.

III

Vingar-se é fôrça; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem. — ‘Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo,
Á indigencia, á miseria ahi succumba,
E de sua ousadia o crime expie.’
Assim no coração lhes falla o odio,
E o cumpriram assim. Todo no appreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço que em sua cholera
Rei dera o ceo ao povo lusitano.
So armas cura, so victorias sonha:
Geme intanto a nação, quasi presaga
Do desastre que a aguarda. Em Cintra fôra
Resolvida afinal prompta partida,
Que o monarcha impaciente appressurava.

IV

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegára; o paço busca,
Ninguem o attende; o virtuoso Aleixo
Procura... No palacio ja não vive:
Tam livre sustentou, tam nobre e firme

Seu parecer contra a jornada infausta,
 Que irado Sebastião de si o aparta;
 E triumphando da virtude a intriga,
 Por traidor e revel, ao cego joven
 Seus imigos infames o affigram.
 Triste deixou as casas venerandas
 De seus reis, onde quasi um sec'lo o viram,
 Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe
 Mais brilho e honra com leaes virtudes.

V

Ao guerreiro cantor foi ésta nova
 Triste preságio, córte d'esperanças.
 Corre audiencias em vão; — vazio é o throno.
 Frio ministro em nome do monarcha
 Ouve indifferente as súplicas do povo.
 Entre a ignorada turba é confundido
 De tristes, desprezados pretendentes
 O divino Camões...

VI

Emtanto as velas
 Ja pelo Tejo undivago branqueiam;
 As phalanges de intrepidos guerreiros
 Cobrem suas longas praias. Lamentando
 Estão d'emtôrno as mães, estão espôsas

Os filhinhos nos braços amostrando
 Aos paes, que o gesto angustiado voltam
 Para os não ver, que se lhes parte alma.

VII

Mas quem são esses dous, que ahi na praia
 Tam estreitos se abraçam? Correm lagrymas
 Por olhos que a vertê-las não costumam;
 Em peitos se reprime o adeus sentido,
 Peitos que o não contêem.

—‘Adeus!... A vida

É mais difficil, filho, do que a morte:
 Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
 Que sois christão; perdoae...’

—‘Perdoar eu!... Nunca.

Malvados que me roubam tal amigo!
 Unico amparo so que me restava;
 Que d’involta co’a patria, co’as esp’ranças
 D’um povo inteiro, a vil sepulchro o levam!
 Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
 Accento de meus labios moribundos
 Será de maldição sôbre essas frentes
 Carregadas de crimes.’

—‘Perdoae-lhes,

Perdoae: a affronta propria é juiz suspeito.’

—‘A minha affronta, oh! essa, eu lh’a perdoo.

Más a da patria...?

—‘Adeus, adeus!’

Chegava

Elrei então; signal de partir soa:

E o vate e o missionario assim findaram

Sua triste despedida;—que mandado

Accompanhar a armada o monge fôra

Repentino, essa noute. O tredo fio

Descubrira o cantor da vil intriga;

Mas o paciente filho do Evangelho

Resignado se inclina á Providencia,

E seus decretos humilhado adora.

VIII

Fôra em-effeito o odio dos validos

Que ao infeliz Camões arrebatára

Protectores e amigos. Desterrado

Por elles o virtuoso e nobre Aleixo;

Por elles inviado á certa ruina

Que ao malfadado rei, á flor do exército,

Á patria, nas areias escavaram

De Africa adusta, o missionario fôra.

IX

Ja se movem as naus; e as altas pontes

Se ouriçam de belligeras phalanges.

Redobra o pranto: — âncora sobe, antenas
Se expandem... Lá te vas, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e glória.

X

— ‘Que me resta j’agora?’ os olhos longos
Para a frota que se perde no horisonte,
Comsigo o vate diz: ‘O que me resta
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, n’este arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma so pulsação que por mim seja?
Posso dizer...’ — Gemido, que ouve perto,
O interrompeu: era o seu Jáo que afflicto
O escutava: do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar: — ‘Ah! se eu não fôra’
— Com os olhos e as lagrymas dizia;

Com os olhos, que os labios não ousavam—
 ‘Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
 Que coração que eu tinha para dar-lhe!’

XI

Tu, generoso amo, lhe intendeste
 Seu fallar mudo, seu dizer de lagrymas.
 —‘Tens razão; injustiça é grande a minha:
 Inda tenho um amigo.’

Pausa longa

Seguiu éstas palavras; e no peito
 Ao generoso Antonio desaffoga
 O coração que lhe apertava a mágoa;
 Nos olhos, rasos do chorar ainda,
 A alegria lhe ri por entre o pranto.
 E o amo, a quem signaes de tanto affecto
 Movem no íntimo d’alma, sente um golpe
 De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas
 Do coração lançado: a dextra languida
 Poisa no hombro fiel, o peito incosta
 Sôbre o peito leal do amigo...—Amigo
 Direi, amigo sim: peja-te o nome,
 Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
 E que es tu mais?—Era de ver, e digno
 Espectaculo adonde se cravassem

Os olhos todos d'essa raça abjecta
 Que se diz de homens, a figura nobre
 Do guerreiro, em que toda se debuxa
 A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,
 Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
 Em attitude tal. Rira-se o mundo;
 O homem de bem, de coração, chorára.

XII

—‘Oh meu amigo, oh meu Antonio’ disse,
 No remendado seio a face altiva
 Escondendo, o guerreiro ‘Oh! ésta noite
 Aonde, em que poisada a passaremos?’
 —‘Meu bom senhor, um gasalhado tenho¹
 Achado ja; que bem vi eu não ieis
 Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
 De vós não é; mas sabeis...’

—‘Sei, amigo,

Que so tu, n'este misero universo,
 —E o sepulchro tambem—alfim me restam.’

XIII

Junctos á margem vão do Tejo andando
 A lento passo. A noite era formosa,

¹ Veja nota no fim.

Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sitio
Não suscitam amargas? Perto passa
D'aquella gelosia, aquella mesma¹
Donde os doces pinhoes, donde a carta
Recebêra fatal. Quam demudada,
Quam diferente está do que a ja víra,
Essa praia tam placida e saudosa!
Um platano frondoso que hi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se incostou, aguardando a hora tardia,
—Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!
Cuja sombra, em luar pouco propicio
A amantes, o occultou de agudas vistas
De curiosos-profanos e inimigos...
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consume.

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos, —qual o tempo

¹ Veja canto iv, no principio.

Para infelizes anda—sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos.—Mas a mão tremente,
Incarquilhada e sêcca ja sôbre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome alfim.— Clamor pequeno
Que de minhas endeixas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Ja pelo mundo ingrandecido echoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Éstas do extranho ¹ bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o infezado sangue

¹ M. Raynouard, na sua ode a Camões.

Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulto.
Chegado é pois o dia do descanso...
Bem vinda sejam, hora do repouso!
Com a trémula mão tenteia as chordas
D'aquella lyra onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria...—oh! e que patria os ceos lhe deram!
Offrendas recebeu de hymnos celestes:
Pela última vez as chordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento infraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

—'Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não vôaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;

Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII

‘Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquillo direi: *vivi*; — tranquillo
Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: continuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes heide incostar-me...

XVIII

‘Ja me sinto ao limiar da eternidade:
Veo que innubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... Oh! qual te has feito,
Misero Portugal!... oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos máres!... Que tyrannos

As aguas passam do Guadiana¹? A morte.
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

‘Que naus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros²
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas poppas descobrir as Quinas.
Em vão; da hástea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos portuguezes.

XX

‘Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da glória lusitana... uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá seintilla³:
Mas quãam debil que vens, sôpro de vida!
Um so momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, inférma
So te ergues d’esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

¹O captiveiro castelhano dos 60 annos.

²Hollandezes, etc.

³Veja nota no fim.

XXI

‘Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que máres? Ja teu nome ignora
Neptuno, que de ouvi-lo estremecia.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua; o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?
Oh patria! oh minha patria!...’

XXII

A voz, que affroixa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho que na estancia humilde
Entra do vate: — ‘Perdoae se ousado
Entrei, senhor, mas...’
— ‘Quem sois vós? Ha inda

Homem no mundo que a poisada obscura
D'um moribundo saiba?'

— 'Cavalleiro,

Desde o alvor da manhan que vos procuro :
De Africa hoje cheguei...'

— 'Ah! perdoae-me.

Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?'

— 'Tristes novas, cavalleiro.

Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.'—Ao vate a carta intrega :

Do missionario era, que dos carceres

De Fez a escreve. Saudoso e triste,

Mas resignado e placido, lhe manda

Consolações, palavras de brandura,

De allivio e de esperança.— 'Extincto é tudo

N'esta mansão de lagrymas e dores'

—As lettras dizem— 'tudo; mas a patria

Da eternidade, so a perde o impio.

Deus e a virtude restam : consolae-vos...'

XXIII

— 'Oh! consolar-me' exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cai : 'Perdido

E tudo pois!... No peito a voz lhe fica;
E de tammanho golpe amortecido
Inclina a frente... como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.
Os olhos turvos para o ceo levanta;
E ja no arranço extremo: — '*Patria, ao menos
Junctos morremos...*' E expirou co'a patria.

NOTAS



Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulchro siquer... Raça d'ingratos!
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,
Uma lettra singela! — A vós meu canto,
Canto de indignação, último accento¹
Que jamais sahirá da minha lyra,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tammanho crime,
E eterna a voz me gelará nos labios.

¹ Veja nota no fim.

Lyra da minha patria, onde hei cantado
O lusitano — invilecido! — nome,
Antes que n'esse escolho, em praia extranha,
Quebrada te abandone, este so brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões conhece o Luso.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

NOTA A

Saudade:

Mavioso nome que tam meigo soas

Nos lusitanos labios..... pag. 1.

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma lingua senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas bôccas dos Sycambros:

o que particularmente se deve intender dos Francezes tam presumidos de sua lingua tam apoucada. De

que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau que, em um dos seus opusculos latinos, de si proprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural da falsa idea que têm os Francezes do seu idioma, é a universalidade que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco ou quasi nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicavel é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos auctores e litteraturas estrangeiras ajuizam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes.

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de Inglez e em Inglaterra havia demorado, diz blasfemias quasi incriveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton ou as originaes e energicas altivezas de Shakspeare. Eguaes barbaridades commetteu pretendendo revelar os mysterios de Dante. E que injustiças não fez elle ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de Portuguez saber nem uma lettra! Conhecia somente dos Lusiadas o poucachinho que era possivel ver pelo infiel e baço reflexo da pessima traducção de Franshaw em Inglez: lingua que elle Voltaire pouco mais sabia.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a fallar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De sau-

dade quizera eu dizer ainda alguma cousa. — Saudade, palavra, cuido que vem, por derivação obliqua, do latino *solitudo*. Obliqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo*, solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por ésta synthese (ou pela análise que é obvia) se vem a intender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é — os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancolico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos por que suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve intender *este desejo do ausente e solitario*, que os Latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium*:

Quis desiderio sit pudor aut modus
 Tam chari capitis?—

Ja d'aqui mesmo se ve a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a idea do poeta; mas para melhor se ver a falta absoluta que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões que d'esta sublime ode de Horacio fizeram os diversos traductores.

Nenhum livro aqui ¹ tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquirir o que

¹ No cabo de Normandia, em França, onde se escrevia ésta nota.

não sei: porisso, e porque não tenho a feliz reminiscencia de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallellos de Francis e Daru, os dous mais nomeados traductores do lyrico romano. Também me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor entendeu e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu ésta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Santos usou do termo saudade na sua — fôrça é dizê-lo — insipida versão. Mas o certo é que das linguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a idea e a expressão (embora insufficiente á idea) de Horacio se possa trasladar, se não for a saudade portugueza que lhe é superior. O *regret* dos Francezes, além de differente cousa, mais para a angústia do remorso ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distincção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos *Synonymos* de Girard se verá quanto acérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem ver como se traduzirá, a não ser em Portuguez, aquelle tam bello e delicadamente voluptuoso pensamento de Catullo, ao pardalzinho da sua Lesbia:

Quum desiderio meo nitenti
 Carum nescio quid lubet jocari,
 Et solatiolum sui doloris.

.....
 Quando saudades minhas a angustiam
 E acha não sei que gôso no folguedo,
 Pequeno allivio para a dor que a punge.

(Nota da primeira edição.)

Amador Arraes traduzindo a bella e melancholica
 poesia do psalmo 54 :

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,
 verteu assim :

Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de orthographia e
 pronúncia; mas descobre bem clara e positiva a ori-
 gem da palavra, e não so n'esta traducção, mas no
 uso amiudado que da palavra faz em outros muitos
 logares; como : — « Seguro forte é a *soedade* para al-
 mas dedicadas a Deus; » — e n'outra parte : — « Bom
 foi a Lot fugir para a *soedade*. »

É fôro da lingua portugueza conservar todas éstas
 variedades de escriptura e de sentido. Em prosa po-
 rêm, eu diria sempre, n'estes casos, *soledade*, e não
saudade, *soidade* ou *soedade*, para designar a situa-
 ção do que está só; assim como direi *solidão* em pro-
 sa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o
 sitio solitario em que esse está. Salvas todavia as li-

berdades poeticas : as quaes liberdades não são, inda assim, a anarchia das doudices romanticas exaggeradas. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA B

Entre os olmedos

Que as pobres aguas d'este Sena regam pag. 2.

Quasi todo este poema foi escripto no verão de 1824 em Ingouville aopé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei alli cêrca de dous annos da minha primeira emigração, tam so e tam consumido, que a mesma distracção d'escrever, o mesmo triste gôsto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Genio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho : e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. BRANCA, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde Julho até Outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do CAMÕES que primeiro começára, e que só fui acabar a Paris no hynverno de 24 a 25. E quasi que tenho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das ingelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que n'uma agua-furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J. V. Barreto-Feio, elle

trabalhando no seu *Sallustio*, eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado — e com esperanças largas no futuro. — Graças a Deus, de mim sei e d'elle creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!... — (*Nota da segunda edição.*)

NOTA C

Vem, no carro

Que pardas rôllas gemedoras tiram..... pag. 2.

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade, ainda a ira, a tristeza, a alegria; porque o não será tambem a saudade? Beatifico-a eu, que n'este caso me tenho por tam bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades

Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da soberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus: quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes e gemedoras rôllas? (*Nota da primeira edição.*)

NOTA D

Deixa o caminho da infeliz Pyrene pag. 3.

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Hespanha; e em França era thema de todas as vaidades da restauração o imbellé triumpho do Trocadero. D'ahi a seis annos estava vingada a injúria da liberdade peninsular; vingada, não, castigada: que ha um Deus e uma Providencia para os povos tambem. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA E

Minha terra hospedeira, eu te saúdo!..... pag. 3.

Na primeira edição le-se:

Eu te saúdo, ó terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospitaleiro* n'este sentido podia ser taxado de gallicismo. Aconselharam-me *gasaloso*, por superiores abonos classicos. Mas *gasalho*, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, intimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar*, é o latino *fovere*. — A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede *agasalhado* levam-n'o para o melhor e mais interior d'ella, como a filho querido e bem vindo.

Eu quiz designar aqui o couro e guarida que os perseguidos achámos sempre n'aquella ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscrito. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA F

Certo amigo na angústia..... pag. 4.

O Sr. Antonio Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devedores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros com que generosamente accudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição d'este opusculo, e n'esta segunda folgo de ter occasião de estampar por inteiro o seu nome que, receioso de o comprometter, alli incolhêra na só inicial do seu último appellido. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA G

O extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia se projecta pag. 6.

A Roca ou Cabo-da-Roca, ponta extrema da serra de Cintra a que os antigos chamaram serra da Lua. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA H

Gesto onde o som da bellicosa tuba

Jamais a côr mudou..... pag. 6 e 7.

Inverti n'aquelles versos a idea de Camões :

Mas da tuba sonora e bellicosa,

Que o peito accende, e a côr ao gesto muda ;

não no contrario sentido, mas em outro differente. Camões falla do tremendo som do clarim, no principio da batalha, que muda a côr do rôsto aos combatentes; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem ja nem esse tremendo som póde fazer inflar. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA I

As feições nobres do gentil guerreiro..... pag. 7.

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descripções dos biographos e o retratto de Severim de Faria. Além d'isso, a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os Inglezes ainda hoje a usam para expressar attributos moraes : e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem

bello; *gentileza de uma acção, gentileza de proceder*, claro, não são phrases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA J

Ja na terra,

Que a ôlho se avisinha, as mal distinctas

Diversas côres, etc. pag. 7.

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca imbarcasse; nem, se n'elles ha alguma verdade de pintura, lh'a poderá achar quem ignore o prazer inexplicavel que sentem olhos cançados da monotonia dos ceos e das aguas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso spectaculo da terra que pouco a pouco se avisinha. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA K

Piloto! gritam; e a um signal de bordo..... pag. 9.

É de ver no riquissimo poema de Byron, o Child-Harold, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ahi cousa que não é muito para lisongear o amor proprio nacional; mas tenha paciência, que ainda assim não é muito grande a injustiça do nobre lord. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA L

Tôrre antiga e veneranda,
 Hoje tam profanado monumento
 Das glórias de Manoel..... pag. 9.

É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega: — ‘aqui moram barbaros!’

O bello monumento da Tôrre de Bellem está com effeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfettações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena península em que hoje se acha a tôrre, lavrou o mal para o continente: a igreja e convento de Bellem foram invadidos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores como aquelles monges da meia idade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e Tito-Livio para escrever porcima as inuteis cenreiras de seus commentarios e summulas.

No templo magnifico de Bellem, n’aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*¹ as duas principaes capellas do cru-

¹ Obteve porfim o indicado nome, hoje europeu, depois das ultimas publicações do Sr. Conde de Rackzinski.

zeiro estão cobertas, uma por um *presepe com bonecos de barro!* outra com cortinás de damasco e painéis d'estes de se dizer ao auctor: — *Põe por baixo o teu nome e estou vingado!* A frontaria da parte do convento que deita sôbre a praia é toda tam recosida de remendos caiados no meio d'aquella pedra pulida e amarellada dos seculos, com tanta janellinha de agua-furtada por entre aquelles veneraveis arcos da sua primitiva structura, que alli so, está o verdadeiro emblema do triste Portugal d'hoje: ruínas da grandeza antiga implastadas da mèsquinhez moderna, o triumpho do mau gôsto e da ignorancia sôbre a sciencia desprezada e proscripta. (*Nota da segunda edição.*)

A tôrre de Bellem foi desimplastada e restaurada em 1843 pelo bom gôsto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu illustre governador. A igreja de Bellem limpou-se emtanto, e se poseram vidros de côr em duas janellas, graças ao amavel e illustrado zêlo de S. M. Elrei D. Fernando, a quem ja tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. So ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cadavez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vandalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao ceo. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos nescios que

nos governam e que só a zурros attendem; mas chegam á alma dos que a teem, e pouco a pouco vão callando na opinião até que algum bem arrancam a esses mesmos papellões impotentes que erigiram a ignorancia farfalhuda e a impotencia presumpçosa em qualidades de homem d'Estado. (*Nota da quarta edição.*)

NOTA M

Do homem que é mau do berço á sepultura.... pag. 41.

Não quiz, certo, enunciar a doutrina dos Hobesianos, que não sou tam mysanthropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fructo de habitos ruíns, e depravação que os degenerou; não que das mãos do Creador sahisses as bêstas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superficie da terra. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA N

Á fé que não, gritou c'o accento ousado..... pag. 41,

Bo'fé e Á fé são interjeições portuguezissimas ambas, que valem: *por certo*, *por vida minha*; e são abreviatura de: *á fé de quem sou*; *por minha fé*; *por minha, boa fé*. Bo'fé póde acaso ser taxado de arca-

hismo, e não o usarei eu em escriptura séria; mas á fé, não. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA O

Por vida minha o que quereis ao Indio?.... pag. 41.

Na minha primeira edição le-se — ‘Por vida vossa’: o que agora, novamente reflectindo, me parece melhor e mais certo. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA P

Intervir na disputa mal-ferida..... pag. 14.

O adverbio *mal*, quando anteposto a *ferido*, em legitimo Portuguez, augmenta, que não diminue a fôrça do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiudo se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escriptores: ‘batalha mal-ferida’ por ‘batalha mui travada e renhida’ etc. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA Q

Ricco de affrontamentos e trabalhos pag. 45.

O affrontamento é o effeito do nimio trabalho; e o trabalho a causa do affrontamento ou cansaço:

n'isto se distinguem. Advirta-se porém que o uso vulgar de affronta e derivados, por *injúria*, insulto ou pena e afflicção que d'ellas resulta, é o sentido figurado e translato, que não o proprio da palavra. Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer aggravamento. Mas *affrontamento* sempre se toma na accepção natural: *affrontoso*, ao contrario, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, deshonorador e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso, disseram os nossos auctores. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA R

Poucos pardaus contém (Menos me ficam... pag. 17.

Moeda da India que o commercio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *mimos indianos*

Vieram fazer-lhe os damnos,
Que Capua fez a Annibál.

O bom Sa-Miranda, que ja d'isto se queixava n'aquelles versos, em outra parte dá testemunho da muita abundancia com que a moeda circulava no reino até pelas mais certaneijas commarcas:

Eu ja vi correr pardaus
Por Cabeceiras-de-Basto.

(*Nota da primeira edição.*)

NOTA S

Quando no berço teu, bardo sublime..... pag. 19.

Em Warwickshire, patria de Shakspeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei á volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e porventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza*, em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem éstas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não ha um so pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amizade, mais sagrada para mim que nenhuma outra. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA T

E ess'outro?—Deu-lhe o ser matrona do Ebro.. pag. 24.

A idea d'este missionario castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos Lus. quando falla de um Fray Josepe Indio, proprietario que foi do famoso exemplar de lord Holland. (*Nota da primeira edição.*)

AO CANTO SEGUNDO

NOTA A

Que agudos huivos desgrenhadas gritam.... pag. 29.

As carpideiras, mulheres cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos prantos, arrepellando-se e fazendo outros varios tregeitos que n'aquelle tempo eram de uso. Este costume antiquissimo veio-nos dos Romanos ou mais de longe talvez. Provincias ha inda na Europa onde subsiste todavia. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA B

De escuro vaso e longo dó vestidos?..... pag. 29.

Que estofos estes fossem de vaso e dó, ou lucto e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje ao certo. Conjecturo que *vaso* seria porventura o que agora chamâmos fummo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e lucto que se traz no chapeo e espada, e que tambem no chapeo antigamente se trazia, mas tam comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o auctor do Eluci-

dario para dizer que *vaso* era um *cappello*. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA C

A gemedora viração da noite..... pag. 30.

Escrevo desvairadamente 'noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo' e semelhantes, não só por conservar esses *riccos* foros da lingua, mas porque n'esta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA D

Clarão triste de mortos pag. 30.

É phrase mui commum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que so é *vulgar*: aquelle é quasi sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mister bom criterio e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e estremar os tropos dos solecismos. — 'Luz de mortos' dizemos de uma luz baça e que tristemente acclara, como a tocha funebre á roda da eça, ou na procissão do interramento. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA E

Ruim agouro ! um sahimento funebre pag. 30.

Funeral, intêrro, sahimento, interramento são palavras synonymas, i. e. são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se aproxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha que em sua raiz, derivação (e essencia, para assim dizer) têm acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso — distingamos o uso classico e o uso popular, do abuso de tarelos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distinctas. Fôrça é tambem dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infallivel norma n'este ponto, e de seguir-se ás cegas. Ésta deficiencia dos classicos, a notou ja o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, nos seus synonymos. Á philosophia dos nossos tempos, que tem acclarado as mais remotas provincias da litteratura e das sciencias, a ella so é possivel o dar fio a este labyrintho, e mondar com regra e ordem as incultas devezas das linguas que sem ella se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem comtudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que falámos uma linguagem solemne, ricca e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto

como a franceza: ja não digo ingerir-lhe tanto vocabulo peregrino como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas de estropeada e feia symetria quando vistos junctos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom dictionario de synonymos, e outro de origens ou etymologico, nunca chegaremos a fallar uma lingua perfeita e de nação civilizada. Quem se occupará d'isso? A academia, que ficou no *azurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonymicamente: *Sahimento* é a procissão que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convoi*): mas o restante e o antecedente da cerimonia do funeral ja se não podem chamar sahimento. *Intérro* é mais lato, e comprehende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Interramento* é a propria e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo, ainda mais, porque *exequias*, por ex., são funeral tambem e nada têm com o intérrro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras, parecidas no sentido e escriptura, e todas da mesma familia, têm comtudo entre si certas differenças que, sendo matiz imperceptivel para o litterato, são notaveis distincções para o que falla e escreve com exacção a sua lingua. (Nota da primeira edição.)

NOTA F

Entravam

Os viajantes no templo..... pag. 34.

Diz-se por ahi em Portuguez *viageiro* ou *viajor*, ou *viajante* ou *viandante*, indistinctamente: mas é mister distinguirem-se estes vocabulos, porque ha entre elles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tamsomente se póde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos; d'esta sorte *amador* so se póde dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, idea amante, nunca dizemos coração amador, idea amadora, etc. Assim *viajor* é stricta e unicamente a pessoa que viaja; *viajante* não so a pessoa, mas tambem qualidades, circumstancias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrario, é impessoal e so se refere a cousas, attributos. Trabalhos, incommodos viageiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que á lettra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue-se de todos aquelles, em que somente se póde dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *vijantes* mas nunca *viandantes*.

O viajante corre terras e mares; o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA G

'Natercia' d'echo em echo repetiram pag. 44.

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagramma a D. Catharina de Atahide. — Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poetico do que Marcia ou Marilia com que nos seccavam os poetas e soneteiros da eschola que ultimamente morreu, *apunhalada e invenenada* pelos Antonys de aguda pera e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, vou eu com a *revolução*. Mas n'este logar conservei o anagramma em respeito ao meu heroe e mestre. (*Nota da segunda edição.*)

AO CANTO TERCEIRO

NOTA A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas pag. 44.

O til é madeira escura e de pouco pulimento que n'aquelle tempo se usava muito. Vêem-se ainda restos em casas antigas. (*Nota da primeira edição.*)

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indigena que é, esta bella árvore. (*Nota da quarta edição.*)

NOTA B

De Perugino ou Vasco, á infancia da arte... pag. 45.

Perugino floresceu na Italia á volta do sec. xv, infancia da pintura; Vasco, ditto gran' Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal. (*Nota da primeira edição.*)

Muitos escriptores nacionaes e estrangeiros tinham começado a duvidar da existencia de gran' Vasco, a suspeitar que este nome querido dos Portuguezes não fosse mais que um mytho. As viagens e escriptos do Conde de Rackzinski comprovam porfim a existencia de gran' Vasco, a sua naturalidade que é Viseu, e a excellencia de suas qualidades de artista. (*Nota da quarta edição.*)

NOTA C

Virtude

Que o philosopho disse humanidade,

Charidade o christão pag. 45.

Ja dos versos citados no principio d'esta nota, e muito mais dos que se seguem, parece deprender-se uma idea e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessario rectificar.

A philanthropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoismo, senão nos effeitos, no principio ao menos: deriva da regra social 'faze aos outros o que queres que te façam.' Espera retribuição, vem do desejo e da precisão d'ella. A charidade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Elle e para Elle obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o auxiliador e premiador de suas acções.

A charidade pois não é o mesmo que a philanthropia: ou, mais exactamente, a charidade é uma philanthropia mais pura. Aquella é virtude de homens, ésta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesu Christo: 'Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.'

Graças a Deus que ha quatorze annos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas n'aquella idade nem o espirito reflecte tam fundo, nem o coração communga tam íntimo em nossas ideas e sentimentos. D'ahi parece talvez agorentado pelo sarcasmo philosophico o pensamento ardente d'alma que se invergonhou de apparecer todo e como é. Reputo quasi uma fraude ao público alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo somente na nota o que não quiz emendar no texto. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA D

Do castelhano cenobita o hóspede pag. 47.

Nem uma so vez se achará em nossos escriptos a palavra 'hespanhol' designando exclusivamente — o habitante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e ja muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos, eramos por extranhos e domesticos commummente chamados *hespanhoes*; assim como ainda hoje chamâmos allemão indistinctamente ao Prussiano, Saxonio, Hanoveriano, Austriaco: assim como o Napolitano e o Milanez, o Veneziano e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcacerkebir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitâmos esta peninsula. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA E

Veneranda Ceuta, insigne preço

De sangue regio e d'um martyrio illustre . . . pag. 52 e 53.

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão d'elrei D. Duarte, tendo ficado de arréfens por Ceu-

ta, em podêr dos Mouros, morreu no captiveiro por se lhes ella não intregar. Camões immortalizou—alias celebrou ésta immortal constancia do *infante sancto*, que, diz elle :

So por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava.

Mas devendo-se a Camões a popularidade de tam insigne feito, deve-se-lhe tambem o vulgarizar-se um êrro commum — pois geralmente se crê pelos que não teem profundado a nossa historia (e quantos o fazem?) que por sua vontade unica o infante quizera antes passar a vida de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta; o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão elrei D. Duarte, mas sim as Côrtes que resolveram se não dêsse Ceuta pelo resgate do infante. O que elrei muito sentiu, mas não ousou contrastar. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA F

Ao vingativo conde pag. 55.

O primeiro conde da Castanheira, D. Antonio de Atahide, grande valido d'elrei D. João III. Veja o que a este proposito diz D. J. M. de Sousa na sua magnifica edição dos *Lusiadas*, vida de Camões. Veja tambem Memoria do Sr. bispo de Viseu no tomo 7

das da Academia Real das Sciencias de Lisboa de 1821. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA G

O templo

Que a piedade e fortunas appregoa

De Manuel o feliz..... pag. 59.

O templo de Bellem, em que me não canço nunca de fallar, é o nosso Westminster; e o seu convento, desde que deixou de o ser, so devia applicar-se a um asylo de marinheiros invalidos. A sua historia, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o caracteriza para esse destino. Collegio de rapazes, obrigado por tanto a alterar-se na fórma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casareo velho, remendado sem gôsto, do que o bello monumento antigo que é, isso é que elle nunca devia ser.

Um nobre e precioso relicario de tudo quanto fôsse glória do nome portuguez devêra ser aquella bella igreja. Alli o verdadeiro Pantheon. Alli jazigo de reis — quanto melhor que n'um esconso recanto de S. Vicente! Alli todos esses tumulos e inscripções que desaparecem e se obliteram todos os dias por essas igrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedr'Alvares Cabral não será mandado sahir,

um dia d'estes, da igreja da Graça em Santarem pelo regedor de parochia¹? Os ossos dos Velascos ahi andaram nas ruinas de Lisboa á vista de nós todos— em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está á porta de S. Domingos de Bemfica, como quem vai para sahir: começaram os frades—acabará outro possuidor tam bom como elles. D. Diniz expulso pelas freiras de Odivellas para uma capellinha obscura, em ella cahindo—e que templo antigo e venerado ficará empé em Portugal com mais

¹ O Sr. Varnhagen copiou, o anno passado, 1838, do jazigo de Pedr'Alvares Cabral, que é na Graça de Santarem, o singelo e curioso epitaphio do illustre descobridor do Brazil; diz assim:

Aquy jaz Pedral uares Cabral e dona Isabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João noso snõr hu ter ceyro deste nome.

Ésta infanta D. Maria é a que nascêra em Coimbra a 13 de Outubro de 1527. Casou em Salamanca com D. Philippe, principe de Castella, a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 em Valhadolid.—Jaz no Escorial.

D'onde se deduz que Pedr'Alvares Cabral se finou entre o anno de 1527, e o de 1545. (*Nota da segunda edição.*)

O mais que n'este logar se diz na nota H ao terceiro canto, pag. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora supprimo, é êrro que proveio da pressa com que se extrahiu a inscripção e a noticia de um jornal litterario de Lisboa em que primeiro apparecêra. (*Nota da terceira edição.*)

dez annos como estes ultimos cinco!—irá o monumento dô nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por elle nos pintou o reino esclarecido e florescendo

Em constituições, leis e costumes

Da terra ja tranquilla claros lumes!

Alli, digo eu, em Bellem o nosso *Poets-corner*, para desaggravar os manes de Camões, para dar poiso honrado ás cinzas de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem posthuma vem a justiça a ninguem.

No Diario do Govêrno n.º 163 d'este anno barbaresco, ahi vem o *Paço-de-Sousa* a vender—por quanto? Um ministro portuguez que se atreve a mandar pôr em almoeda uma reliquia d'aquellas, não sei com que o compare. Com o prodigo sem vergonha que manda á feira da ladra os retrattos de seus avós. Que tira d'ahi o miseravel? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais, e deshonorou-se para sempre.

Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduíno Thesouro. A igreja do Carmo de Lisboa, que não so é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim ditto)—alluga-se todos os annos por não sei quanto; e

aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma somma que decerto hade cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos annos: — creio que são dôze mil réis! — Que brilhante operação de finanças! So excedida pela do serrador de madeira que alli habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo degradou ja o interior da egreja, que está quasi na altura das ideas modernas. (*Nota da segunda edição.*)

Finalmente o Thesoiro teve vergonha e ja não aluga a egreja de Nun'Alvares. Mas quem toma cuidado d'estes e d'outros que taes monumentos? Acho que ninguem: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. (*Nota da terceira edição.*)

No memoravel anno de 1852 decretou o fomento que a egreja de Nun'Alvares fôsse convertida em sala de exposição de indústria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e peor sentido. Não póde ser senão templo o que é templo e de tal historia. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avêso.

Um porém veio emfim a direito; que foi a nomeação do meu illustre e nobre amigo, o Sr. Marquez de Loulé para provedor da Casa-Pia. Do illustrado zêlo e apurado gôsto d'aquelle fidalgo se espera não so ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que elle merece e deve ter, mas tambem que restau-

rado o monumento, se desaggrave a arte e a historia que n'elle estão vilipendiadas com tanto desacato. (*Nota da quarta edição.*)

NOTA H

Como o incerado rôlo sôbre as agnas

Unico leva á patria o nome e a fama

Do perdido baixel..... pag. 63.

Sucedeu mais de uma vez que, soçobrando galeões que vinham da India, lançava o capitão ao mar um rôllo incerado e bem fechado de folha-de-flandres em que incluia o nome do navio, dia e anno em que se perdêra, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim d'aquelle galeão. Veja Hist. frag. mar. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA I

Um reflexo

De inspiração maior que humana coisa..... pag. 64.

O pensamento verdadeiro e dominante d'este poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de immortalizar o nome portuguez com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens, seus estudos, suas

meditações, tudo tem um fim predestinado — a composição dos *Lusiadas*. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA J

Uma carta fechada a fio negro

De seda..... pag. 65.

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou ainda; e algumas côrtes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e príncipes nas *grandes ocasiões*. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA K

— ‘ Sancta-Fe se chama

O galeão..... pag. 65.

Na primeira edição sacrificou-se a verdade histórica ao que pareceu mais poetico, lendo-se:

— O galeão Dom-Vasco

Se diz.

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Sancta-Fe. N'elle imbarcou em Sofalla o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, Dec., D. J. M. de Sousa, Faria-e-Sousa, etc. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA L

Corteja e parte logo. — Que será? pag. 65.

É verso agudo, accintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideias que a accompanha. (*Nota da primeira edição.*)

 AO CANTO QUARTO

NOTA A

Por onde o velho mundo dilataram

Os nossos e os que após dos nossos foram . . . pag. 75.

Julgava Christovam Colomb ou Colon que a Asia se prolongava para o oriente; e suppunha, com a maior parte dos sabios do seu tempo, que a circumferencia da terra era menor do que ella é na realidade. A este duplo ingano, ás informações e papeis que, pela parentella de sua mulher, houve dos navegadores portuguezes, devêmos principalmente a descoberta da America. — Casára na Madeira Colomb com uma senhora Perestrello. Veja vida de Colomb por seu filho Fernando Colomb, cap. v, Washington Irving, liv. 1, cap. 5.

Os célebres mappas da Cartucha d'Evora, (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35)

dizem-me provar que em Portugal, antes de Colomb, havia já noções da America.

Colomb residiu algum tempo em Islandia, cujos navegadores, está hoje fóra de toda a dúvida, conheciam o norte da America muito antes d'elle.

E os famosos sibyllinos versos de Seneca :

Non erit terris ultima Thule!

quem os explicará?

Pedr'Alvares Cabral, por outro acaso — o de Colomb não fóra mais — completou a descoberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colomb. Americo Vesputio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a glória!

Que não haja um Portuguez que reivindique as usurpações que todos os dias nos fazem extranhos, e releve mais claramente o que já apontou o nosso Barros a este respeito! (*Nota da segunda edição.*)

Temos no Sr. Visconde de Santarem quem nos desforce de todas éstas usurpações. (*Nota da quarta edição.*)

NOTA B

O astro novo, não visto d'outra gente

Antes que o luso nauta lh'o amostrasse. pag. 76.

Os Portuguezes so passaram o Equador em 1472. Então lhes appareceram novo ceo e novas constellações; então viram os primeiros olhos europeus o

polo austral e as quatro estrellas últimas que lhe ficam aopé. Mais de um seculo antes d'isso, Dante tinha adivinhado éstas quatro estrellas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente.

DANTE PURGAT., CANT. I.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos? — Certamente o mesmo *Ignotus Deus* que inspirou a Seneca o

Non erit terris ultima Thule.

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a sciencia do erudito, o cálculo do sabio?

Em boa e singella prosa, o que me parece provavel é que alguma tradição scythica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores d'esse tempo, chegasse a Seneca, e por superior talento avaliasse elle o que outros escarneceram talvez. Alguma saga dinamarqueza ou islandica achou acaso no Dante o mesmo genio transcendente que avalia e préza o que a vulgaridade tracta muita vez de absurdo e ridiculo. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA C

No ar se me affigou troar de irada

A potestade immensa d'algum genio

Que os cancellos do oriente alli guardasse .. pag. 78.

Parece-me muito provavel que realmente a vista d'aquelle immenso e terrivel promontorio suscitasse

a Camões a idea magnífica da sua metamorphose: talvez a não houvera elle concebido se de Portugal não sahisse. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA D

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava ... pag. 83.

Allude á célebre composição — *Disparates na India*. — Que ella foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da patria, são abono todos os biographos de Camões.

Faria-e-Sousa, na segunda vida do Poeta, n.º 48, não se atreve a desculpar a aspereza e vehemencia da satyra. Na memoria do Sr. bispo Lobo parece provar-se que o destêrro para Macáo fôra suavizado com o provimento no cargo de provedor-mor dos defunctos que o governador Francisco Barreto, simultaneamente ou logo depois, lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões ésta satyra, fundando-se no nenhum talento poetico que lhe nota. Por mim adopto mais facilmente a opinião do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos Lus. por D. J. M. de Sousa-Botelho, Paris 1817; Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom. VII, 1821. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA E

Que ao Socrates da China se amostrára
 Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
 Que ao amante de Phedon pag. 84.

As chronicas dos Chins reduzem toda a nossa chronologia a cousa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como seria. Confucio não é inferior em bondade de moral a Socrates; e quando os amores de Phedon fossem tam platonicos como os viu Mendelsohn, ainda assim não seria o Grego superior ao Chim. (*Nota da primeira edição.*)

Veja comtudo a eruditissima obra de Paw que reduz a seu justo valor as exagerações dos chronistas do *imperio celestial*, e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos outros Jesuitas das *Cartas edificantes*.

V. *Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois*, Paris an III de la Rép. Franc. 2 vol. (*Nota da segunda edição.*)

AO CANTO QUINTO

NOTA A

Alta a noite, escutei o carpir funebre
 Do nauta que suspira por um tumulo
 Na terra de seus paes pag. 90.

Incontram-se no alto mar umas avesinhas que de noute dão sentidissimos e longos pios, ás quaes os

marinheiros poseram o nome de *almas-de-mestre*, crendo supersticiosamente que são as almas dos *mes-tres* ou capitães de navios que se perderam, e que andam n'aquelle fadario de pios em quanto seu corpo não chega a terra e obtem sepultura christan. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA B

Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi..... pag. 94.

O padre J. A. de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato. Assás foi refutada ésta miseravel accusação que so a paixão cega de tam louca rivalidade podia fazer dizer a um homem alias erudito e não sem ingenho. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA C

Na pedregosa incosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam ... pag. 94.

Às abas d'essa incosta parece ter sido antigamente a principal parte da villa, ou primitiva povoação de Cintra. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA D

Do bardo mysterioso o eterno canto pag. 99.

Lord Byron, que em seu extraordinario e inimitavel poema, o Child Harold, falla de Cintra com o

entusiasmo que as bellezas da natureza excitam em genios como o d'elle. Este grande poeta, o maior do seculo presente, acabava de expirar na Grecia, onde o levára a nobreza de seus sentimentos, quando isto se escrevia; e á sua morte alludem os seguintes versos, que são imitados de uns do seu amigo e biographo, o suavissimo Anacreonte do norte, Th. Moore:

Onde um suspiro

De morte, etc.

(Nota da primeira edição.)

AO CANTO SEXTO

NOTA A

Africana terra,

Que de nossas conquistas e victorias

Berço fatal ha sido e sepultura..... pag. 104.

Era grande e altamente politico o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Hespanha reunido sob uma so coroa, conceberam que Portugal, para ser independente devéras, precisava de se alargar pelas fronteiras terras d'Africa, os Algarves d'além.

Mas foi sempre— talvez será sempre fado de Por-

tugal não ter nunca idea politica, systema constante de govêrno. Variou-se, varia-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e perolas d'Asia, depois o ouro e diamantes do Brazil fizeram desprezar as praças d'Africa, onde era preciso gastar muito e perseverar muitissimo antes que produzissem para a alfandega e para o erario.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos não eram tam loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

Esta mesma grande calamidade despolarizou a idea. Tanto caso se fazia das praças d'Africa n'aquelle tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa commum da nação. No emtanto metteram-lhe os Castelhanos guarnição, e lá ficou d'elles.

O que são as coisas! Se nós tivéssemos hoje as nossas praças d'Africa, não seriamos poderosos e queridos alliados dos Francezes? Com sua boa vizinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? Ás portas do estreito, um pé n'Africa, outro na Europa, seria Portugal o reininho das noventa leguas de quem todos escarnecem? Ja não é so de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para diante sem saber aonde. Sophisma que esqueceu a Jeremias Bentham.
(Nota da segunda edição.)

NOTA B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres... pag. 107.

D. Aleixo de Menezes, aio d'elrei D. Sebastião. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA C

De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão..... pag. 108.

Estes versos censuram a fastosa e pharisaica profissão dos hypocritas; mas não houve a minima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade—alias orgulho ridiculo e mal disfarçado.

Ja havia Christianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Egreja o que so regia a Egreja.—Este argumento de um Anglo-americano ha pouco voltado ao seio da Religião Catholica, é a morte do Protestantismo. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA D

Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho..... pag. 109.

Veja as Conf. de S. Aug. (*Nota da primeira edição.*)

AO CANTO SEPTIMO

NOTA A

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
 Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
 Na planicie tranquilla pag. 449.

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sôbre se houve ou não nas Hespanhas o systema feudal propriamente constituido, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos d'architectura. Quem, descendo o Rhim e vendo aquelles tam riccos e picturesque montes coroados de castellos senhoriaes ainda ouriçados d'ameias e bastiões — quem não dirá: 'aqui dominou o feudalismo em toda a sua plenitude?' — Mas o que visitar as aridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Hespanha, e vir coroadas as suas alturas de esmoronadas fortificações moirescas, e o paço do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos igualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do valle, e sem mais distincção, apenas differentes nas proporções ou no gôsto do edificio — esse dirá necessariamente: 'Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o dominio africano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mister de castellos e pontes levadiças.'

destruíram o inimigo commum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco ; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu — raça exclusiva de trabalhadores no alheio.’

O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA B

Que precedido vai por debeis cannas pag. 449.

Os porteiros da canna, que ainda se conservam no acompanhamento real, eram antigamente os bate-dores dos nossos reis. Sa-Miranda na sua carta a el-rei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarchas portuguezes com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lessem. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA C

Menestreis tangem pag. 421.

Nome que tinham no paço os musicos que ultimamente eram designados, creio eu, com o ignobil título de musicos das cavalherices. Dava-se-lhes ain-

da aquell'outro no tempo de D. João IV. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA D

E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos d'Ignez repete a lyra..... pag. 132 e 133.

As traducções dos *Lusiadas* começaram logo a espalhar-se por todas as linguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens*, este geral interêsse e universal enthusiasmo quasi desde o momento que appareceu o poema, o adoptarem-n'o logo por seu tantos paizes e linguas differentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quasi sempre sido o pobre Camões, observa o illustre litterato, com os seus traductores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o *Annual Review* para 1803; '*It is one of the curiosities of litterature that two englishmen of considerable genius should have employed themselves at different times in interpolating a portuguese poet.*—'É notavel curiosidade litteraria que dous Inglezes de consideravel talento se empregassem, em differentes tempos, em interpolar um poeta portuguez.'

Mas Inglaterra, e a sua litteratura, se alguma offensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou

com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memorias são, com a edição do morgado de Mattheus, e a Memoria do Sr. bispo de Viseu Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têm alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quam pouco tenho procurado, e quam rara vez me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferencia que, desde 1820, quasi sempre tenho tido com os ministros que nos têm governado sob o regimen constitucional. N'estas raras excepções entrou a mercê que impenhadamente solicitei do favor Real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao auctor das Memorias de Camões. O Diario do Govêrno, que tanta cousa nos publica que melhor fôra não dizer, nunca se dignou communicar á Nação este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua glória, do que para glória da Rainha. Julguei de serviço público deixá-lo trasladado aqui :

‘Attendendo ao que Me representou João Baptista d’Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinario, Ministro Plenipotenciario junto a Sua Magestade Catholica ; e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testimonho do apreço em que Tenho o distincto serviço que fez á Litteratura Portugueza na publicação das suas Me-

morias de Camões, que assim deram novo brilho á glória toda nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson de o Nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valôr, Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha intendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 d'Abril de 1838. — RAINHA. — *Antonio Fernandes Coelho.*

O episodio de Ignez de Castro é talvez a parte das *Lusiadas* que tem sido mais popular na Europa e mais vezes traduzida em todas as linguas cultas. Mas em todas ou quasi todas o foi ja o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traducções de que pude achar memoria, ou examinei eu proprio.

TRADUCÇÕES DOS *LUSIADAS*
DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO PORTUGUEZA DE 1572

I.—1580.—Traducção castelhana por Benito Caldera, com este titulo: — *Los Lusiadas de Luys de Camões, Traduzidos en octava rima Castellana per Benito Caldera residente en Corte. Dirigidos al illustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general inquisicion. — Con privilegio. — Impresso en Alcalá de Henares, per Juã Gracian. Año de M. D. LXXX.*

1 vol. em 4.^{to} pequeno com uma gravura em a-

deira no principio, representando um soldado no acto de montar a cavallo, sem numeração de paginas ou de folios.—Antes do poema vem uma epistola ao leitor por Pedro Laynes — sonetos ao A. pelo licenciado Garay — por um amigo — por Luiz de Montalvo — pelo mestre Vergara — por um amigo — e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim: — En Alcalá; — En Casa de Juan Gracian — 1580.

Conserva-se um exemplar d'esta rara traducção na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckinghamhouse.

Veja Nic. Antonio, *Bibl. Hisp. Nova*; — Barbosa, *Bibl. Lus.* tom. 1, pag. 500; — De Bure 3547; — Brunet, *Man.* pag. 207, tom. 1; — Duclos, *Dict.* tom. 1, pag. 234. — Osmont, *Dict. Typ.* tom. 1, pag. 463. — Fournier, *Nouv. Dict. port. de Bibl.* — *Bibl. Croftsiana*, n.º 4633. — *Bibl. Pinelliana*, n.º 689. — *Adamson's Memoirs*, tom. II.

II. — 1580. — Traducção castelhana por Luiz Gomes de Tapia, com este titulo: *La Lusitada de el Famoso Poeta Luys de Camoes. Traduzida en verso Castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colono, Abbad de Sancta Sophia — Con privilegio. — En Salamanca. — En casa de Juan Perier, Impressor de Libros, año de M. D. LXXX.*

1 vol. 4.^{to} pequeno em 307 fol. Tem argumentos em prosa no principio, e annotações no fim de cada canto.

Antes do poema contêm dedicatória—versos latinos de Francisco Sanchez—um soneto em castelhano pelo auctor—versos latinos de Francisco Sanchez—versos latinos de Alvaro Rodrigo Zambano—um soneto em italiano por Diogo Vanegas—uma canção por D. Luiz Gongora e Pedro de Vega—sonetos em castelhano por D. Luiz de Valençuela e D. Antonio Peralta—cathalogo dos reis de Portugal.

Um exemplar d'esta obra existe na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr do morgado de Mattheus D. José Maria; outro no de M. Smith: Bibl. Smithiana, Venet. 1755, pag. 87.—Vej. Adamson's Mem. tom. II.

III.—1591.—Traducção castelhana por Henrique Garces; com este titulo: *Los Lusíadas de Luiz de Camoes, Traduzidos de Portugues en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primero de las Españas, y de las Indias. En Madrid. Impresso com licencia en casa de Guillermo Drouy, impressor de libros. Año 1591. 4 vol. 4.^{to}*

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e inviuvando foi conego no Mexico. Vej. Nicolau Antonio Bibl. Hisp. Nov. I.—Barb. Bibl. Lus. tom. II.—Reis Enth. poet. pag. 150.—O titulo, pri-

vilegio, censura e quatro sonetos occupam oito pag. sem numeração; o poema 185 fol. — Um exemplar d'esta rarissima edição existe na bibliotheca do meu amigo o Sr. James Gooden em Londres.

IV. — 1612. — (Á volta de) — Traducção franceza, anonyma. Não foi possivel aos mais diligentes bibliographos modernos descobrir um exemplar d'esta traducção, de cuja existencia nos consta indubitavelmente todavia pelo testemunho de Nicolau Ant. Bibl. Hisp.; Fernandes ed. dos Lus. de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a attribue a um M. Scharon; Adamson's Memoirs tom. II; e outros.

V. — 1613. — Traducção italiana anonyma: provavelmente Ms. pelo testemunho de Nervi. Vej. Manuel Correa que lhe assigna ésta data de 1613; Adamson's Memoirs tom II.

VI. — 1622. — Traducção latina por D. Fr. Thomé de Faria bispo de Targa; com este titulo: *Lusiadum Libri X. Authore Domino Fratре Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulyssipone ex officina Gerardi de Vinea 1622. 1 vol. 8.º*

Reimprimiu-se no *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum etc. Lisboa. 1745.*

Tive na minha pequena collecção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em podêr do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar d'êsta 1.ª edição foi vendido na venda

de Crevena por 2 fl. 14 st. Catal. Crev. tom. III. pag. 289.

Veja Nic. Ant. Bibl. Hisp. Nov. vol. II; Barbosa Bibl. Lus. tom. III; Faria y Sousa; Severim de Faria; Adamson tom. II; e outros.

VII. — 163... — Tradução latina por André Bayão com este título: *Lusiada Indiæ orientalis argonautæ*. Ms. actualmente existente na Bibliotheca Romana.

André Bayão, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu 1639.

Veja Bibl. Hisp. Nov. tom. I; Bibl. Lus. Tom. I. Montfaucon Bibl. Mss. vol. I, pag. 179; Reis Enth. poet.; Adamson's Mem. tom. II.

VIII. — 16... — Tradução latina de Antonio Mendes com este título — *Lusiaden Camonij Hispanorum vatum antesignani Poemæ Latinis versibus redditum*. 4.^{to} Ms.

Veja Barbo. Bibl. Lus. tom. I, pag. 327.

IX. — 16... — Tradução latina por Fr. Francisco de Sancto Agostinho Macedo, com este título: *Lusiada de Luiz de Camões traduzida em lingua latina*. Ms.

Macedo o encyclopedico nasceu em Coimbra, 1596, morreu em Padua 1681.

Esta tradução chegou a estar em poder do padre Reis para se imprimir no *Corpus poetarum*, cujo sexto volume é todo occupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veio porfim a publicar-se por não ter

recebido a última correcção de seu auctor, diz uma nota do editor no referido 6.º vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Bibliotheca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus poetarum*, creio eu.

Vej. Barbosa Bibl. Lus. tom. I e II; Adamson tom. II.

X. — 1655. — Traducção ingleza por Sir. Richard Fanshaw, com o seguinte titulo: *The Lusiad, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.* — Dignum laude virum Musa vetat mori: — Carmen amat quisquis carmine digna facit. — HORAT. — London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms, in St. Paul's church yard.

M. DC. LV. fol.

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e n'este character residia quando se concluiu o casamento d'elrei Carlos II com a infanta D. Catharina. Foi depois embaixador em Madrid onde morreu em 1666.

É dedicada a traducção ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extracto do *Satyricon* de Petronio com uma traducção do mesmo Fanshaw, e o soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglez. Retrattos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra *newly* no frontispicio d'esta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais an-

tiga traducção por auctor diverso. Mickle, *Dissert. on the Lus.* em uma nota, resolve, cuido eu, toda a dúvida, quando diz, citando o editor das cartas de Fanshaw: 'During the unsettled times of our anarchy some of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfortune into unskilful hands, were *printed and published* without his consent or knowledge, and before he could give them his last finishing strokes: such was his translation of the Lusiads.'

Mickle loc. cit.; Adamson's Mem. tom. II.

XI.—1658.—Traducção italiana por Carlos Antonio Paggi, com o titulo: *Lusiada Italiana di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese, Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe de'Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira. 1658. 1 vol. 12.^{mo}*

Contêm uma allegoria precedendo o frontispicio, gravada; duas dedicatorias a Monsig. Giacomo Franzoni e al Ill. Sign. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões;—sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. Ant. Bibl. Hisp. Nov. tom. II; Adamson's. Mem. tom. II.

A segunda edição, mui alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma typographia logo no seguinte anno 1659.—Ha exemplares no Mus. Britan., na collecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII.—1735.—Traducção franceza por Duperron de Casterá, com este titulo: *La Lusiade du Camoens, poëme héroique, sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera.* 3 vol. 12.^{mo} Paris, 1735.

Com uma serie de estampas, e uma allegoria no frontispicio. É dedicada a S. A. S. o Principe de Conty. Contêm, além da dedicatoria em verso francez, e da inscripção em verso latino da allegoria, um prefacio, a vida de Camões, licença do rei, notas no fim de cada canto, e indice de materias no fim de cada volume.

De Bure; Brunet, Man. du Lib. tom. 1, pag. 207; Duclos, Dict. Bibl. tom. 1; Osmont, Dict. Typogr. tom. 1, pag. 463.

Ha uma ed. de Paris 12.^{mo}, outra de Amsterdam em 8.^{vo}, ambas em tres vol. e no mesmo anno de 1735.—Outra ed. de 1768.

XIII.—1762.—Traducção em verso allemão dos episodios de Ignez de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra *Den Gil. Beytr. zu den Braim-schwig Antreigen.* 1762. St. 25. pag. 193; St. 26. pag. 210.

XIV.—1772.—Traducção em oitava rhyma italiana anonyma; com este titulo: *La Lusiade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da'Portoghesi di Luigi Camoens: Chiamato per la sua excellenza Il Virgilio di Portogallo. Scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed ora nello*

stesso metro tradotta in Italiano de N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiunti al Poema da Gianfrancesco Barreto. Torino 1772. Presso li fratelli Reycends Libraj in Principio di contrada nuova.—

Multosque per annos—Errabant acti fatis maria omnia circum.—

ENEID. LIB. I.

1 vol. 12.^{mo} de 304 pag. dedicado al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvatore Pez di Villamarina. Argumentos em verso no principio de cada canto, e notas marginaes no decurso da obra. Ha um prefacio depois da dedicatoria.—Attribue-se geralmente ao conde Laureanni, algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr de M. Adamson.

XV.—1772.—Traducção em verso francez por S. Gaubier de Barrault; com este titulo: *La Mort d'Inès de Castro; et Adamastor; morceaux tirés et traduits de la Lusiade de Camoens; pour servir d'Essai à une Traduction Française en vers et complete de ce fameux Poëme Portugais. Ouvrage dédié et présenté au Roi le VI de Juin M. DCC. LXXII, jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault. A Lisbonne. De l'Imprimerie Royale. Avec approbation.* 1 folheto de 32 pag. em 4.^{to} com o texto ao lado.

São unicamente os episodios de Adamastor e de

Ignez de Castro, traduzidos verso por verso: dedicatória em prosa franceza a elrei D. José.

Aquino ed. de Cam. 1782; Adamson tom. II.

XVI.—1776.—Traducção em verso rhymado inglez por Julio Mickle; com este titulo: *The Lusiad; or the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.*—‘Nec verbum verbo, curabis redere fidus—‘Interpres.—HOR. ART. POET.

London.—Oxford.—M. DCC. LXXVI. 1 vol. 4.^{to}

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contém, antes dos Lusíadas, uma introdução; a historia da descoberta da India; a historia do crescimento e queda do imperio portuguez no Oriente; vida de Luiz de Camões; dissertação sobre os Lusíadas; observações sobre a poesia epica.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I.; Adamson's Mem. tom. II.

XVII.—1776.—Traducção, em resummo, em prosa franceza por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este titulo: *La Lusíade de Louis de Camoens; Poëme Héroïque, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant.* 2 vol. 8.^{vo} Paris, 1776.

Precedem o poema uma advertencia do editor, uma vida de Camões: no principio de cada canto um argumento em prosa. Excellentes gravuras com explicações em prosa tambem.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. 1; Mickle Diss.; Bibliothèque d'un homme de goût, tom. 1, pag. 239 (ed. de 1808); Brunet, Man. du lib. tom. 1; Fournier Nouv. Dict. port. de Bibliog.

XVIII.—17...—Traducção em verso francez por Florian, com este titulo: *Episode d'Inez de Castro, traduit de la Lusiade de Camoens—chant III.*

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX.—1788.—Traducção anonyma em prosa franceza do episodio da Ilha dos amores, na collecção intitulada: '*Voyages Imaginaires, Romanesques, 'merveilleux, allégoriques &c. Amsterdam 1788, 8.º*', com o titulo seguinte: *L'Isle enchantée, Episode de la Lusiade, traduit du Camoens.* Tem uma bella gravura de Venus fallando a Cupido.

XX.—1807.—Traducção em oitava rhyma alleman por Frederico Kuhn e Carlos Theodoro Winkler; com o titulo: *Die Lusiade de Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche otavereime ubersetzt. Leipzig in der Weidmannischen Buchhandlung. 1807. 8.º*

É dedicada ao conde Carlos Boze secretario d'estado d'elrei de Saxonia: pretende-se na dedicatoria que é a primeira traducção dos Lusíadas em allemão.

XXI.—1808.—Traducção alleman do primeiro canto dos Lusíadas, com o texto portuguez ao lado; com este titulo: *Probe einer neuen ubersetzung der Lusiade de Camões. Hamburg bey Friedrich Perthes.*

XXII.—1811.—Traducção em verso francez dos

episodios de Ignez de Castro e da Ilha dos amores, por Parseval Grand-maison, no poema rhapsodico intitulado *Les amours épiques*. 1 vol. 8.º

A edição que cito é a segunda; não se pôde descobrir a data da primeira.

XXIII.—1814.—Traducção em oitava rhyma italiana, por Antonio Nervi; tem por titulo: *Lusiada di Camoens, Trasportata in versi Italiani da Antonio Nervi. Genova. Stamperia della Marina e della Gazzetta, anno 1814. 8.º*

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou illustrações.

XXIV.—1818.—Traducção castelhana de Dom Lamberto Gil; com o titulo seguinte: *Los Lusiadas, Poema Epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Dom Lamberto Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid. 1818. Imprenta de D. Miguel de Burgos. 3 vol. 8.º*

O primeiro vol. tem o titulo acima, e contém prologo—vida de Camões—juizo critico—relação da viagem de Gama—e os primeiros cinco cantos dos Lusiadas.—O segundo volume contém o resto dos Lusiadas; no terceiro ha prologo—e poesias várias que vêem a ser uma escolha dos poemas menores, notas etc.

XXV.—18...—Traducção ingleza de parte do iv.º canto dos Lusiadas, e d'algumas selecções das Rhymas por Lord Strangford; com o titulo: *Poems*

from the Portuguese of Luis de Camoens. London 18...
um pequeno vol. em 12.^{mo}

XXVI.—1825.—Traducção em prosa franceza por
Millié, com este titulo: *Les Lusíades, ou Les Portu-
gais, Poëme de Camoens, en dix chants.—Traduction
nouvelle, avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié.* — ‘La dé-
couverte de Moçambique, de Melinde et de Calicut a été chantée
par le Camoens dont le poëme fait sentir quelque chose des char-
mes de l’Odyssée et de la magnificence de l’Enéide.’ MONTESQUIEU.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue
Jacob n.º 24. De l’imprimerie de Firmin Didot. M.
DCCC. XXV. 2 vol. 8.^{vo}

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (mor-
gado de Mattheus). Antes do poema, um prefacio—
vida de Camões—o soneto de Tasso e uma imitação
franceza d’elle. No fim de ambos os volumes, notas—
argumentos—conceitos dos litteratos sôbre os Lusí-
adas—noticia sôbre Camões e suas obras, por D. José
Maria de Sousa Botelho, traduzida em francez por
M. Millié.

XXVII.—18...—Traducção em oitava rhyma al-
leman pelo Dr. C. C. Heise, com o titulo: *Die Lusíade,
Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen
ubersetzt von Dr. C. C. Heise.*—Hamburg und Altona
bei Gottfried Volmer. 2 vol. 12.^{mo}—No frontispicio
tem este dysthico allemão:

‘Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen.’

Contêm, antes do poema, uma especie de *enderêço*

a Camões—argumentos nos principios—e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão. Conhecê-se que é d'este seculo.

XXVIII.—1826.—Traducção em oitava rhyma italiana por Briccolani; tem titulo: *I Lusjadi del Camoens recati in ottava rima da A. Briccolani. Parigi 1826, co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, n.º 24, 1 vol. 32.^{mo}*

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sette para oito annos. Tem no principio a mesma gravura da edição portugueza em 32.^{mo} feita em Paris, pela de 8.^{vo} de Didot e na sua officina mesma, por J. P. Aillaud.

XXIX.—1826.—Traducção em verso sólto inglez por Musgrave; com o titulo: *The Lusiad, An Epic Poem, by Luis de Camoens.—Traslated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave.*—Primum egº me illorum, dederim quibus esse poetis,—Excerptam numero. Neque enim concludere versum—Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos.—Sermoni propria putes hunc esse poetam.—Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os—Magna soniturum, des nominis hujus honorem.—HORAT. SAT. L. I, 4.

London: John Murray, Albemarle Street. M. DCCC. XXVI. 1 vol. 8.^{vo}

Precede o poema, dedicatoria ao conde de Chichester—prefacio.—Seguem-se no fim notas.

XXX.—1828.—Traducção dinamarqueza por Lundbye; com o titulo: *Luis de Camoen's Lusjade*

*oversat af oct Portugisiske ved H. V. Lundbye. Kopen-
nenhagen. 1828. 2 vol. 8.º*

O A. era secretario da legação dinamarqueza em Tunes.

XXXI.—1833.—Traducção em verso allemão por Donner; com titulo: *Die Lusiaden des Luis de Camoens verdentscht von J. J. C. Donner. Stuttgart. 1833. 4 vol. 8.º*

É uma bella edição em caracteres romanos. Auctor contemporaneo bem conhecido.

XXXII. A traducção hebraica, referida por Mickle, e feita com muito ingenho e elegancia por Luzetto, um erudito Judeu auctor de varios outros poemas, que morrêra na Palestina—trinta annos antes do tempo em que Mickle escrevia,—1775.

XXXIII. A traducção em prosa latina por Philippe José da Gama, tam louvada na ed. de 1779 das obras de Camões, em Lisboa.

XXXIV. A traducção em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o titulo *Lusiadum Libri VII. Ms.*

XXXV. A traducção em verso francez pelo Sr. Duque de Palmella que os particulares amigos do illustre auctor sabem estar muito mais adiantada, posto que d'ella so apparecessem amostras no *Investigador portuguez em Londres* de 18...—Posso dar testemunho do muito que admirei algumas das mais bellas e mais difficeis passagens dos Lusiadas, quando o no-

bre poeta (espero que se não offenda do nome) me fez a honra de m'as ler, ha onze para dôze annos em Londres.

XXXVI. As duas traducções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, illustre viajante d'aquelle paiz que aqui vimos em Lisboa este anno de 1839.

XXXVII. Os commentarios e traducção russa em 2 vol. 8.^{vo} que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e intelligencia.

XXXVIII. Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure tambem traduziram em Francez partes dos Lusíadas. (*Nota da segunda edição.*)

XXXIX. —1839.— Traducção sueca por Lovén, com este titulo: *Lusiaderne. Hjeltedikt of Luis de Camoés Ofversatt frän Portugisiskan, J originalets versform, Af Vils Lovén. Stockholm, tryckt hos L. J. Hjerta, 1839.*

1 vol. 12.^{mo} grande, de 224 pag., prefacio de iv pag., notas no fim, em xvi pag.

XL. —1841.— Traducção em verso francez por Aubert; com titulo: *Traduction des Lusiades de Camoens, par Ch. Aubert. Paris 1841. 1 vol. 12.^{mo}*

XLI.—1841.— Traducção em prosa franceza por Ortaire Fournier e Desaulés; com titulo: *Les Lusíades de Camoens. Traduction nouvelle, par M.M. Ortaire Fournier et Desaulés, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par*

Ferdinand Denis. Paris 1841. 1 vol. 12.^{mo} (Nota da terceira edição.)

XLII. — 1852. — Traducção em verso inglez dos primeiros cinco cantos, com o titulo: *The Lusiad of Camoens. Books. I. to V. Translated By Edward Quillinan. With notes By John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal &c. &c. &c. London 1853. 1 vol. 8.^{vo} (Nota da quarta edição.)*

AO CANTO OITAVO

NOTA UNICA

Louçan, transparente porçolana,
 Raro producto do Chinez longinquo,
 — Raro na Europa ainda, e então condigno
 Ornato de reaes copas..... pag. 138 e 139.

Rarissima era ainda a porçolana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de louça da India que fez o nosso sancto arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixellas de ouro e prata, como improprias de um successor de S. Pedro, e usasse d'aquella que nem era tão cara nem tão fastosa. Veja Fr. Luiz de Sousa, vid. do Arc. (*Nota da primeira edição.*)

AO CANTO NONO

NOTA A

O trovador moderno que descanta..... pag. 154.

O nome do trovador não foi privativo dos provençaes, porque portuguezes e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavalleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista*. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA B

Arrebatada

Por anjos infernaes a roca antiga
 Que ao prumo a descahiram — e fixada
 No incantado equilibrio, desafia
 Fôrças da natureza e arte dos homens ... pag. 157.

Vistos de certo ponto e distancia, os rochedos primitivos e descarnados d'aquella serra parecem com effeito collocados alli por meios sobrenaturaes.

Não haverá entre elles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou n'est'outros versos :

Celtico dolmin recordando o culto
 Do sanguento Endovelico, o terrivel
 Irminsulf dos ferozes Lusitanos pag. 158.

Dolmin, ou dolmen, é o singelo monumento celtico de uma pedra solitaria e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do genio, por sangue. Endovelico era deus celta, porventura traducção de Irminsulf assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano.

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interêsse o poeta só indica: tracte-as a sciencia, que o vallem. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA C

Guardando ainda,

No azul que em sua glória lhe vestiram,

As estrellas do Yaman e os inlaçados

Characteres do Hydjaz!..... pag. 457.

Ainda agora—A. D. 1839—se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quasi todo o estuque, e bocados d'elle com o azul vivo e animado, as estrellas, meias-luas e lettras arabicas bem distinctas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Vêja, sôbre a admiravel conservação d'estes frescos, as observações de Paw, *Recherch. Philos. Paris, an 3 de la républ.*

Se alguém fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notaveis vestigios antes que de todo se obliterem! (*Nota da segunda edição.*)

NOTA D

Éstas resistem

Mais que nenhuma ao minar de tempo . . . pag. 458.

É factó que póde cada um explicar a seu sabor, mas indisputavel para todos. — Na cidade habitada ainda por gerações que succederam a centenaes de gerações — na que jaz abandonada e deserta ja — os monumentos, os edificios publicos e particulares, ou renovados ou cahidos, ou sem deixar vestigio siquer, todas testemunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas. Porque será que as casas d'oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Philosophia responderá com um sorriso, a Piedade com um levantar d'olhos ao ceo. Nenhuma te convence: talvez. Mas se heide crer sem intender, porque hade ser antes no que ri e zomba, do que n'esse que vive tam certo em sua fé? (*Nota da segunda edição.*)

NOTA E

De Bernardim saudoso e namorado pag. 459.

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Mõça* é uma allegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Cintra, a sua ida

de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a infanta D. Beatriz casada com o duque de Saboia, são factos: o resto quem o póde affiançar? (*Nota da primeira edição.*)

No volume d'esta collecção em que se publica o *Auto-de-Gil-Vicente*, vem illustrado mais amplamente o ponto.

Imprimiu-se, na primeira edição do poema, Isabel em vez de Beatriz, por íngano desculpavel em quem escreveu e imprimiu em terra extranha, quasi sem um so livro portuguez. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA F

Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda pag. 160.

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos deciphrada e deciphavel do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me accusasse de ter seguido outra diversa no *Auto-de-Gil-Vicente*. Não era êrro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permittido violar a historia, que liberdade não terá elle com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lan-

ça-se ao mar, no *Auto-de-Gil-Vicente*; mas nenhum *nunciatus*, nenhum *σοφος* veio fóra, como na comedia ou tragedia antiga, dizer ao público: — ‘Bernardim Ribeiro affogou-se comeffeito: *nunc plaudite.*’ (*Nota da segunda edição.*)

NOTA G

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será pag. 165.

Duarte Nunes do Lião define *façanha*, acção notavel em cavallaria que se póde citar como aresto e caso-julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. chrôn. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA H

Prompto se offerece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagá-lo impregue .. pag. 167.

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou os *Lusiadas* em 1572 na officina de Antonio Gonsalves. Fez logo segunda edição no mesmo anno, segundo demonstrou o Morgado de Mattheus, e ja Faria-e-Sousa tinha descuberto. Desde então, pode-se dizer que a imprensa ainda não descançou de multiplicar exemplares d’esta assim como das outras obras de Luiz de Camões. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA I

Soa o brado ingente

Ja pela Europa ; e o nome lusitano

Ao nome de Camões eterno se une..... pag. 467.

Mais de uma vez se tem feito allusão, n'este poema, á immortalidade que o nome de Camões affiança á nossa lingua e ao nosso nome. Poucos ha tam populares e europeus como o d'elle. N'estes derradeiros tempos quasi que não ha lingua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o ingenho e carpido as desgraças do Homero portuguez.

Lord Strangford com as suas *paraphrases*, de pouco merito alias, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O Morgado de Matheus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as sympathias despertadas talvez pelo litterario *dandy*.

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scènes de la nature sous les tropiques*, appareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu *Camões*, que é d'esse anno, fiz a semsaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, intendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que tam bem tem merecido da nossa litteratura, se offendêra d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha

convicção íntima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Vi mais em Francez, publicado em 1831-32? um pequeno drama em prosa, cujo assumpto é a volta de Camões a Lisboa. Não me póde lembrar o nome do auctor.

Em Allemanha appareceu — *Tod des Dichters* — romance por Ludwig Tieck, Berlim 1834. É seguimento de uma publicação á maneira dos annuaes inglezes, intitulada *Novellenkranz*. 1 vol. 12.^{mo} de 347 pag. — Sahiram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros litteratos d'Allemanha.

N'uma collecção de poesias dinamarquezas que tem por titulo — *Nye Digte, Af Schack Staffeldt* — Kiel 1808. 8.^{vo} a pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens* em versos de diferentes medidas e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jáu de Camões, e vozes de anjos. Contém 24 pag. (*Nota da segunda edição.*)

Li o anno passado dois dramas allemães cujo protagonista é tambem o nosso Camões; são impressos 183... (*Nota da terceira edição.*)

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de Março 1854, um elegante e precioso estudo litterario sóbre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo Sr. Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como ar-

tigo na *Bibliothèque universelle de Genève*, e tem por titulo *Catherine d'Atayde. Genève, imprimerie Ferd. Ramboz et Cie. 1853.* Sinto que a ja demaziada extenção d'estas notas me não permitta inserir por extenso todo este opusculo, bem digno do seu objecto. (*Nota da quarta edição.*)

AO CANTO DÉCIMO

NOTA A

Á indigencia, á miseria-ahi succumba... pag. 471.

Seguindo a opinião do Morgado de Mattheus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dous irmãos Camaras — Luis Gonsalves e Martim Gonsalves — com toda a fealdade d'este crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam elrei, e que, segundo diz Faria-e-Sousa, *eran enemigos del poeta.* Com ésta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. bispo de Viseu, Lobo, quando, ajudado da auctoridade e argumentos do mesmo Faria-e-Sousa, confunde a villania de Mariz que tam indignamente quiz desculpar a ingrãtidão da cõrte á custa da reputação de Camões.

Mas ja que vai de fazer justiça a todos, façamo'-la

tambem ao govérno d'aquelle tempo, absolvendo-o da accusação, tam repettida ha quasi tres seculos, de que a pensão de quinze mil réis que lhe davam era, inda em cima, tam mal paga que o poeta dizia: 'que havia de pedir a elrei que trocasse os quinze mil réis por outros tantos açoites nos ministros por quem corria o pagamento.'

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por integra, em razão da novidade e interêsse do seu conteúdo, os seguintes documentos cujas authenticas me foram officialmente communicadas da Torre-do-Tombo. E fólgo de dar aqui público agradecimento á obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e á diligencia de seus empregados, que tam zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

'Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.^a (de ordem do meu Guarda-mor) as tres cópias junctas do alvará e appostillas de 15\$000 réis de tença concedida a Luiz de Camões, podendo assegurar a V. Ex.^a não existir n'este Archivo outro algum documento (e muito menos autographo) que pertença ao dito Camões. — Deus Guarde a V. Ex.^a — Real Archivo da Tôrre do Tombo 27 de Julho de 1839. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Chronista-mor do Reino. — José Manoel Severo Aureliano Basto, Official Maior.'

'Eu elrei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que Luis de camões caual-

leyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informaçã que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março deste anno presente de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricula dos mōradores de minha casa de como elle Luis de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martinho pireira do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça asentar no livro della estes quinze mil reis no titullo do thesoureiro mor pera nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima declarada e este allvara quero que valha como se fosse carta feita em meu nome sem embargo da ordenaçã do segundo livro que dispõe o contrario symão borrhão a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dous e eu Duarte dias o fiz escrever. — Está conforme ao livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 86 v.º — Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*'

‘Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio daguiar a folhas oitenta e seis E pasou pela[?]chancellaria a seis de Setembro de *setenta e dois*. — Ey por bem fazer merce a luis de camões de quinze mil reis cada anno conteudos neste allvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thezoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora pagarão com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com esa declaração se hasentarão no livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever. — Está conforme ao Livro 33 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 229. Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*’

‘Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões. — Ey por bem de fazer merce a luis de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dous

dias do mes dagosto deste anno presente de quinhentos setenta e oito em diante E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór assy e da maneira que ategora se lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricula dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeito della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dous de Junho de mil quinhentos setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que foram dados pela dita apostilla = Jorge da costa a fez escrever. — Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 119 v.º — Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.* (Nota da segunda edição.)

Os conscienciosos e infatigaveis desvellos do meu amigo o Sr. Visconde de Juromenha sahirão breve a público para illustrar ésta e outras questões biographicas relativas a Camões. (Nota da quarta edição.)

NOTA B

- 'Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado ja..... pag. 177.'

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Viseu, na memoria tantas vezes citada, claramente provou que 'o fallecimento do poeta no hospital público de Lisboa, se 'não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso.'

Vej. Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom. 7, pag. 230. (*Nota da segunda edição.*)

NOTA C

Uma fásca
Esquecida a tyrannos, lá scintilla'..... pag. 182.

Ésta é uma prophécia de poeta, cujo cumprimento póde ser explicado pelos successos de 1640, de 1800, ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de taes prophécias.

NOTA D

Junctos morremos... e expirou co'a patria pag. 185.

É notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que em quanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versi-

X

nhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnífico que este anno passado de 1824 expos no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos e esquecidos como estamos, que haja ainda portuguezes como o Sr. Sequeira que resuscitem, de quando em quando, o adormecido echo de nossa antiga fama. (*Nota da primeira edição.*)

NOTA E

Onde jaz, Portuguezes, o moimento

Que do immortal cantor as cinzas guarda?. pag. 483.

Camões foi interrado em sepultura humilde e raza ao lado esquerdo da porta principal da egreja do convento de Sanct'Anna, que então servia de parochia. Dezeses annos depois, D. Gonsalo Coutinho, o mesmo que tam affeiçoado lhe fôra n'outro tempo, mas que parecia te-lo desamparado nos ultimos dias de sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonsalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido—em dezeses annos!—da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas difficuldades, 'por não haver indício' diz o Sr. bispo de Viseu, Lobo, 'que o fizesse logo advertir'; mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da egreja, e assentou sôbre

ella uma pedra em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões

Principe

Dos poetas do seu tempo;

Viveu pobre e miseravelmente:

E assi morreu.

Anno M. D. LXXXIX.

Martim-Gonsalves da Camara, o famoso escrivão da puridade d'elrei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonsalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lápide aquell'outro epitaphio em distichos latinos, composição do padre Mattheus Cardozo jesuita, toda hyperbolica, engenhosa e de conceitos, que ou me ingano muito ou, per si mesmos, esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O chronista franciscano attesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da igreja no sitio onde fôra a primitiva sepultura do poeta, e alli foram postos em seu obsequio com emblemas e tropheos militares.

No terremoto de 1755 o tecto da igreja, que era

de abobada, cahiu com todo o seu pêso sôbre o centro d'ella e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram empé, e o resto do pavimento de ambos os lados da igreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testemunha a existencia de muitas lapidas, inscrições tumularias, brazões etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A igreja concertou-se; as freiras, que até alli não tinham tido senão côro de cima, fizeram côro de baixo tambem, tapando a porta principal da igreja que era fronteira ao altar mor, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões — em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sítio em que a grade do côro de baixo agora parte a igreja quasi a meio.

Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou perguntar se se posera ou não signal n'aquella sepultura; todos se contentaram desmazeladamente com dizer: — 'Perdeu-se com o terremoto.' E passou em julgado. Invergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional, mas não se tractou nunca de ver se era possivel repará-la.

So n'este seculo, um homem não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José-Agostinho de Macedo por s foi ouvido dizer, a várias pessoas inda vivas,

que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto so destruíra a loiza, não o jazigo.

Provavelmente não havia impenho no presummido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou ésta incúria geral portugueza se ficou na prigiça de que nada parecia podêr ja despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente éstas circumstâncias locaes, e não tinha nem o menor vislumbre de que fôsse possivel virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoy* de proençal, ou com mais exacção de acre *sirvente* que fustiga um crime público—em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Govêrno, todos peccaram de culposa incúria em não ter feito a minima diligencia para descubrir o monumento de sua maior glória. Volumes de *providencias* do marquez de Pombal, milhões de despezas em desintulhos, concertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descubrir o jazigo de Luiz de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego e sem valimentos, o imprehender a desaffronta da nação e o desaggravo do seu grande genio.

Na sociedade que se formára em Lisboa em 1835 com o titulo da Sociedade dos Amigos das Lettras, o Sr. Castilho propos que se não dêsse toda a espe-

rança por perdida, que elle tinha fé que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligencias com zêlo e impenho.

Nomeou-se uma commissão; o Govêrno e o Sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solemnidades explorada a igreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no proprio sitio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortaes do immortal cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem lettra nem devisa, cobrindo um vão argamaçado e ladrilhado, com dous ou tres degraus que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insufficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma igreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, á mingua de *authênticas* formaes, podem crer em reliquias authenticadas com probabilidades tam vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se póde provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia; de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, so nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Apparece uma nova, como é nova toda a linha media do pavimento da igreja.

Não apparece, apezar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alli viesse interrar-se. Estamos como no tempo em que D. Gonsalo Coutinho procurava a ja esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *difficuldades* que fazem hesitar, mas que são muito vençiveis: nenhuma razão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas occurrencias de Setembro de 1836, tempo em que a commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatorio circumstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai apparecer brevemente ao público¹.

O meu amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resummi, está actualmente dispondo aquelle relatorio, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tam grande descuberta, e vir emfim a nação portugueza a recuperar o seu Palladio litterario. Dar-lhe-ha ella depois sanctuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemo'-lo ao menos. (*Nota da segunda edição.*)

¹ Escrevia-se ésta nota em 1839. Não me consta que nada apparecesse até hoje. Março de 1854.

NOTA F

Canto de indignação, último accento
Que jamais sahirá da minha lyra pag. 185.

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Ingana-se. Realmente desde ésta epocha não tornei a imprehender uma obra poetica, não tornei propriamente a fazer versos. A canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista — com dous ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos de que me accuso. Coisas velhas e anteriores, emendei e conclui muitas.

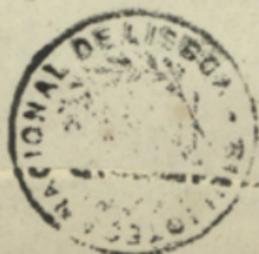
Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos teem, — que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que ja não *creio*; e para ser poeta é mister *crer*. Ja não creio senão em Deus: e agora so se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomára eu podêr commigo que os fizesse — meus ricos versos! Que me não façam *almotacé do bairro*, como dizia o Tolentino — regedor de parochia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção*, lembrame sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir; elles, coitados, saberão elles que fazem prosa? (*Nota da segunda edição.*)

INDICE

PREFACIO na quarta edição.....	V
» na terceira edição.....	VII
» na segunda edição.....	IX
» na primeira edição.....	XIV
CARTA ao auctor.....	XVII
ODE de M. ^{elle} de Flaugergues.....	XVIII
TRADUCÇÃO por J. M. do Amaral.....	XIX
CAMÕES, canto primeiro.....	1
» canto segundo.....	29
» canto terceiro.....	43
» canto quarto.....	67
» canto quinto.....	89
» canto sexto.....	103
» canto septimo.....	115
» canto oitavo.....	137
» canto nono.....	153
» canto décimo.....	169
NOTAS ao canto I.....	189
» ao canto II.....	206
» ao canto III.....	211
» ao canto IV.....	222
» ao canto V.....	226
» ao canto VI.....	228
» ao canto VII.....	231
» ao canto VIII.....	251
» ao canto IX.....	252
» ao canto X.....	259



INDICE

v	PRÉFACIO NA quarta edição
vii	na terceira edição
ix	na segunda edição
xiv	na primeira edição
xvii	CARTA DO AUTOR
xviii	Ord. de M. ^{lle} de Pangergues
xix	TRADUÇÃO por J. M. de Amaral
1	GAMÕES canto primeiro
28	" " canto segundo
43	" " canto terceiro
67	" " canto quarto
80	" " canto quinto
103	" " canto sexto
115	" " canto sétimo
137	" " canto oitavo
153	" " canto nono
169	" " canto décimo
180	NOTAS ao canto I
206	" " ao canto II
211	" " ao canto III
222	" " ao canto IV
226	" " ao canto V
228	" " ao canto VI
231	" " ao canto VII
231	" " ao canto VIII
232	" " ao canto IX
230	" " ao canto

Campos
M



